



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**

**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**“Desde que eles não mostrem”: Perspetivas de Professores/as sobre Orientação Sexual e Identidades LGBT**

**Paulo César Amaro Pelixo**

Orientação: Professora Doutora Madalena Melo

**Mestrado em Psicologia**

Área de especialização: *Psicologia Clínica e da Saúde*

Dissertação

Évora, 2014



**UNIVERSIDADE DE ÉVORA**  
**ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**Mestrado em Psicologia**  
*Especialização em Psicologia Clínica*

**“Desde que eles não mostrem”: Perspetivas de Professores/as sobre  
Orientação Sexual e Identidades LGBT**

Paulo César Amaro Pelixo

**Orientadora:**  
Professora Doutora Madalena Melo

Évora, Janeiro de 2014

*“Perdoa-se o pecado, mas não o escândalo.”*

Provérbio Peruano

*“My son, Matthew, was a bright star poised to take on the future. He had such hopes and potential. He was an enthusiastic student, an articulate speaker, and he was honestly gay. His life was crushed by the hatred of others. I believe that my son was killed because somehow, somewhere, his killers learned that the lives of gay people are not as worthy of respect, dignity and honor as the lives of other people. I ask you to ensure that students in your school never learn that dangerous lesson.”*

Judy Shepard (mãe de Matthew Shepard, jovem vítima de crime de ódio)

## Agradecimentos

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora, a Professora Doutora Madalena Melo, não só pela paciência e tolerância “SPSSéssicas”, mas sobretudo pela compreensão, pelo estímulo e pelo apoio constante, e por me ajudar a descobrir o prazer e a curiosidade pela investigação. Um grande, grande obrigado...

Um especial agradecimento às Escolas que acederam colaborar com esta investigação, bem como a todos/as os/as participantes que disponibilizaram o seu tempo para colaborar com este estudo. Sem a vossa participação, não teria sido possível...

Não podia deixar de agradecer a todas pessoas sem as quais “isto” não teria sido possível, nomeadamente à Liliana Vinagre e às conversas matutinas que partilhámos que me inspiraram a investigar sobre esta temática; à Soneca e à João, pelo “apoio técnico” e sobretudo pela enorme amizade; à minha família, por me estimularem e por entenderem as minhas ausências...

Um grande obrigado à Associação dos Amigos da Criança e da Família *Chão dos Meninos*, quer à Direção quer às colegas de trabalho (especialmente, Patrícia e Maria), por me permitirem esta aventura, por me apoiarem, por me facilitarem (e inventarem) tempo...

Um obrigado enorme à Ana Sampaio e à Ana Luísa Charneca...

Um obrigado aos amigos/as que me aturaram, me apoiaram e me disseram que “é normal” quando eu desanimei...

A todos/as os/as que me fizeram acreditar que é possível (e necessário) lutar por uma sociedade mais igualitária, onde não é preciso ser heterossexual para ser inteiro.

Ao Paulo, por concretizar as palavras de Agustina Bessa-Luís, mostrando-me à *sua maneira* que o amor não é outra coisa que uma forma de proteção...

## **“Desde que eles não mostrem”: Perspetivas de Professores/as sobre Orientação Sexual e Identidades LGBT”**

### **Resumo**

Partindo da contextualização do preconceito relativamente a pessoas LGBT, este estudo tem como principal objetivo compreender a complexidade da expressão de preconceitos por parte de professores/as em relação a gays e lésbicas, área em que a investigação parece ser limitada. Neste sentido, procurámos avaliar esta questão com recurso a uma amostra de 204 professores/as de 13 escolas públicas do Distrito de Évora.

Na realização deste trabalho, foram aplicados três instrumentos: Questionário de Caracterização Sociodemográfica, Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) e a sub-escala do Heterossexismo Moderno da Escala Multidimensional de Atitudes em relação a Gays e Lésbicas (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012).

Os principais resultados encontrados sugerem que o sexo, idade, posicionamento político e religiosidade dos/as participantes se encontram relacionados com a expressão de preconceitos em relação a gays e lésbicas.

**Palavras-chave:** identidades LGBT, heterossexismo, preconceito sexual, preconceitos modernos, preconceitos multidimensionais.

## **“As long as they don’t show it: teacher’s perspectives on sexual orientation and LGBT identities”**

### **Abstract**

Through the contextualization of the historical, social and cultural heterosexism, this study aims to explore the complexity of teachers’ prejudice expression toward gay and lesbian people, in which the research is still sparse. We assess this question in a particular sample of 204 teachers from public schools in Évora District.

In this work, the following instruments have been applied: a sociodemographical data questionnaire, the Multidimensional Polymorphous Prejudice Questionnaire (Massey, 2006) and the Modern Heterosexism Scale from the Multidimensional Scale of Attitudes toward lesbians and gay men (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012).

The main results suggest that the participants’ sex, age, political ideology and religious beliefs are related to the expression of prejudice.

**Key Words:** LGBT identities, heterosexism, sexual prejudice, modern prejudice, multidimensional prejudice.

# Índice

|   |           |
|---|-----------|
| Introdução .....  | 1         |
| <b>Parte 1: Enquadramento Teórico .....</b>   | <b>4</b>  |
| <b>Capítulo I: Contextualizando os preconceitos em relação a pessoas LGBT .....</b>   | <b>5</b>  |
| 1.1)Homens com H (de hegemonia): ditaduras de género e marginalização de pessoas LGBT .....   | 5         |
| 1.2)Um percurso de intolerância: alguns aspetos acerca da perseguição histórica de pessoas LGBT.....                                | 7         |
| 1.3)Como os pervertidos se tornaram homossexuais: alguns aspetos acerca da condenação “científica” de pessoas LGBT.....             | 8         |
| 1.4)Como os/as homossexuais se viram catalogados/as no <i>DSM</i> : a condenação de pessoas LGBT pela Psicologia.....               | 11        |
| 1.5)Como os/as homossexuais se tornaram gays e lésbicas: ativismo, reclassificação e resignificação da homossexualidade.....        | 13        |
| <b>Capítulo II: Analisando os preconceitos em relação a pessoas LGBT.....</b>   | <b>16</b> |
| 2.1)Os conceitos dos preconceitos .....   | 16        |
| 2.1.1)Mudam-se os tempos, ajustam-se os preconceitos: manifestações tradicionais e modernas de preconceito.....                     | 18        |
| 2.2) “ <i>Os gays hádem todos morrer</i> ”: homofobia como expressão de hostilidade individual.....                                 | 20        |
| 2.3)“ <i>Straight to the point</i> ”: heterossexismo ou a ditadura da heterossexualidade.....                                       | 22        |
| 2.4)“ <i>The only gay in the village</i> ”: construção e afirmação de identidades LGBT num mundo (aparentemente) heterossexual..... | 25        |
| <b>Parte 2: Estudo Empírico.....</b>  | <b>30</b> |
| <b>Capítulo I: objetivos e questões de investigação.....</b>  | <b>30</b> |
| <b>Capítulo II: Metodologia.....</b>  | <b>31</b> |
| 2.1)Participantes/Amostra.....  | 31        |
| 2.2)Instrumentos.....   | 33        |
| 2.3)Procedimentos.....  | 35        |
| 2.3.1)Procedimentos de recolha de dados.....  | 35        |
| 2.3.2)Procedimentos de análise de dados.....  | 36        |

|  |        |
|--|--------|
| <b>Capítulo III: Apresentação e Análise de Resultados</b> .....                                  | 39     |
| 3.1)Análise Psicométrica dos instrumentos utilizados.....  | 39     |
| 3.1.1) Análise Fatorial Exploratória do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo..... | 39     |
| 3.1.2)Análise da Consistência Interna dos instrumentos utilizados.....                           | 43     |
| 3.2)Análise dos principais resultados obtidos.....   | 44     |
| 3.2.1)Comparação das médias em função do sexo dos/as participantes.....                          | 44     |
| 3.2.2)Análise da comparação de médias de variáveis independentes – ANOVA <i>oneway</i> .....     | 45     |
| 3.2.3)Corelações de Pearson – Análise das relações entre as variáveis.....                       | 50     |
| 3.2.4)Regressão Linear – Análise da causalidade entre variáveis.....                             | 52     |
| <br>Discussão Global de Resultados.....  | <br>59 |
| <br>Conclusões Gerais.....   | <br>63 |
| <br>Referências Bibliográficas.....  | <br>68 |
| <br>Anexos.....  | <br>77 |



## **Introdução**

Nas últimas décadas, temos assistido a um interesse crescente pelas temáticas LGBT (Jones & Hill, 2002), e por uma maior visibilidade em discursos sociais e políticos (Poteat & Mereish, 2012) por vezes acompanhadas por mudanças legais que visam a diminuição da discriminação baseada na orientação sexual e/ou na identidade de género (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010).

As conquistas LGBT, nomeadamente a nível político e de visibilidade positiva, têm afetado positivamente as atitudes sociais, persistindo no entanto, preconceitos e desinformação por parte da população em geral, mas também de setores específicos (Oliveira & Nogueira, 2010).

Assim pessoas LGBT parecem ser apenas toleradas por parte da população heterossexual, não havendo efetivos respeito e integração quer de pessoas não heterossexuais quer dos seus direitos (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012), pois gays e lésbicas são continuamente discriminados/as. É-lhes negado o acesso a direitos e instituições (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010), sobretudo em situações em que não demonstram uma aparência compatível com o seu sexo biológico e com as respetivas normas de género e não se fixam em relações românticas, monogâmicas e de comprometimento afetivo (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010), sendo que são mais toleradas quando não partilham informação acerca dos seus comportamentos, afetos e relações, ou seja, quando são invisíveis (Davies, 2003; Sue, 2010).

Em Portugal, e apesar dos ganhos em termos políticos, os valores relacionados com a diversidade sexual não se encontram enraizados na cultura portuguesa e muitas pessoas vivem em realidades ainda estigmatizadas, sendo alvo dos mais variados preconceitos (Oliveira & Nogueira, 2010), tratamentos desiguais, insultos, abusos e violências.

Neste sentido, este estudo pretende compreender a expressão de preconceitos relativamente a pessoas LGBT, mais especificamente, em relação a lésbicas e gays, pois embora tenha havido um aumento de produção na investigação nesta área, não parece existir muita informação acerca da expressão de preconceitos por parte de populações específicas, como é o caso dos/as professores/as. Estes/as pelo seu papel educativo e por lidarem com crianças e jovens que se encontram não só, em pleno processo de construção de opiniões, mas também eles/elas próprios/as a descobrirem e a construírem as suas identidades, poderão ter um papel muito importante na desmistificação de crenças, estereótipos e preconceitos em relação a pessoas LGBT. Por outro lado, poderão também constituir figuras de referência para jovens não heterossexuais.

Na exploração desta temática, assumimos que nas sociedades ocidentais as expressões abertas de preconceito têm vindo a evoluir, e a transformar-se em preconceitos subtis, indiretos e invisíveis, que por se encontrarem profundamente enraizados em concepções culturais, crenças e valores que se estendem desde políticas institucionais às atitudes individuais, continuam a oprimir pessoas e grupos, nomeadamente, pessoas não heterossexuais (Massey, 2009; Sue, 2010).

Embora o conceito homofobia seja amplamente utilizado na literatura e na investigação acerca de preconceitos em relação a pessoas não heterossexuais, neste estudo optámos por caracterizar o preconceito sexual enquanto heterossexismo. Esta decisão prende-se com o facto de abordarmos o preconceito de um ponto de vista social e não individual e também com o facto dos referenciais teóricos dos instrumentos utilizados nesta investigação abordarem o preconceito através da análise de manifestações tradicionais (ou aversivas) e modernas de heterossexismo.

Embora este trabalho se foque nas perspetivas sobre gays e lésbicas e as conclusões do mesmo sejam relativas a estes dois grupos, optámos por utilizar o acrónimo LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros) ao longo do mesmo. Apesar da utilização deste acrónimo poder obscurecer as características específicas (Jones & Hill, 2002) e processos de desenvolvimento diferentes (Fisher & Akman, 2002) destas pessoas, optámos por utilizá-lo pelo facto de que lésbicas, gays, bissexuais e transgéneros estarem sujeitos/as a formas de opressão social comuns (Costa, Oliveira, Pereira & Nogueira, 2010; Morrow, 2006), apresentando experiências semelhantes relacionadas com preconceito, estigma, discriminação, rejeição e violência (Meyer, 2006).

Em relação à organização deste estudo, o mesmo compreende o *Enquadramento Teórico* que inclui a revisão de bibliografia em relação às dimensões em estudo; o *Estudo Empírico*, em que referimos a descrição procedimental e analítica dos dados obtidos de modo a responder aos objetivos e questões de investigação; e as *Conclusões Gerais*, apresentando uma reflexão geral sobre os resultados encontrados e sobre a sua importância para a intervenção. São ainda apresentadas as *Referências Bibliográficas* consultadas, bem como os *Anexos*, onde se incluem documentos pertinentes para a compreensão do estudo realizado.

O *Enquadramento Teórico* engloba dois capítulos. No primeiro, e porque é fundamental compreender o contexto histórico, social e cultural de construção de preconceitos em relação a pessoas não heterossexuais, contextualizamos o preconceito sexual no quadro das normas de género das sociedades ocidentais e da evolução histórica das mesmas. Por outro lado, abordamos a legitimação dos preconceitos pela Ciência e por algumas correntes da Psicologia e analisamos o papel

do ativismo LGBT e das perspectivas sociais na reclassificação e resignificação das homossexualidades.

O segundo capítulo analisa os preconceitos relativamente a pessoas não heterossexuais, explorando as definições, etiologia e funções dos preconceitos. Abordam-se também as transformações dos preconceitos, resultado de valores e consciência sociopolíticas contemporâneas.

Ainda neste capítulo, exploramos as conceitualizações que enquadram os preconceitos sexuais enquanto homofobia e enquanto heterossexismo. Especificamente em relação ao heterossexismo, e uma vez que neste trabalho, optámos por conceitualizar o preconceito sexual desta forma, discutimos as manifestações de heterossexismo e as consequências opressoras para pessoas LGBT. Neste capítulo, procuramos também explorar os desafios que são colocados a pessoas não heterossexuais por sociedades e contextos homofóbicos e/ou heterossexistas.

O *Estudo Empírico* é composto por três capítulos, sendo que no primeiro explicitamos os objetivos e questões de investigação; no segundo capítulo apresentamos o plano metodológico deste estudo, nomeadamente, a descrição da amostra, dos instrumentos e dos procedimentos de recolha e de análise de dados; no terceiro capítulo, apresentamos e analisamos os resultados obtidos, descrevendo a análise psicométrica dos instrumentos utilizados e a análise dos procedimentos que procuram responder às questões de investigação colocadas.

Apresentamos em seguida a *Discussão Global de Resultados*, onde analisamos os dados obtidos de acordo com as questões de investigação definidas previamente.

No final deste trabalho, apresentamos as *Conclusões Gerais*, onde procedemos a uma reflexão geral sobre os resultados encontrados e as limitações deste estudo que condicionam a apreciação dos mesmos. Apresentamos também perspectivas futuras e implicações para a intervenção.

# Parte I: Enquadramento Teórico

## **Capítulo 1: Contextualizando os preconceitos em relação a pessoas LGBT**

### **1.1) Homens com H (de hegemonia): ditaduras de género e marginalização de pessoas LGBT**

Os papéis de género são relativos ao modo como social ou culturalmente são desempenhados comportamentos vistos como masculinos ou femininos (Clarkson, 2006). Estes papéis são socialmente construídos, diferindo assim de contexto para contexto e com significados relativos (Carneiro, 2009), tendo por base a crença de que a ordem social é construída sobre a masculinidade e feminilidade, e que estas são categorias binárias, autónomas e homogéneas (Howson, 2006).

O desempenho da masculinidade e da feminilidade implica obedecer a um *script* socialmente determinado, do qual as pessoas nem sempre estão conscientes, envolvendo a adoção de comportamentos específicos e a recusa de outros, sendo as pessoas são sancionadas quando manifestam comportamentos dissonantes com o seu papel de género (Oliveira & Amâncio, 2002).

Nas sociedades ocidentais, a masculinidade hegemónica domina todas as outras manifestações de género. Por partir do pressuposto de que a função masculina é, qualitativa e quantitativamente, mais importante e que a função feminina lhe é complementar (Oliveira & Amâncio, 2002), a masculinidade hegemónica legitima a patriarcado, a posição dominante dos homens, a hierarquização de homens e mulheres e a subordinação destas últimas e de todos/as aqueles/as que manifestam comportamentos considerados inapropriados tendo em conta o seu sexo biológico (Pinilla, 2012), fazendo prevalecer o androcentrismo na política, na economia e também a nível moral, intelectual (Howson, 2006). Por assentar em definições rígidas de sexo e género (Howson, 2006), a masculinidade hegemónica concetualiza, categoriza e produz as sexualidades a partir da referência masculina, partindo do princípio que a mesma é heterossexual, dominante, ativa e reprodutora (Almeida, 2010).

As características que definem esse tipo de masculinidade, e que são amplamente partilhadas pela cultura dominante (Marques, 2004) são a etnia caucasiana, classe média, racionalidade, educação, espírito competitivo, independência, heterossexual, e também a agressividade controlada e dirigida, a ambição (Howson, 2006), a misoginia, a homofobia e a dominância no contexto doméstico (Marques, 2004), bem como a capacidade de exercer poder e dominar outros homens e mulheres (Tharinger, 2008).

Embora nem todos/as consigam reunir todas estas características, as mesmas funcionam como ideal e como guia de ações e comportamentos. A masculinidade hegemónica não pode assim ser entendida como domínio direto sobre os outros, mas sim como ascendência que se reflete na sociedade (Amâncio, 2004) e como polo de comparação, subordinando a um menor estatuto outras identidades disponíveis para os homens e para as mulheres (Marques, 2004), não lhes sendo atribuídos o mesmo respeito e autoridade (Howson, 2006; Tharinger, 2008).

Existe assim uma organização hierárquica de masculinidades, com um modelo hegemónico que atua como veículo de poder de género (Pinilla, 2012), que é reforçado por várias instituições sociais, nomeadamente pela escola (Tharinger, 2008). Sob os ideais de masculinidade hegemónica, pessoas não heterossexuais são subordinadas (Pinilla, 2012) e sujeitas às contradições entre as regras de atribuição de género e as normas que regem a sexualidade (Amâncio, 2004), sendo a homossexualidade lida como uma violação das normas de género, o que leva ao estabelecimento da dicotomia heterossexual – homossexual, tendo este último um significado insultuoso (Almeida, 2010).

A construção da masculinidade faz-se a partir da negação da feminilidade. A imagem estereotipada da homossexualidade está ligada ao feminino, então a identidade masculina desenvolve-se também a partir da negação da homossexualidade (Clarkson, 2006; Moita, 2001; Pinilla, 2012; Wilkinson, 2004a).

Denegrir mulheres e homens não heterossexuais e torná-los indesejáveis são estratégias para reforçar a autoestima do grupo hegemónico e delimitar o ideal e o aceitável para aqueles/as que querem manter a sua pertença grupal (Marques, 2004). Assim, a prevalência da homofobia nas sociedades ocidentais parece estar relacionada com o facto de a homossexualidade ameaçar a estrutura social central que assegura que os valores referentes à masculinidade sejam dominantes (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010; Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010; Davies, 2003; Lipkin, 2004).

Assim, os homens gay são enquadrados em masculinidades subordinadas, ou seja, aquelas que violam a ordem de género estabelecida (Howson, 2006), e as mulheres lésbicas sujeitas a uma dupla estigmatização, por serem lésbicas e por serem mulheres, sendo remetidas à invisibilidade e à não-existência (Almeida, 2010).

Atitudes e discursos homofóbicos estão muitas vezes associados a rituais performativos de masculinidade hegemónica (Amâncio, 2004), em que sob o constructo da masculinidade hegemónica, as pessoas se sentem legitimadas nas agressões, violências e abusos perpetradas sobre pessoas não heterossexuais (Tharinger, 2012), por estas não integrarem as normas sociais heterossexistas que

pressupõem que todas as pessoas são heterossexuais, que estabelecem relações afetivas e sexuais com pessoas do sexo oposto e se conformam com as normas de gênero relativas ao seu sexo biológico (INMA, 2011).

## **1.2) Um percurso de intolerância: alguns aspetos acerca da perseguição histórica de pessoas LGBT**

Pessoas LGBT têm sido objeto de um longo processo histórico de perseguição, estigmatização e marginalização (Cullen & Barnes-Holmes, 2008) e de silenciamento, pois a própria História, foi investigada e escrita de forma a excluir referências positivas à homossexualidade e aos contributos positivos de pessoas LGBT (Davies, 2003). Ao analisar o percurso de pessoas LGBT na história das sociedades ocidentais, verificamos que quer através da criminalização de comportamentos quer através da patologização de comportamentos e identidades (Amâncio, 2004), o percurso de pessoas não heterossexuais tem sido marcado pela perseguição e pela violência, legitimadas pelas religiões, pelas legislações, pelas ciências e pela moral coletiva.

Nas sociedades ocidentais ainda prevalecem visões e juízos acerca de pessoas não heterossexuais que derivam de conceitos populares que foram construídos tendo como base crenças e mitos de culturas anteriores, legitimados por instituições civis, religiosas e profissionais que criminalizaram, condenaram e/ou patologizaram comportamentos, afetos e pessoas (Ritter & Terndrup, 2002).

Estas noções têm sido alvo de longos processos de desconstrução e reconstrução através de vários séculos e de várias gerações, resultando em diferentes atitudes, perspectivas e opiniões acerca da homossexualidade (Ritter & Terndrup, 2002).

Desde a tolerância social greco-romana, em que nem princípios legais nem princípios religiosos sancionavam as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo (Bailey, 2003; Murray, 2000; Tully, 2000) até à moral e ética judaico-cristãs, que na regulação da vida pública e privada dos elementos das sociedades, tornaram inaceitáveis os comportamentos LGBT, muitas têm sido as formas de encarar estas questões (Murray, 2000).

Na sociedade ocidental, o percurso da intolerância em relação a pessoas LGBT iniciou na Idade Média, quando as atitudes e crenças que recusavam comportamentos sexuais entre pessoas do mesmo sexo se integraram nas normas e teologia sociais do Cristianismo, que liderou a perseguição destas pessoas que passaram a ser punidas com tortura e pena de morte (Ritter & Terndrup, 2002).

A criminalização e a perseguição europeias estenderam-se às colónias no resto do mundo, em que algumas culturas nativas manifestavam tolerância e/ou aceitação de pessoas, comportamentos e afetos LGBT (Messinger, 2006). Tal como na Europa, de

forma a estabelecer conformidade com a ordem social vigente, foram reguladas e restringidas as moralidades pessoais e os comportamentos sexuais. As normas legais e religiosas eram especialmente severas no que respeita a relações sexuais entre homens, enquadradas no crime de sodomia (Murray, 2000).

No entanto, estes comportamentos não eram atribuídos a categorias específicas de pessoas ou a pessoas com uma identidade LGBT (Almeida, 2010), mas sim considerados comportamentos perversos, imorais e contranatura entre pessoas do mesmo sexo (Bailey, 2003; Cass, 1990; Herek, Chopp & Strohl, 2006).

### **1.3) Como os pervertidos se tornaram homossexuais: alguns aspetos acerca da condenação “científica” de pessoas LGBT**

Até à década de 60 do século XIX, não existia um consenso científico em relação à homossexualidade, sendo os comportamentos homossexuais considerados violações da natureza, da moralidade ou da lei (Cullen & Barnes-Holmes, 2008; Ritter & Terndrup, 2002; Tiefer, 1999).

A concetualização da homossexualidade foi estabelecida pela medicina e pela psiquiatria (Almeida, 2010; Carneiro, 2009), que substituiu as concepções religiosas acerca de comportamentos homossexuais (Santos, 2004) e legitimou o preconceito, apresentando a homossexualidade como patologia, bloqueio desenvolvimental ou perturbação psicológica (Ritter & Terndrup, 2002).

Karl Ulrichs foi um dos primeiros investigadores a atribuir os comportamentos homossexuais a uma categoria específica de pessoas, que o mesmo designava como Uranianos (Sell, 2006). Segundo Ulrichs, a orientação sexual era inata e devia-se ao facto das pessoas terem mente e alma de um sexo específico, mas um corpo do sexo oposto. Desta forma, os desejos sexuais não correspondiam aos caracteres sexuais que a pessoa manifestava, verificando-se uma inversão (Walker, 2001).

Posteriormente, John Addington Symonds utilizou o termo inversão para designar comportamentos não heterossexuais, pois encarava as atrações entre pessoas do mesmo sexo como inversões da norma, que no entanto não eram patológicas (Ritter & Terndrup, 2002).

O termo homossexual é utilizado pela primeira vez pelo médico húngaro Karoly Maria Benkert (sob o pseudónimo de Kertbeny), para designar não comportamentos, mas sim um grupo específico de pessoas que se sentiam atraídas por pessoas do mesmo sexo (Herek, Chopp & Strohl, 2006; Marcus, 2005; Oliveira, 2010; Walker, 2001).

Dentro da comunidade médica, os comportamentos homossexuais foram progressivamente associados a patologias (Ahmad & Bhugra, 2010; Cullen & Barnes-Holmes, 2008), sendo os/as homossexuais vistos como pessoas portadoras de uma



doença na qual não tinham responsabilidade, mas que necessitava tratamento (Cass, 1990). Assim a homossexualidade deveria ser descriminalizada, pois os/as homossexuais eram doentes e não criminosos e deveriam receber tratamento para os seus impulsos e instintos homoeróticos (Coleman, 1990; Ritter & Terndrup, 2002).

Em 1884, o sexologista austríaco Richard von Krafft-Ebing publica *Psychopathia Sexualis*, em que defende que pessoas homossexuais são sexualmente perversas e portadoras de instintos anormais. As ideias de Krafft-Ebing alastraram e estas conceções começaram a ser utilizadas, primeiro pela comunidade científica, e posteriormente, pelos *media* e pelo público em geral, distinguindo-se entre a heterossexualidade normal e a homossexualidade anormal (Coleman, 1990).

As pretensões humanistas da comunidade médica que pretendiam retirar a homossexualidade da esfera da lei, substituíram os princípios religiosos e legais na opressão a pessoas LGBT (Ritter & Terndrup, 2002). Muito influenciadas por configurações políticas e culturais, as correntes científicas do final do século XIX e início do século XX refletiram sobretudo as ideologias relacionadas com a moral sexual, com a rigidez de papéis de género e com a biologização de diferenças sexuais (Carneiro, 2009).

Os modelos científicos desenhados com base nestas conceções permitiram validar cientificamente o domínio do masculino sobre o feminino e a hegemonia de um modelo de sexualidade entre pessoas do sexo oposto, que categorizava como perversas quaisquer práticas sexuais não abrangidas pelo mesmo (Carneiro, 2009).

O modelo biomédico daqui resultante atuava a nível da leitura, explicação e tentativa de modificação de comportamentos homossexuais, reforçando a rejeição histórica, social e cultural de pessoas LGBT e validando as estruturas sociais de silenciamento e condenação de sexualidades não heterossexuais (Carneiro, 2009).

A cientificação e essencialização da homossexualidade, baseada na busca da etiologia da mesma, estenderam-se ao longo de todo o século XX, partindo do reconhecimento da existência de estruturas psicológicas ou biológicas que organizam os desejos e afetos das pessoas e dirigem os seus comportamentos e práticas heterossexuais, homossexuais ou bissexuais (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010; Schneider, 2001). Assim, as posições essencialistas defendem que a orientação sexual é determinada de forma biológica ou adquirida em etapas muito precoces do desenvolvimento (Eliason & Schope, 2007; Haldeman, 1999; Lipkin, 2004; Marinucci, 2010; Oliveira, 2010; Savin-Williams, 2009).

Na década de 1990, intensificaram-se os estudos essencialistas que procuravam compreender a etiologia da homossexualidade (Ahmad & Bhugra, 2010; LeVay, 2010; Smith, 2004). Uma das linhas de investigação desenvolvida, a teoria de exposição

hormonal pré-natal, coloca a hipótese de que o sistema endócrino, através das hormonas, masculiniza ou feminiza o cérebro do feto em desenvolvimento, o que irá influenciar a orientação sexual do indivíduo (Hershberger, 2001; Jenkins, 2010).

Uma segunda linha de investigação sugere que a orientação sexual pode ser compreendida a partir da análise molecular das sinapses entre os neurónios (Jenkins, 2010). Esta perspetiva analisa as diferenças neuroanatômicas entre homossexuais e heterossexuais e a interação entre padrões hormonais e organização anatómica, partindo do princípio heterossexista que o cérebro dos homens gay se assemelha ao cérebro de mulheres heterossexuais, enquanto o cérebro de mulheres lésbicas se assemelha ao cérebro dos homens heterossexuais (Hershberger, 2001; Weill, 2009).

Uma outra linha de investigação debruçou-se sobre a influência dos genes na determinação da orientação sexual (Bem, 2001; Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010; LeVay, 2010), considerando que a homossexualidade é genética e que quanto mais aparentadas forem as pessoas, mais similares serão as suas orientações sexuais (LeVay, 2010; Ritter & Terndrup, 2002).

Apesar das teorias essencialistas ainda dominarem a compreensão e investigação acerca da orientação sexual (Bem, 2001; Hershberger, 2001; Jackson, 2006; Oliveira, 2010), têm sido alvo de várias críticas, nomeadamente o facto de a investigação partir de pressupostos claramente heterossexistas e heteronormativos que entendem a heterossexualidade como norma e a homossexualidade como anomalia desenvolvimental que necessita explicação (Bem, 2001; Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010), o que conduz a enviesamentos na análise das atrações homoeróticas, bem como a leituras redutoras sobre a relação e interação entre género e orientação sexual (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010).

Por outro lado, os estudos essencialistas apresentam modelos de sexualidade supostamente universais e independentes de contextos históricos ou culturais (Carneiro, 2009). No entanto, os modelos apresentados são específicos da cultura ocidental contemporânea e abarcam apenas algumas das manifestações de sexualidade possíveis (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010), sendo ignorados os significados particulares que as pessoas atribuem às suas sexualidades (Garber, 2001).

A sobrevalorização da biologia tem contribuído para a validação de ideologias que colocam em causa e em desvantagem as sexualidades que contrariam o modelo hegemónico vigente (Carneiro, 2009), pois dependendo do quadro de referência com que são analisadas, estas diferenças hormonais, neuroanatômicas ou genéticas podem ser consideradas variações naturais ou desvios patológicos à norma heterossexual (Jackson, 2006).

Importa referir que os estudos transculturais sobre a orientação sexual, baseados nas ciências sociais e humanas demonstram a variabilidade das formas de viver e expressar as homossexualidades e colocam em causa o biologismo essencialista da orientação sexual, ao revelar que os fatores biológicos são manifestamente insuficientes para compreender as sexualidades (Carneiro, 2009).

#### **1.4) Como os/as homossexuais se viram catalogados/as no *DSM*: a condenação de pessoas LGBT pela Psicologia**

As leituras patológicas da homossexualidade não se resumem às perspetivas biomédica e psiquiátrica, pois também a psicologia, sobretudo através das correntes psicanalíticas e comportamentalistas classificou a homossexualidade como perturbação (Carneiro, 2009; Cullen & Barnes-Holmes, 2008), o que levou à inclusão da mesma na primeira versão do *DSM – Diagnostic and Statistic Manual of Mental Disorders* em 1952 (Ritter & Terndrup, 2002).

Relativamente ao modelo psicanalítico, o mesmo baseia-se nos trabalhos de Freud acerca da bissexualidade inata e da escolha do objeto sexual (Coleman, 1990; Oliveira, 2010). Freud defendeu que as pessoas nascem bissexuais, mas aprendem a controlar os seus impulsos bissexuais inatos através da restrição dos seus desejos eróticos pelas pessoas do mesmo sexo, dirigindo-os a pessoas do sexo oposto (Isay, 1990; Ritter & Terndrup, 2002).

Segundo Freud, a heterossexualidade é a resolução normal do processo de desenvolvimento psicosexual, sendo a homossexualidade uma resolução ineficaz do complexo de Édipo, cuja resolução saudável leva ao estabelecimento de uma identidade de género culturalmente adequada e, por consequência, à escolha de um objeto heterossexual (Bohan & Russel, 1999).

Através da identificação com o progenitor do mesmo sexo, a criança desenvolve uma identidade masculina ou feminina e na idade adulta irá escolher um objeto de amor do outro sexo. Insuficientes identificações com o progenitor do mesmo sexo predis põem a criança a dirigir os seus impulsos sexuais a pessoas do mesmo sexo, o que é considerado uma condição patológica em relação à norma por alguns/algumas psicanalistas (Isay, 1990).

As concepções e perspetivas neo-freudianas e pós-freudianas, partindo das noções relativas ao bloqueio do desenvolvimento sexual vêm a revelar-se ainda mais patologizantes defendendo que a homossexualidade é um sintoma que requer tratamento, contribuindo para que quer no campo da psicoterapia quer no plano cultural se disseminasse a ideia da homossexualidade como patologia (Carneiro, 2009).

O retrocesso à teoria da degeneração, à criminalização e à perseguição pseudocientífica de pessoas não heterossexuais (Carneiro, 2009), contribuiu para a apresentação de várias críticas aos modelos de inspiração psicanalítica, nomeadamente o facto de não apresentarem a etiologia da heterossexualidade e a não existência de critérios de distinção entre orientações sexuais, pois estes modelos partem do princípio que a homossexualidade e a heterossexualidade são estruturalmente semelhantes em termos de defesas, impulsos, resolução de conflitos e desenvolvimento do ego (Isay, 1998).

Por outro lado, tem sido contestado o etnocentrismo das explicações psicanalíticas que ignora especificidades sociais, culturais e políticas na abordagem das sexualidades não heterossexuais (Ritter & Terndrup, 2002), bem como o impacto do heterossexismo nos processos de desenvolvimento de pessoas LGBT (Isay, 1990; Isay, 1998).

Por outro lado, as correntes comportamentalistas entenderam a homossexualidade como falha na aprendizagem dos afetos e sexualidade, como hábito que impede a possibilidade de alcançar prazer nas relações heterossexuais (Carneiro, 2009) ou como repetição de uma experiência que proporcionava prazer (Oliveira, 2010).

Estas análises etiológicas traduziram-se em abordagens terapêuticas desenvolvidas de acordo com os princípios da aprendizagem comportamental desenhadas para reduzir o prazer obtido em relações homoeróticas e aumentar o prazer nas relações heterossexuais (Moita, 2001). São exemplos a abstinência sexual, a exposição a modelos heterossexuais e a terapia aversiva, associando estímulos aversivos a estímulos homoeróticos (Carneiro, 2009), muito utilizada no meio psiquiátrico português durante o Estado Novo (Almeida, 2010).

Na década de 50, a psicóloga americana E. Hooker realizou um estudo comparativo entre homens homossexuais e homens heterossexuais que foram sujeitos a uma bateria de testes psicológicos. Não foram encontradas quaisquer diferenças entre as duas populações, nem a nível de ajustamento nem a nível de indicadores de psicopatologia. O mesmo estudo foi replicado junto de mulheres lésbicas e mulheres heterossexuais no início dos anos 70 pelo psicólogo M. Siegelman, com resultados similares ao estudo anterior (Schneider, 2001).

Estes e outros estudos levaram a *American Psychiatric Association* a remover a homossexualidade do DSM-II em 1973 (Schneider, 2001), e constituíram os fundamentos científicos para o entendimento da homossexualidade enquanto variante normal da sexualidade humana (Herek, 2009; Ritter & Terndrup, 2002).

No entanto, a homossexualidade foi novamente incluída no DSM-III através da classificação Homossexualidade Ego-Distónica, patologizando aspetos específicos do

processo de desenvolvimento de identidades LGBT. No entanto, esta categoria foi posteriormente excluída do DSM-III-R com base no facto de que os dados empíricos não corroboravam o diagnóstico e de que preconceitos culturalmente induzidos não podiam ser classificados como perturbação mental (Ritter & Terndrup, 2002).

Apesar dos avanços científicos relativamente ao enquadramento da homossexualidade enquanto variante normal da sexualidade humana, muitos/as profissionais da área da saúde mental, nomeadamente psicólogos/as, continuam a assumir que orientações sexuais não heterossexuais são défices, desvalorizando comportamentos, afetos e experiências LGBT (Moita, 2001).

Um estudo realizado por Gabriela Moita (2006) mostra que estes/as profissionais revelam cumplicidade com os seus modelos de formação, apesar dos mesmos se terem mostrado ineficazes na identificação de uma etiologia da homossexualidade e respetivo “tratamento”, e sobretudo terem contribuído para a validação de preconceitos, dificultando a muitas pessoas LGBT a vivência plena das suas sexualidades/afetividades (Carneiro, 2009).

### **1.5) Como os/as homossexuais se tornaram gays e lésbicas: ativismo, reclassificação e resignificação da homossexualidade**

Retirar a homossexualidade das categorias clínicas e enquadrá-la como variante normal da sexualidade humana foi uma mudança para a qual contribuíram as perspetivas sociais relativamente à orientação sexual (Carneiro, 2009), que defendem que constructos como homossexual, bissexual, lésbica e heterossexual resultam de momentos históricos, sociais e culturais específicos (Bailey, 2003; Bem, 2001; Bohan & Russel, 1999; Jackson, 2006; Marinucci, 2010; McCormack, 2012) que têm necessariamente de ser tidos em conta na concetualização da orientação sexual (Eliaison & Schope, 2007) e não apenas na concetualização da homossexualidade.

Em oposição ao determinismo essencialista, estas perspetivas defendem que o sujeito é ativo na construção da sua sexualidade (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010), sendo a mesma influenciada pelo modo como as culturas concetualizam a sexualidade (Bailey, 2003; Cohler & Hammack, 2009; McCormack, 2012).

Os estudos de A. Kinsey realizados no final dos anos 40 e no início dos anos 50 do século XX (Bohan & Russel, 1999; LeVay, 2010) partem destes princípios, contrapondo o binarismo freudiano e as conceções essencialistas acerca da orientação sexual que dividem as pessoas entre homossexuais e heterossexuais (Coleman, 1990; Marinucci, 2010). O modelo de Kinsey tem sido amplamente difundido (Marinucci, 2010; Oliveira, 2010), pois correspondeu a uma nova forma de perspetivar e encarar a sexualidade humana, enquadrando o comportamento sexual

numa análise social da sociedade norte-americana e constituiu o ponto de partida de outros estudos posteriores (Carneiro, 2009).

Este modelo entende que a sexualidade é um *continuum*, ao longo do qual as pessoas se distribuem (Jenkins, 2010; McGhee, 2001). De acordo com este modelo, não existem categorias como heterossexual, homossexual ou bissexual, pois existem pessoas com várias combinações de comportamentos (Bailey, 2009), sendo que mulheres e homens podem exibir comportamentos sexuais diferentes ao longo da vida, à medida que têm experiências com parceiros/as do sexo oposto ou do mesmo sexo (Ritter & Terndrup, 2002).

Desta forma, o modelo de Kinsey enfatiza a normalidade biológica e a diversidade pessoal, pois os diferentes comportamentos sexuais resultam da diversidade da natureza e não de desvios às normas biológicas, culturais e sociais (Bohan & Russel, 1999).

Paralelamente às discussões científicas desenvolve-se o movimento ativista LGBT, que em Nova Iorque, em 28 de Junho de 1969 assume nova dimensão, naquela que ficou conhecida como a *Stonewall Rebellion*, em que numa rusga policial a um bar LGBT foi manifestada resistência e contra-ataque (Elze, 2006; Herek, Chopp & Strohl, 2006; Messinger, 2006; Ojeda, 2004). Este momento tornou-se símbolo da libertação contra a opressão a pessoas LGBT, tendo vindo a ser continuamente evocado e celebrado através das Marchas e Paradas de Orgulho LGBT (Ritter & Terndrup, 2002). O movimento ativista e a consequente afirmação das orientações sexuais não heterossexuais levaram a que pessoas LGBT encontrassem novos termos para se redefinirem uma vez que a palavra homossexual evocava diagnóstico e patologia (Cass, 1990). Muitos homens e muitas mulheres começam então a adotar a palavra *gay* para se referirem mais às suas identidades sociopolíticas do que aos seus comportamentos sexuais (Neal & Davies, 2003). Consideravam que o termo enquadrava uma autoimagem positiva e que transcendia os comportamentos homossexuais (Kulkarni, 2002).

Algumas mulheres por se sentirem invisíveis adotaram a designação lésbica, utilizada pela primeira vez no final do século XIX para referir o companheirismo entre as mulheres, e que deriva das comunidades de mulheres na ilha de Lesbos na Antiguidade Clássica (Garber, 2001; Kulkarni, 2002).

Em Portugal, as questões LGBT só ganharam visibilidade a partir da pandemia da sida e da adesão de Portugal à União Europeia. Vários fatores colocaram o país fora do movimento de libertação LGBT, nomeadamente a repressão da ditadura até 1974, a influência judaico-cristã e a latinidade que contribuiram para que a homossexualidade só fosse descriminalizada em 1982 (Almeida, 2010; Carneiro, 2009).

O movimento coletivo LGBT que na década de 1980 não conseguiu produzir mudanças culturais e políticas assinaláveis relativamente ao reconhecimento e direitos de pessoas LGBT, nos anos de 1990 ganhou visibilidade e impacto (Carneiro, 2009). Quebrou-se a clandestinidade e o movimento social aderiu à agenda internacional centrada sobretudo na pedagogia anti-homofóbica e na exigência da igualdade de direitos, nomeadamente, nas áreas da conjugalidade e da família (Vale de Almeida, 2010).

É a partir desta altura que surgem várias associações e grupos LGBT, que implementados em diferentes pontos do país, trabalham questões relacionadas com a discriminação de pessoas LGBT e prestam apoio às mesmas. As primeiras ações destes grupos visaram regulamentações institucionais discriminatórias explícitas que culminou no processo conducente à aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo (Carneiro, 2009) e na discussão em torno da adoção e co-adoção por casais homossexuais.

O movimento LGBT tem tido um impacto significativo na expressão mais visível de identidades não hegemónicas na esfera pública e também nas transformações que operou a nível institucional, constitucional e cultural no sentido do reconhecimento e legitimação dessas identidades (Carneiro, 2009).

## Capítulo 2: Analisando os preconceitos em relação a pessoas LGBT

### 2.1) Os conceitos dos preconceitos

A noção de preconceito resulta dos trabalhos desenvolvidos por Gordon Allport nos anos 50 do século XX, em que este defendia que uma definição de preconceito implicava dois elementos essenciais, atitudes a favor ou contra, e uma crença generalizada e socialmente partilhada sem fundamentos objetivos que a suportem (Dovidio, Glick & Rudman, 2005; Fishbein, 2002; Whitley & Kite, 2010).

Apesar das múltiplas definições de preconceito que foram desenvolvidas desde a publicação de *The Nature of Prejudice* de G. Allport, é comumente aceite que os preconceitos são avaliações negativas relativamente a um grupo social e/ou aos seus membros (Brochu, Gawronsky & Esses, 2008; Whitley & Kite, 2010), tendo por base generalizações inflexíveis, irracionais e pouco consistentes (Fishbein, 2002). O preconceito pode assumir muitas formas, nomeadamente, atitudes e crenças sociais depreciativas, expressão de afetos negativos ou manifestação de comportamentos discriminatórios ou hostis pela pertença das pessoas a determinados grupos (Aboud, 2005).

Os preconceitos foram primeiramente concetualizados enquanto manifestação de psicopatologia, anormalidade ou desajustamento individual, sendo que a investigação realizada na área tinha um foco predominantemente clínico e psicanalítico, focando-se nos aspetos disfuncionais de pessoas que manifestavam preconceitos. Estas primeiras abordagens foram criticadas por apresentarem explicações vagas, inconsistentes e inconclusivas relativamente à etiologia dos preconceitos e por negligenciarem os aspetos relacionados com o grupo e com fatores sociais, sobrevalorizando fatores individuais e associando os preconceitos a manifestações de psicopatologia (Fishbein, 2002).

Com base nas críticas apresentadas, abordagens mais contemporâneas vieram concetualizar o preconceito dentro da “normalidade” dos padrões de funcionamento humano, investigando a influência das diferenças individuais entre as pessoas (nomeadamente ideologias, personalidades, estilos cognitivos e emoções) e analisando os efeitos da hegemonia e da subordinação nos enviesamentos intergrupais (Choma & Hodson, 2008). São também considerados elementos de análise a competição intergrupos, as identidades sociais e a resistência à igualdade entre grupos, os conflitos entre as tendências sociais igualitárias e os preconceitos enraizados na história, cultura e sociedade (Fishbein, 2002) e a importância dos estereótipos para a compreensão de preconceitos (Marques & Paéz, 2006).



A investigação mostra que os preconceitos se encontram muitas vezes associados a estereótipos (Fishbein, 2002), que desempenham um papel muito relevante na formação e manutenção dos mesmos, pois veiculam informações que justificarão a aceitação ou a exclusão de pessoas, simplificando o processo de percepção e processamento de informação (Dovidio, Glick & Rudman, 2005; Judd & Park, 2005; Marques & Paéz, 2006).

Os estereótipos salientam características específicas e isoladas do indivíduo, ignorando a sua complexidade (Cass, 1990), atribuindo estas características a todas as pessoas pertencentes ao mesmo grupo, o que a uniformiza e exagera as diferenças estas e pessoas pertencentes a outros grupos (Fishbein, 2002).

Esta categorização de pessoas ou de grupos de pessoas (Herek, Chopp & Strohl, 2006) facilita o estabelecimento e manutenção de relações de poder assimétricas que levam a que as pessoas estigmatizadas, bem como aqueles/as com quem mantém relações próximas sejam marginalizados/as e isolados/as da restante sociedade (Davies, 2003; Herek, 2009; Perrin, 2002).

Os preconceitos constituem assim a base da discriminação, da marginalização e da desvalorização (Cass, 1990) encontrando-se associados à manutenção da ordem social imposta pelos grupos hegemónicos. Ao marginalizar determinados grupos ou segmentos de pessoas, afasta-se a ameaça aos valores e princípios estabelecidos e pressionam-se à normalização os que não encaixam nos padrões culturais definidos (Perrin, 2012).

Os privilégios do grupo hegemónico baseiam-se em características valorizadas por uma determinada sociedade (Whitley & Kite, 2010), que legitimam a posição de superioridade dos/as seus/suas portadores/as na hierarquia social e reforçam a coesão grupal através do processo de polarização, ou seja, distinguindo o “nós” dos/as “outros/as”, nos/as quais são projetados aspetos negativos dos grupos dominantes (Davies, 2003).

As características desvalorizadas podem ser visíveis ou invisíveis, colocando desafios diferentes aos seus portadores. Pessoas, cujas características estigmatizadas são visíveis tendem a viver as interações com os outros de forma ansiosa devido à incerteza em relação à forma como vão ser julgadas (Perrin, 2002). Quando as características desvalorizadas não são imediatamente evidentes, tal como as orientações sexuais não heterossexuais (Herek, 2007), o controlo e a gestão da informação que é transmitida pode tornar-se um aspeto central na vida destas pessoas, ponderando-se a quem é transmitida a informação, como é que essa informação passa de um contacto social para outro e os custos e os benefícios associados a essa partilha (Herek, Chopp & Strohl, 2006; Perrin, 2002), o que pode

constituir um fator de risco para a estabilidade e bem-estar psíquico e emocional destas pessoas (Herek, 2009; Sue, 2010).

O preconceito dirigido a pessoas LGBT é designado na literatura como preconceito sexual, podendo ser definido como sistema de crenças que denigre, desvaloriza e/ou invalida os comportamentos, identidades ou relações não heterossexuais (Herek, Chopp & Strohl, 2006; Herek, 2009; IMNA, 2010; Whitley & Kite, 2010), garantindo os privilégios das pessoas heterossexuais enquanto grupo hegemónico (Perrin, 2002) e afetando as interações sociais entre estes/estas e pessoas não heterossexuais (Davies, 2003).

O preconceito anti-gay/lésbico pode distinguir-se com base na sua função psicológica:

- a) experiencial, baseado em experiências anteriores com pessoas lésbicas e/ou gays;
- b) ego-defensivo, projeção de conflitos ou ansiedades em pessoas lésbicas ou gays;
- c) expressão de valores, expressão ideológica com o objetivo de consolidar a identidade;
- d) expressão de valores, expressão de posições ideológicas com o objetivo de conectar com um grupo social de referência (Elze, 2006).

Os preconceitos sexuais atingem não só as pessoas LGBT, mas também aqueles/as com quem se relacionam (Herek, 2009) e muitas crianças, jovens e adultos/as que apresentem comportamentos não compatíveis com as concepções populares e binárias de masculinidade e feminilidade (Perrin, 2002).

### **2.1.1) Mudam-se os tempos, ajustam-se os preconceitos: manifestações tradicionais e modernas de preconceito**

Historicamente, o preconceito foi concetualizado enquanto manifestação negativa direta e explícita, muitas vezes denominada na literatura e na investigação como preconceito tradicional (Brochu, Gawronsky & Esses, 2008), que pode ser definido como manifestação de valores não igualitários, adesão a estereótipos negativos e apoio à segregação e discriminação aberta, bem como manifestação de crenças relativas à inferioridade de grupos sociais específicos (Edlund & Heider, 2008).

Embora em enquadramentos históricos, sociais e culturais anteriores, a manifestação deste tipo de preconceitos fosse aceitável (ou mesmo desejável), já não o é na maior parte dos círculos sociais (Brochu, Gawronsky & Esses, 2008; Edlund & Heider, 2008), pois nas sociedades ocidentais contemporâneas os preconceitos sofreram transformações (Herek, 2007; Walls, 2008). A consciência social e o sistema de valores sociopolíticos contemporâneos sancionam a discriminação aberta, dando lugar ao que é designado na literatura como preconceitos modernos, que se caracterizam pela ambiguidade e por discursos pautados pela desejabilidade social (Massey, 2009) o que os torna mais difíceis de identificar e de reconhecer (Sue, 2010), pois a

negatividade só é manifestada de forma clara em meios que não coloquem em causa a manutenção da imagem pública igualitária e não preconceituosa (Brochu, Gawronsky & Esses, 2008).

Neste sentido, a investigação tem demonstrado que existem dissociações entre preconceitos implícitos e explícitos, sendo que as pessoas podem manifestar avaliações e crenças negativas implícitas e ausência de negatividade a nível explícito (Brochu, Gawronsky & Esses, 2008).

Os preconceitos modernos caracterizam-se, não pela hostilidade típica de preconceitos tradicionais, mas sim pela oposição a políticas sociais que têm como objetivo a promoção de igualdade intergrupos, pela negação do preconceito e da discriminação e pela atribuição de eventuais diferenças no tratamento a características específicas do grupo minoritário (Walls, 2008; Whitley & Kite, 2010).

As manifestações modernas de preconceito têm sido utilizadas para analisar e explicar manifestações subtis de preconceito que refletem o conflito entre o igualitarismo e a negatividade implícita em relação a grupos sociais específicos (Eagly & Diekmann, 2005), pois embora a nível consciente, se possam defender valores relacionados com a igualdade, a nível inconsciente, as pessoas podem revelar valores pró-maioria ou anti-minoria (Massey, 2009; Sue, 2010; Whitley & Kite, 2010), resultado da exposição a enviesamentos sociais e a processos de condicionamento social, aos quais estão associados preconceitos, estereótipos e crenças (Sue, 2010).

Desta forma, verificam-se manifestações tradicionais e modernas de preconceito em relação a pessoas LGBT (Walls, 2008). Os preconceitos tradicionais, explícitos e abertamente hostis, têm como fundamentos as objeções morais clássicas que desaprovam a homossexualidade ou que a consideram uma perversão (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010; Massey, 2009; Poeschl, Venâncio & Costa, 2012). Estas ideologias baseiam-se em crenças que vêm da religião, de construções sociais referentes à masculinidade hegemónica ou de uma suposta ordem natural “biologicista” (Walls, 2008).

Apesar de que expressões abertas de preconceito e violência são mais toleradas quando são dirigidas a pessoas LGBT do que quando são dirigidas a outras minorias (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012), à semelhança de preconceitos dirigidos a outros grupos, as expressões explícitas em relação a pessoas LGBT têm vindo a diminuir, dando lugar a manifestações modernas e subtis. Os preconceitos modernos e implícitos manifestam-se pela oposição à extensão de direitos civis às pessoas LGBT, com base no pressuposto de que estas pessoas exigem vantagens e direitos imerecidos (Walls, 2008).

A investigação e a literatura diferenciam várias formas de preconceitos modernos relativamente a pessoas LGBT, nomeadamente, preconceitos aversivos, amnésicos, paternalistas e estereotípicos positivos. Por preconceitos aversivos, entendem-se as práticas e retóricas que catalogam as exigências culturais e políticas do movimento LGBT como irrazoáveis e precoces. Os preconceitos amnésicos, parecendo menos hostis que os primeiros, caracterizam-se pela negação da discriminação de pessoas LGBT, assumindo que a mesma só ocorreu em passados remotos e atualmente não existem diferenças de tratamento em função da orientação sexual. Os preconceitos paternalistas implicam a expressão de preocupação em relação a pessoas LGBT, que no entanto é acompanhada por indicações de preferência pela heterossexualidade. Os preconceitos estereotípicos positivos caracterizam-se pela adesão a estereótipos positivos, o que reforça os sistemas estratificação social (Walls, 2008).

A investigação tem vindo a mostrar que pessoas heterossexuais exibem níveis mais elevados de preconceitos implícitos do que explícitos, apesar dos dois parecerem estar correlacionados (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012).

Seja através de manifestações tradicionais ou modernas, os preconceitos em relação a pessoas LGBT concretizam-se através da promoção institucional dos estilos de vida heterossexuais, com conseqüente subordinação das experiências e pessoas LGBT (McGhee, 2001; Ritter & Terndrup, 2002) que são denegridas, invalidadas, insultadas e oprimidas (Marinucci, 2010; Sue, 2010).

## **2.2) “Os gays hádem todos morrer<sup>1</sup>”: homofobia como expressão de hostilidade individual**

O conceito homofobia surgiu na década de 70 do século XX (Oliveira, 2010; Smith, 2004) e designa o medo irracional à homossexualidade (Cullen & Barnes-Holmes, 2008; Morrow, 2006; Smith, 2004), o medo de ser gay ou lésbica, o medo de um “contágio” homossexual (Sue, 2010) e a intolerância a diferenças sexuais relativamente à norma heterossexual (Higgins, 2007). Alguns autores referem também que o conceito pode também indicar preconceitos anti-homossexuais e caracterizar emoções, atitudes e comportamentos negativos em relação a pessoas LGBT (Ritter & Terndrup, 2002). O surgimento de uma definição da intolerância e da rejeição relativamente a pessoas não heterossexuais marca uma mudança de paradigma, pois situa os problemas de pessoas gays, lésbicas e bissexuais não nas suas orientações sexuais, mas sim no preconceito de que são alvo (Herek, 2009; Perrin, 2002).

---

<sup>1</sup> Frase utilizada por um elemento de uma milícia organizada que em Viseu perseguiu, ameaçou e atacou homens gays em Março de 2005.

Apesar de ser um conceito amplamente utilizado quer na literatura científica, quer em discursos mais populares (Ahmad & Bhugra, 2010; Perrin, 2002), tem sido alvo de várias críticas, nomeadamente por caracterizar a hostilidade dirigida a pessoas LGBT enquanto fobia (Ahmad & Bhugra, 2010; Cullen & Barnes-Holmes, 2008; Elze, 2006; Davies, 2003; Herek, 2009; Higgins, 2007; Sue, 2010; Walls, 2008), apesar de que a utilização de fobia ganha neste conceito o significado de ódio irracional, perpetrados por ideologias culturais e não de perturbação clínica (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010). Assim, o preconceito anti-gay parece estar mais relacionado com raiva e agressividade do que com o medo (Fish, 2006), o que implica enquadrar as atitudes antigay individuais nos contextos culturais mais alargados em que ocorrem (Davies, 2003; Oliveira, 2010).

Por outro lado e embora o preconceito sexual tenha fortes raízes culturais, o facto de afetar mais algumas pessoas do que outras significa que provavelmente se encontrará relacionado com fatores individuais (Davies, 2003). Seguindo esta lógica, a investigação produziu alguns dados que mostram que a hostilidade em relação a pessoas LGBT se encontra relacionada com um conjunto de fatores, nomeadamente: sexo masculino, inexistência de contacto pessoal com pessoas não heterossexuais; ausência de comportamentos homossexuais; identidade sexual heterossexual; relações interpessoais com pares que manifestam reações negativas a pessoas LGBT; viver em áreas geográficas que se caracterizam pela intolerância relativamente a pessoas LGBT; idade; educação indiferenciada; religiosidade acentuada, nomeadamente, práticas religiosas frequentes e ideias religiosas conservadoras (Poteat & Mereish, 2012; Wilkinson, 2004b); atitudes tradicionais e restritivas acerca dos papéis de género; culpa e negatividade em relação à sexualidade; autoritarismo (Davies, 2003); ideologias políticas conservadoras (Poteat & Mereish, 2012) e homossexualidades reprimidas (Chomda & Hodson, 2008).

Da mesma forma, parece existir uma relação estreita entre a homofobia e sexismo, sendo que a homossexualidade é entendida como violação dos papéis de género (Mason, 2002). Uma vez que a masculinidade necessita de ser constantemente confirmada e reafirmada através do repúdio e rejeição do feminino/homossexual, os homens tendem a afirmar a sua heterossexualidade por contraponto às visões populares acerca de homens gay. A exteriorização contínua do preconceito homofóbico protege o seu *self* e a sua posição privilegiada de homem heterossexual na sociedade (Lipkin, 2004; Walls, 2008). Mulheres lésbicas são menos ameaçadoras (e mais toleradas), uma vez que para a sociedade heterossexista e sexista, enquanto mulheres, encontram-se em posições de subordinação (Mason, 2002). Por outro lado, na cultura popular sexista o lesbianismo deriva da ausência de um homem

suficientemente viril na história de vida destas mulheres, que as recoloca no seu verdadeiro papel de género e reestabeleça a ordem sexista (Lipkin, 2004).

Seja devido a fatores pessoais ou sociais, a homofobia parece ser consequência do estigma, da falta de familiaridade e da ignorância (Chonody, Rutledge & Siebert, 2009; Perrin, 2002), sendo transversal a quase todos os setores da sociedade, desde a escola e a família até a saúde e mercado de trabalho (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012).

### **2.3) “Straight to the point”: heterossexismo ou a ditadura da heterossexualidade**

Como resultado da não consensualidade do conceito homofobia, tem vindo a ser cada vez mais utilizada a designação de heterossexismo para caracterizar o preconceito em relação a pessoas LGBT (Walls, 2008). Contrariamente ao conceito de homofobia que descreve o preconceito em relação a lésbicas e a gays, o heterossexismo é relativo ao preconceito em relação a todas as pessoas não heterossexuais (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010; Morrow, 2006), e implica uma análise da marginalização e da discriminação, permitindo recorrer a explicações sociais para estes fenómenos (Oliveira, 2010; Smith, 2004).

Assim, o heterossexismo é um sistema de valores que assume a heterossexualidade como a única forma adequada de amor e sexualidade (Higgins, 2007), e que desvaloriza a homossexualidade e símbolos e estilos de vida supostamente não heterossexuais (Davies, 2003; Elze, 2006; Herek, 2007; Oliveira, 2010; Smith, 2004; Sue, 2010; Whitley & Kite, 2010).

Pode também ser definido como uma visão global relativa à orientação sexual composta por crenças e valores que regulam as identidades de género e as normas de atração sexual e que defendem que todas as pessoas são heterossexuais e que é desejável ser heterossexual (Sue, 2010).

Alguns autores distinguem entre heterossexismo cultural e heterossexismo psicológico, sendo que o primeiro é referente aos enviesamentos nos hábitos e instituições sociais, levando à invisibilidade ou à negação da existência, história e experiências LGBT, privilegiando existência, história e experiências heterossexuais (Walls, 2008). O segundo é relativo às atitudes e comportamentos anti-LGBT, que são também designados na literatura e na investigação como homofobia (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010; Elze, 2006).

A institucionalização das diferenças e a polarização entre heterossexuais e LGBT cria estereótipos que reduzem a humanidade destes/as últimos/as, acentua aqueles que são considerados aspetos desviantes, o que os/as limita em termos sociais e acentua

o seu desempoderamento social e psicológico (Ritter & Terndrup, 2002). A organização das instituições sociais segundo pressupostos heterossexistas assegura a limitação de oportunidades sociais a pessoas não heterossexuais (Herek, 2009), que segundo estes pressupostos são indesejáveis e desviantes e deveriam conformar-se às normas heterossexistas relativamente à sexualidade e ao género (Sue, 2010).

Assim, o heterossexismo pressupõe à partida a marginalização social de pessoas LGBT (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010), refletindo a integração dos preconceitos sexuais nas instituições sociais que desta forma, rejeitam quer comportamentos quer relações não heterossexuais e mantêm a subordinação das pessoas LGBT através das normas e discursos acerca do género, da tradição e da moralidade (Herek, Chopp & Strohl, 2006; Herek, 2009; Poeschl, Venâncio & Costa, 2012).

Os pressupostos heterossexistas organizam todas as esferas das vidas das pessoas, pois parte-se do princípio que todos/as são heterossexuais. Rituais e hábitos sociais, definições de família e papéis sociais antecipam diferenças de género e estabelecimento de relações heterossexuais entre as pessoas (Herek, 2009; Rotheram-Borus & Langabeer, 2001), que são pressupostos essenciais na escolha de grupos de pares, interações sociais e estatuto social (Rotheram-Borus & Langabeer, 2001).

O heterossexismo impõe-se às minorias sexuais de todas as idades e backgrounds culturais. Pelas expectativas que acarreta tem também um impacto significativo no desenvolvimento psicossocial, vocacional e espiritual de pessoas LGBT. É socialmente esperado que as crianças cresçam heterossexuais e que se acomodem a papéis de género bem definidos complementares aos papéis de género do sexo oposto (Rotheram-Borus & Langabeer, 2001). Da mesma forma, o heterossexismo condiciona as escolhas vocacionais e profissionais e inclui ou exclui pessoas de atos religiosos e de fé em função das manifestações das suas sexualidades (Davies, 2003; Ritter & Terndrup, 2002).

Pessoas não heterossexuais tendem a ser invisíveis nas práticas, nos discursos, nos media e na própria investigação científica (Sue, 2010), sendo que a sua visibilidade se encontra associada a representações negativas que reforçam os preconceitos (Herek, 2009) e representam juízos de valor construídos numa sociedade heterossexista.

O heterossexismo manifesta-se de forma explícita e deliberada, mas também através da invisibilidade, da sub-representação, do não reconhecimento e do silêncio (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010; Sue, 2010), limitando as possibilidades de revelação e reconhecimento de pessoas não heterossexuais. A presunção de que todos os atores sociais são heterossexuais (Perrin, 2002) leva a que pessoas LGBT

ocultem as suas verdadeiras identidades (Calhoun, 2000), tornando-se invisíveis (Lipkin, 2004; Wilton, 2004).

Algumas pessoas revelam desconforto perante discursos abertos acerca de comportamentos e relações não heterossexuais, sendo as pessoas LGBT pressionadas a ocultar comportamentos, relações e afetos (Davies, 2003; Sue, 2010), o que constitui um dos mecanismos utilizados pelas sociedades heterossexistas (designado na literatura como conspiração de silêncio) para impedir que pessoas LGBT se encontrem e socializem e para manter fora do debate público temas e questões que afetam as suas vidas. Esta pressão leva ao desenvolvimento de espaços sociais delimitados, que não correspondem necessariamente a espaços geográficos, destinados a pessoas não heterossexuais, onde os contextos hegemónicos nos quais estão inseridos lhes permitem a expressão sem prejuízo para a maioria heterossexual (Davies, 2003), e desenvolver estratégias de *coping* com recurso ao estreitamento de laços com outras pessoas sujeitas a formas similares de preconceito (Major & Vick, 2005).

Nas sociedades heterossexistas, existem ainda outras estratégias para manter a ordem vigente, nomeadamente: a hipersexualização das pessoas LGBT; a linguagem heterossexista; a associação de comportamentos, sentimentos e afetos LGBT ao conceito de pecado ou imoralidade; a patologização; a negação do heterossexismo; e a adesão a culturas e comportamentos heteronormativos; negação da expressividade numérica de pessoas com comportamentos e/ou identidades LGBT (Sue, 2010).

Uma vez que a hegemonia heterossexista também se expressa através da produção de significados (Howson, 2006), as opiniões populares são por vezes suportadas pelos *media* que difundem mensagens que associam pessoas não heterossexuais a submundos de promiscuidade sexual e relacional, violência e abusos. O simbolismo negativo visa justificar o tratamento desigual que lhes é atribuído, como por exemplo, a negação dos direitos relacionados com a constituição de famílias (Davies, 2003; Hargaden & Llewellyn, 2003).

Apesar da sua posição de fragilidade na sociedade, e também pelo facto de pessoas LGBT não se circunscreverem nem categorias sociais nem a posições socioeconómicas específicas, a discriminação em relação a estas pessoas não é muitas vezes negada ou desvalorizada (Calhoun, 2010). Da mesma forma, é desvalorizado o impacto do heterossexismo nas suas vidas privadas e coletivas, apesar de a investigação já ter demonstrado que a opressão social, cultural, política e religiosa se traduzir em consequências a nível da saúde física e mental (Ritter & Terndrup, 2002).



A utilização da heterossexualidade enquanto sistema de análise e padrão de comportamentos das pessoas, é também designado como heteronormatividade (Oliveira, 2010). A heteronormatividade pode também ser vista como o sistema de práticas legais, institucionais e culturais que difundem posições binárias acerca do género e a sua relação com o sexo biológico e de que a única atração sexual aceitável e natural é a existente entre pessoas de sexo oposto (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010).

As crenças heteronormativas fundamentam-se em pressupostos específicos, nomeadamente, de que a heterossexualidade é a única manifestação natural de sexualidade, assumindo que sexualidade implica coito vaginal. Por outro lado, entende-se como única tipologia familiar adequada aquela que é composta por casal de duas pessoas do sexo oposto com filhos. Por se assumir que o casamento se destina à procriação, considera-se que este deve apenas ser acessível a casais compostos por pessoas do sexo oposto (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010; Moita, 2006).

#### **2.4) “*The only gay in the village*”: construção e afirmação de identidades LGBT num mundo (aparentemente) heterossexual**

A investigação realizada por E. Hooker alterou os paradigmas de investigação e de análise da orientação sexual (Cass, 1990) e colocou questões relativamente ao desenvolvimento da orientação sexual e à construção das identidades sexuais de pessoas não heterossexuais em contextos marcadamente heterossexistas (Cass, 1990; Herek, 2009; Schneider, 2001). Uma vez que o desenvolvimento humano envolve a interação entre processos internos e ambientes, logo conceptualizações compreensivas acerca de pessoas LGBT devem necessariamente considerar o impacto sociocultural do heterossexismo e do sexismo (Ritter & Terndrup, 2002).

Os modelos de desenvolvimento de identidades LGBT, que representam o *mainstream* teórico de pensamento acerca da construção da identidade de pessoas LGBT (Bohan & Russel, 1999; Lipkin, 2004; Oliveira, Pereira, Costa & Nogueira, 2010; Ritter & Terndrup, 2002; Schneider, 2001), nomeadamente o modelo de Cass (Cass, 1990) e o modelo de Coleman (Coleman, 1989; Coleman, 1990) enfatizam a relação existente entre a construção e desenvolvimento das identidades não heterossexuais e os contextos de desenvolvimento dessas identidades (Schneider, 2001) e parecem mostrar que a construção de uma identidade LGBT implica resistência e oposição a expectativas hegemónicas e heteronormativas relacionadas quer com a sexualidade quer com o género (Clarkson, 2006).

Apesar das atitudes relativamente a pessoas LGBT terem vindo progressivamente a melhorar e a manifestação explícita de atitudes abertamente heterossexistas seja cada vez menos aceitável (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012), pessoas LGBT continuam a ser vitimizadas devido às suas orientações e identidades não heterossexuais (Ryan, 2001), o que leva a que gays e lésbicas se encontrem entre os grupos mais fragilizados pela exclusão social, sendo alvo de discriminação jurídica, médica e religiosa (Moita, 2006).

As experiências típicas de pessoas LGBT numa sociedade heterossexista variam entre dificuldades quotidianas pouco significativas, piadas mais ou menos ofensivas, insultos e ataques físicos e verbais (Jones & Hill, 2002; Sue, 2010). A experiência fenomenológica mais precoce de uma pessoa LGBT é o seu sentimento de diferença, o que resulta do isolamento em relação a outras pessoas com percursos semelhantes e da receção contínua de mensagens que indicam que sentimentos homoeróticos são vergonhosos (Rivers & D'Augelli, 2001), o que dificulta o processo de *coming-out* (Schneider, 2001; Sue, 2010). Estes sentimentos de exclusão têm consequências em termos de saúde e bem-estar geral (Rivers & D'Augelli, 2001), estando também associados a ideação suicida e a maior risco de suicídio (Jones & Hill, 2002).

A exclusão é muitas vezes acentuada pela falta de suporte familiar relativamente às orientações e identidades sexuais. As experiências de conflito e os sentimentos de marginalidade em relação à família são muito presentes nas histórias de vida de pessoas LGBT (Rivers & D'Augelli, 2001). A exclusão estende-se também às suas comunidades, em que ocultam as suas identidades na tentativa de integração ou por medo de vitimização (Jones & Marjorie, 2002). Cria-se assim uma cisão entre a identidade sexual privada, relativa à forma como a pessoa se percebe enquanto ser sexualizado e a identidade sexual pública, referente à forma como a pessoa pretende ser considerada pelos/as outros/as (Bailey, 2009).

A pressão contínua para esconder as suas orientações sexuais das famílias, pares, colegas de trabalho conduz à hipervigilância e controlo obsessivo para controlar a informação que é passada em situações e circunstâncias sociais (Sue, 2010). A discrepância entre identidades pessoais e sociais pode causar sofrimento, levando pessoas LGBT a sentirem-se pouco autênticas e a relacionarem-se com os outros de forma pouco espontânea, superficial e defensiva (Ritter & Terndrup, 2002). Por vezes, e como estratégia para lidar com o heterossexismo, pessoas LGBT podem integrar comportamentos, atitudes e linguagem associados à maioria heterossexual (Clarkson, 2006), o que pode resultar em sentimentos intensos de autotraição, desconforto e desconexão com a cultura LGBT, bem como raiva, culpa e ressentimento (Davies, 2003).

Pessoas não heterossexuais têm menos possibilidades de explorar as suas identidades sem riscos associados (Rivers & D'Augelli, 2001), pois pessoas que violam padrões de sexualidade e de género pré-definidos são muitas vezes confrontadas com manifestações de violência e de hostilidade (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012; Ryan, 2001; Sue, 2010), refletindo o heterossexismo histórico, social e cultural. A vitimização, física, emocional ou cultural de pessoas LGBT é muitas vezes normalizada no contexto da hegemonia heterossexual, sendo por vezes encarada como “ritual” com objetivo de os/as situar relativamente aos seus lugares específicos dentro da hierarquia social (Rivers, 2000).

Muitas vezes o contexto de vitimização é a própria escola, sendo que estes/as jovens encontram pouco suporte junto de pessoal docente e não docente, bem como por parte das direções dessas mesmas escolas (António, Pinto, Pereira, Farcas & Moleiro, 2012; Rivers, 2000; Rivers & D'Augelli, 2001). A escola reflete o silenciamento, a patologização e a promoção de binarismo e políticas de género que defendem os comportamentos normativos e conformistas relativamente aos papéis masculino e feminino. O ambiente escolar tende a promover o heterossexismo e a heteronormatividade, desafiando e pressionando alunos/as LGBT (Takács, 2006).

Crianças e jovens são muito permeáveis à aprendizagem de atitudes culturais e sociais em relação ao género, definindo as fronteiras de expressão de género e orientação sexual e integrando as respetivas normas sociais através do reforço de outros/as significativos/as, nomeadamente, pares, amigos/as, professores/as e familiares (Takács, 2006).

Crianças e jovens são sujeitos/as a processos de socialização que pressupõem quase sempre que as crianças são heterossexuais e que irão desenvolver atrações eróticas e emocionais por pessoas do outro sexo (Sue, 2010), o que não corresponde às experiências subjetivas de jovens lésbicas, gays e bissexuais e limita a sua consciência acerca das suas atrações por pessoas do mesmo sexo (Ritter & Terndrup, 2002).

Crianças e jovens com comportamentos de género atípicos e não padronizados, bem como orientações sexuais não heterossexuais estão sujeitos/as a pressões e são vítimas sucessivas e deliberadas de agressões, abusos e violências (REA, 2012; Takács, 2006). Por outro lado, a falta de modelos LGBT positivos nas vidas destas crianças e jovens, leva-os/as à identificação com estereótipos negativos, que também são veiculados no sistema escolar (Smith, 2004).

Pessoal docente e não docente, bem como as administrações e direções escolares não reconhecem e/ou negam a existência de jovens LGBT. A invisibilidade que lhes é atribuída (Takács, 2006) não permite que sejam desenhadas e planeadas medidas e

estratégias que satisfaçam as suas necessidades específicas e que os/as apoiem nas mesmas (Smith, 2004). As questões LGBT são excluídas dos currículos escolares e dos espaços de aprendizagem e de discussão. De modo geral, os professores não têm formação profissional sobre questões/necessidades LGBT (Smith, 2004).

## Parte II: Estudio Empírico

## Capítulo 1: Objetivos e questões de investigação

A investigação mostra que nas sociedades ocidentais, pessoas LGBT estão sujeitas a formas de discriminação explícita e/ou subtil, sendo marginalizadas e invisibilizadas (Herek, Chopp & Strohl, 2006).

Apesar de ser uma área pouco explorada em termos de investigação, sobretudo em relação à realidade portuguesa, alguns dados já produzidos indicam que a escola é um contexto heteronormativo e heterossexista, em que professores/as demonstram adesão a preconceitos relativamente a pessoas LGBT (Chonody, Rutledge & Siebert, 2009).

Os preconceitos de professores/as são visíveis através de atitudes e perceções, assim como através do não questionamento do heterossexismo, o que os/as poderá levar a ser cúmplices de situações de preconceito, marginalização e violência de crianças e jovens não heterossexuais ou com performances de género não compatíveis com os padrões binários definidos em função dos seus sexos biológicos (Zack, 2010).

Neste sentido, este estudo pretende captar, compreender e analisar as perspetivas de professores/as acerca de pessoas LGBT, bem como reconhecer variantes nessas mesmas atitudes e identificar eventuais preditores de atitudes heterossexistas. Assim, pretendemos perceber a influência do sexo, grupo etário, posicionamento político e religiosidade na manifestação de preconceitos relativamente a pessoas não heterossexuais.

Na exploração desta temática, assumimos que nas sociedades ocidentais as expressões abertas de preconceito têm vindo a evoluir, e a transformar-se em preconceitos subtis, indiretos e invisíveis, que por se encontrarem profundamente enraizados em conceções culturais, crenças e valores que se estendem desde políticas institucionais às atitudes individuais, e que continuam a oprimir pessoas e grupos, nomeadamente, lésbicas e gays (Massey, 2009; Sue, 2010).

Embora, e tal como já mencionado, o conceito homofobia seja amplamente utilizado na literatura e na investigação acerca de preconceitos em relação a pessoas não heterossexuais, neste estudo optámos por caracterizar o preconceito relativo a pessoas não heterossexuais enquanto heterossexismo, pelo facto de abordarmos o preconceito de um ponto de vista social e não individual e também porque os referenciais teóricos dos instrumentos utilizados nesta investigação abordam o preconceito através da análise de manifestações tradicionais e modernas de heterossexismo (Massey, 2009).

Com base na análise e interpretação de estudos empíricos já realizados neste campo científico, durante a revisão de literatura sobre a temática do preconceito relativo a

peças não heterossexuais, optámos por utilizar uma metodologia não experimental, de carácter quantitativo.

Assim, e através do conhecimento das opiniões dos/as participantes, procuramos compreender a multidimensionalidade do preconceito em relação a pessoas LGBT, de forma a contribuir para a intervenção nesta área.

O estudo empírico teve como objetivos:

1. Captar a expressão e a multidimensionalidade de preconceitos de professores/as relativamente a pessoas não heterossexuais;
2. Avaliar a influência do sexo, idade, posicionamento político e religiosidade na adesão e expressão desses mesmos preconceitos.

Foram colocadas algumas questões de partida, a partir da revisão da literatura sobre o domínio em análise que procuram concretizar os objetivos desta investigação:

- a) Quais as características dos preconceitos de professores/as?
- b) Qual a influência do sexo na expressão de preconceitos relativamente a pessoas não heterossexuais?
- c) Qual é a relação entre a idade e a expressão de preconceitos em relação a pessoas não heterossexuais?
- d) Qual é a influência do posicionamento político/ideológico e a expressão de preconceitos heterossexistas?
- e) Qual a influência da religiosidade na expressão de preconceitos em relação a lésbicas e a gays?

## **Capítulo 2: Metodologia**

### **2.1) Participantes/Amostra**

O estudo incidiu sobre professores/as de segundo e terceiro ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, por se considerar que são aqueles/as que contactam com crianças e jovens, que pela sua fase de desenvolvimento, têm uma maior vivência de questões relacionadas com as suas sexualidades e orientações sexuais e que se encontram em descoberta e construção das suas identidades sexuais e também de preconceitos (Aboud, 2005).

De modo a alcançar os objetivos desta investigação, recorreu-se a uma amostra composta por 228 professores/as a lecionarem em escolas públicas do Distrito de Évora. Esta amostra foi selecionada por conferir maior facilidade à execução do estudo, na medida em que os/as participantes selecionados/as se encontravam mais acessíveis para a investigação.

No estudo empírico foram recolhidos 228 questionários, dos quais foram anulados 24 por apresentarem omissões de resposta superiores a 20% do questionário utilizado. Assim foram considerados nesta investigação, 204 professores/as (N=204), dos/as quais 53 (26.0%) afirmam pertencer ao sexo masculino, 144 (70.6%) afirmam ser do sexo feminino e 7 (3.4%) não responderam.

Relativamente às idades dos/as participantes, 71 professores/as (34.8%) têm até 39 anos, 55 professores/as (27.0%) têm entre 40 e 45 anos e 78 professores/as (38.2%) têm mais de 45 anos. Na tabela 1 podemos observar a distribuição dos participantes por sexo e idade.

**Tabela 1:** Distribuição dos participantes de acordo com o sexo e idade.

| Sexo      | Idade |         |      | Total |
|-----------|-------|---------|------|-------|
|           | ≤ 39  | 40 - 45 | ≥ 46 |       |
| Masculino | 19    | 15      | 19   | 53    |
| Feminino  | 52    | 40      | 52   | 144   |
| Total     | 71    | 55      | 71   | 197   |

**Omitiram respostas:** 7 (3.4%)

Dessas pessoas, 186 (91.2%) afirmam ser heterossexuais, 1 (0.5%) afirma ser bissexual e 3 (1.5%) identificam-se como gay/lésbica, tendo as restantes omitido as suas orientações sexuais. O facto do número de pessoas que afirmam ter uma orientação sexual não heterossexual ser muito reduzido, bem como o facto dos instrumentos utilizados se destinarem a avaliar as atitudes de pessoas heterossexuais em relação a pessoas lésbicas e gays (Massey, 2009; Gato, Fontaine & Carneiro, 2012) levaram a que não considerássemos a influência da orientação sexual sobre a resposta aos itens dos instrumentos utilizados.

Relativamente ao nível de ensino lecionado, 68 pessoas (33.3%) lecionam no 2º ciclo do Ensino Básico, 6 participantes (2.9%) leciona nos 2º e 3º ciclos do Ensino Básico, 77 professores/as (37.7%) lecionam no 3º ciclo do Ensino Básico, 17 participantes (8.3%) lecionam no 3º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, e 26 professores/as (12.7%) lecionam no Ensino Secundário. Nos questionários recolhidos, 10 pessoas (4.9%) não identificaram o nível de ensino que lecionam.

Em relação ao posicionamento político/ideológico, 46 pessoas (22.5%) afirmam ser de Esquerda, 105 participantes (51.5%) dizem ter uma posição de Centro e 25 pessoas



(12.3%) afirmam-se de Direita. Nos questionários recolhidos e validados, 28 pessoas (13.7%) omitiram o seu posicionamento político.

Em relação à religiosidade dos participantes, 57 pessoas (27.9%) afirmaram ser pouco ou nada religiosas, 101 pessoas (49.5%) afirmaram ser moderadamente religiosas e 35 pessoas (17.2%) afirmaram ser muito religiosas. Em 11 questionários (5.4%), os/as participantes omitiram o seu posicionamento em relação às suas religiosidades.

## 2.2) Instrumentos

A investigação acerca de heterossexismo e homofobia tem sobretudo utilizado questionários e tem sido dominada pela investigação realizada no contexto norte-americano, aplicando escalas e questionários a grupos específicos (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010; Oliveira & Nogueira, 2010).

Para aceder a manifestações modernas e pós-modernas do preconceito são necessárias abordagens psicométricas capazes de captar quer a complexidade emergente de discursos sociais e políticos sobre as minorias sexuais (Massey, 2009), quer a maior complexidade em termos de atitudes individuais face a não heterossexuais (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010).

Assim, foram utilizados os seguintes instrumentos, reunidos num protocolo de aplicação (disponível para consulta no Anexo I):

- A) Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo – Lésbicas e Gays (Massey, 2009)

Este questionário foi escolhido por já se encontrar adaptado à população portuguesa por Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira (2010) e por permitir aceder a manifestações tradicionais e modernas de heterossexismo. O questionário, por avaliar o preconceito sexual de forma multidimensional, permite captar a complexidade crescente das atitudes de heterossexuais face a pessoas lésbicas e gays, pois a investigação tem demonstrado que medidas unidimensionais que se centram na dimensão hostilidade/tolerância apenas explicam parcialmente o preconceito relativamente a pessoas LGBT (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010).

No estudo original (Massey, 2009) e também na adaptação portuguesa (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010), este questionário é composto por 71 itens que se dividem em 7 fatores, dos quais apresentamos uma breve explicação:

1. **Heterossexismo tradicional:** considera-se que gays e lésbicas são imorais, pecadores/as ou pervertidos/as, pelo que determinados direitos e privilégios lhes devem ser negados;
2. **Tendência para negar a discriminação contínua:** acredita-se que a discriminação de lésbicas e gays já não é um problema atual, pois estas

pessoas têm oportunidades iguais de progresso, sendo as suas reivindicações igualitárias injustificáveis e ilegítimas;

3. **Aversão em relação a gays:** envolve reações afetivas, nomeadamente, necessidade de evitar contacto, desconforto com o eventual contacto, e críticas à performatividade de género destes homens;
4. **Aversão em relação a lésbicas:** implica reações afetivas, incluindo necessidade de evitar contacto, desconforto com o eventual contacto, e críticas à performatividade de género destas mulheres;
5. **Julgamentos de valor do movimento gay/lésbico:** valores pró-diversidade, tais como os de que os objetivos e metas do movimento LGBT melhoram a sociedade no seu todo, e que a homossexualidade representa uma qualidade especial que deveria ser encorajada na perspetiva da diversidade;
6. **Resistência à heteronormatividade:** representa sentimentos de desconforto em relação à heteronormatividade e/ou necessidade de resistir a papéis e comportamentos sexuais e de género estereotipados e tradicionais. Envolve crenças de que sexo e género transcendem a definições binárias, bem como consciencialização e desconforto com os privilégios que são dados aos heterossexuais num mundo heteronormativo;
7. **Adesão a crenças positivas acerca de pessoas não heterossexuais:** crenças relativas a características positivas ou insights únicos que são consequência de ser gay/lésbica ou de ser posicionado à margem de uma sociedade heteronormativa.

Estes sete fatores ajudam a captar, explorar e entender as atitudes positivas e negativas relativamente a gays e lésbicas pois permitem obter uma visão multidimensional da problemática, reconhecendo que pode não ser manifestada hostilidade explícita, mas haver expressão de preconceitos de forma mais subtil, como por exemplo, não reconhecendo o valor ou necessidade de existência do movimento LGBT ou negando a discriminação de que pessoas não heterossexuais são vítimas.

Este instrumento assenta numa escala de Lickert de 5 níveis de concordância (desde o *discordo totalmente* ao *concordo totalmente*), embora neste estudo se tenha optado por utilizar 6 níveis de concordância (1=totalmente em desacordo; 2=muito em desacordo; 3=parcialmente em desacordo; 4=parcialmente de acordo; 5=muito de acordo; 6=totalmente de acordo) com o objetivo de evitar a resposta neutra.

## B) Sub-escala do Heterossexismo Moderno da Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e Gays (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012)

Para avaliar o heterossexismo moderno foi utilizada a sub-escala do heterossexismo moderno da Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e a Gays, composta por 7 itens (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012).

Este instrumento é também composto por uma escala de Lickert de 5 níveis de concordância (desde o *discordo totalmente* ao *concordo totalmente*), embora neste estudo se tenha optado por utilizar 6 níveis de concordância (1=totalmente em desacordo; 2=muito em desacordo; 3=parcialmente em desacordo; 4=parcialmente de acordo; 5=muito de acordo; 6=totalmente de acordo) com o objetivo de evitar a resposta neutra.

O Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) e a sub-escala de heterossexismo moderno da Escala Multidimensional de Atitudes face a Lésbicas e Gays (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012) foram apresentados aos/às participantes sob a designação de Questionário de Opiniões sobre Orientação Sexual.

## C) Questionário de caracterização sociodemográfica

As variáveis de caracterização sociodemográfica dos/as participantes, incluídas na primeira parte do questionário foram: idade, sexo, orientação sexual, nível de ensino lecionado, habilitações literárias, área científica/grupo disciplinar lecionado, posição religiosa e posição política/ideológica. Estes dois últimos foram avaliados em escalas de Lickert de 1 (nada religioso/a) a 10 (muito religioso/a) e de 1 (extrema esquerda) a 10 (extrema direita), respetivamente.

Estes dois itens foram incluídos para averiguar se existe alguma associação entre a religiosidade e a posição política e a expressão de preconceitos relativamente a pessoas LGBT, tal como apresentado em algumas investigações (Davies, 2003).

## 2.3) Procedimentos

### 2.3.1) Procedimentos de recolha de dados

Pelo facto do estudo empírico ser realizado em contexto educativo, junto de professores/as do segundo e terceiro ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário, foi solicitada autorização aos Órgãos de Gestão de 19 Escolas Públicas dos segundo e terceiro ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário do Distrito de Évora (disponível para consulta no Anexo II) para distribuição dos questionários pelos

professores/as dessas mesmas escolas. As escolas foram também informadas acerca dos objetivos da presente investigação, tendo sido assegurados todos os procedimentos éticos na condução do estudo, nomeadamente a participação voluntária, consentimento informado dos/as participantes e salvaguarda da confidencialidade dos dados obtidos. Foram garantidos a confidencialidade, anonimato e sigilo das respostas dos/as participantes.

Treze escolas acederam à participação no estudo, tendo sido distribuídos 857 questionários, que correspondem ao número de professores a exercerem funções letivas nas mesmas.

Os questionários foram entregues nas escolas em envelope fechado e foram distribuídos pelos Diretores aos coordenadores dos vários departamentos, que os distribuíram pelos docentes das respetivas áreas científicas. Os/as participantes que acederam à participação no estudo entregaram os questionários preenchidos em envelope fechado aos coordenadores que os remeteram aos Diretores das escolas.

Tal como já referido acederam a participar neste estudo, 228 professores/as, tendo apenas sido considerados 204 questionários por não apresentarem omissões de resposta a mais de 20% do questionário utilizado neste estudo.

### **2.3.2) Procedimentos de análise de dados**

Os dados recolhidos foram tratados estatisticamente e analisados através da aplicação da análise estatística IBM® SPSS® (versão 20).

Foi realizado um tratamento e análise descritiva da amostra, recorrendo a médias, desvio-padrão e frequências de modo a descrever diversas características relevantes dos/as participantes. Sempre que necessário e para facilitar a apresentação, análise e interpretação dos resultados, transformaram-se algumas variáveis criando categorias a partir de dados intervalares, de forma a clarificar as comparações entre variáveis e grupos (Melo, 2000).

De forma a assegurar as qualidades psicométricas do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) e da Sub-escala do Heterossexismo Moderno da Escala Multidimensional de Atitudes face a Gays e a Lésbicas (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012), foram realizados procedimentos estatísticos necessários para observar a validade e fidelidade dos mesmos.

A validade do constructo está relacionada com o nível em que conhecemos o que determinada prova mede, estando inerente a este tipo de validade o grau de concordância entre os resultados do teste, a teoria e a prática e tendo em conta as dimensões em avaliação (Almeida & Freire, 2003).

Tal como já foi referido, foram utilizados dois instrumentos distintos e embora tenham sido apresentados aos/às participantes neste estudo como um único questionário, foram analisados de forma independente.

Deste modo, e em relação ao Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009), foram realizadas várias Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) sobre a matriz de correlações, com extração de fatores pelo método dos componentes principais, bem como uma rotação *varimax*. Através desta técnica, parte-se das intercorrelações entre os itens de modo a identificar as componentes gerais que possam explicar a variância comum entre eles, sendo que a carga fatorial de determinado item traduz a medida em que esse representa determinado traço (fator) (Almeida & Freire, 2003).

De modo a respeitar o questionário original (Massey, 2009) e a adaptação portuguesa (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010), forçámos a AFE a sete fatores. No entanto dois fatores eram compostos por um único item o que nos levou a forçar a AFE a cinco fatores. Cinco itens foram excluídos por saturarem em mais do que um fator. A solução fatorial com cinco fatores foi explicativa de 53.58% da variância encontrada.

A validade da AFE foi verificada através do teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e do teste de esfericidade de Bartlett.

A Escala de Discriminação Preconceito Polimorfo foi submetida a um estudo de fidelidade, através da análise da consistência interna dos seus itens (escala global), utilizando o coeficiente *Alpha de Cronbach*. A consistência interna permite determinar o grau de confiança bem como a homogeneidade e coerência que existe entre as respostas dos/as participantes a cada um dos itens da escala, sendo utilizada para apreciação da garantia dos resultados (Almeida & Freire, 2003).

Na descrição e análise dos principais resultados obtidos, foram utilizadas a média, desvio-padrão, frequências, percentagens e valores máximos e mínimos, em concordância com a natureza das variáveis.

Para avaliar os dados obtidos, foram ainda realizados outros procedimentos estatísticos tendo em conta as questões de investigação do presente estudo.

Para a análise das diferenças de médias entre as variáveis independentes em relação ao sexo utilizou-se o teste *t-Student*. Este procedimento estatístico tem como objetivo perceber se as médias de duas populações são ou não significativamente diferentes (Maroco, 2010), o que faz sentido tendo em conta as questões de investigação.

Com o objetivo de analisar as diferenças de médias entre as amostras independentes tendo em conta a idade, o nível de ensino lecionado, o posicionamento político e o posicionamento religioso foi utilizada uma análise de variância (*ANOVA oneway*) que permite analisar as diferenças das médias entre amostras independentes. A análise de

variância é utilizada para comparar duas ou mais médias e verificar se existem diferenças significativas entre elas. De modo a obter a análise detalhada das diferenças entre as médias de mais de dois grupos, recorreu-se ao teste *HSD de Tukey*. Assim consideram-se estatisticamente significativas as diferenças entre as médias cujo *p-value* seja igual ou inferior a 0.05, o que indica que existem diferenças significativas entre os grupos (Maroco, 2011).

As relações entre as variáveis foram calculadas a partir do Coeficiente de Correlação de Pearson, *r*, que averigua se duas (ou mais) variáveis intervalares estão associadas, assim como a direção positiva ou negativa dessa associação. O coeficiente de correlação situa-se entre -1 e 1, e quanto mais perto de um destes limites, mais forte é a relação entre as duas variáveis (Howell, 2010).

O significado dos resultados foi interpretado de acordo com as convenções definidas por Cohen (1992), nomeadamente que valores de *r* de .10 são considerados pequenos, revelando uma associação fraca, valores de *r* de .30 são considerados médios, antevendo uma associação moderada e valores de *r* de .50 são considerados elevados e revelam uma associação forte.

Enquanto a correlação é utilizada para medir a força e a direção da relação linear entre duas variáveis, a regressão permite prever um resultado de uma variável a partir do resultado da outra (Tabachnick & Fidell, 2007), tendo sido utilizada a análise da regressão linear para modelar algumas relações entre variáveis e prever o valor de uma variável dependente a partir de um conjunto de variáveis independentes ou preditoras (Marôco, 2011).

A capacidade preditora das variáveis é analisada através dos valores de  $\beta$ , que compreendem os coeficientes de correlação estandardizados e expressam a importância relativa de cada variável independente em termos estandardizados. Na análise da capacidade preditora das variáveis, recorreremos também aos valores de  $R^2$ , que medem a magnitude do efeito, ou seja, a quantidade de variância do critério que é capturada pelo fator.

Foram verificados os pressupostos da regressão linear, nomeadamente a Homogeneidade de Variância dos resíduos, a distribuição normal dos erros, e a independência dos resíduos (Howell, 2010; Marôco, 2011). O primeiro deve ser verificado graficamente, devendo a sua análise indicar relações de tipo linear, caso contrário o modelo de regressão linear não é válido (Marôco, 2011). A Distribuição normal dos erros é verificada através de um gráfico de probabilidade normal. A independência dos resíduos foi validada com o teste de Durbin-Watson, cujo valor se deve verificar entre os dois valores críticos de  $1.5 < d < 2.5$ . A análise de distribuição dos erros foi feita através do teste de Kolmogorov-Smirnov, em que se assume uma

distribuição normal sempre que  $p > 0.05$ . A multicolinearidade dos preditores foi verificada através dos valores de VIF e *Tolerance*, em que o valor de *Tolerance* deve ser  $> 0.1$  e o de VIF  $< 10$  para todas as variáveis.

## **Capítulo 3: Apresentação e análise de resultados**

### **3.1) Análise Psicométrica dos instrumentos utilizados**

#### **3.1.1) Análise Fatorial Exploratória (AFE) do Questionário de discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009)**

Apesar deste Questionário já se encontrar adaptado à população portuguesa, optámos por submetê-lo a Análise Fatorial. Esta decisão está relacionada com o facto de que no estudo de adaptação à população portuguesa, a população do sul do país se encontrar sub-representada e por, neste estudo, analisarmos os preconceitos de uma população muito específica em termos de categoria profissional e escolarização.

Tal como já referido, de modo a respeitar o questionário original e a adaptação portuguesa, foi feita uma primeira AFE forçada a sete fatores. No entanto dois fatores eram compostos por um único item o que nos levou a forçar a AFE a cinco fatores. Cinco itens foram excluídos por saturarem em mais do que um fator. A solução fatorial com cinco fatores foi explicativa de 53.57% da variância encontrada (*Scree Plot* disponível para consulta no Anexo III).

Realizou-se então um teste de validade da AFE através dos testes Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e de esfericidade de Bartlett. Através da observação dos valores encontrados, verificou-se que poderia ser realizada a análise fatorial, sendo a mesma válida e adequada (Teste de Esfericidade de Bartlett:  $\chi^2 = 6787,90$ ,  $p < ,001$ ; KMO = ,824), demonstrando que as variáveis estão correlacionadas e que existe homogeneidade nas mesmas.

Na tabela 2, apresenta-se a estrutura fatorial obtida após rotação, incluindo os pesos fatoriais de cada item nos respetivos fatores, os respetivos valores próprios, a percentagem de variância explicada e a média de cada fator.

No estudo original (Massey, 2009) e na adaptação portuguesa (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010), os dados obtidos confirmaram a multidimensionalidade do preconceito em relação a gays e lésbicas. O presente estudo confirma a multidimensionalidade do preconceito, embora de forma mais matizada (mas, ainda assim, de acordo com os pressupostos teóricos subjacentes a este questionário).

Assim, e tal como podemos observar na estrutura fatorial apresentada na tabela 2, o primeiro fator (explicativo de 20.90% da variância) agrupa os itens das sub-escalas originais Heterossexismo Tradicional, Aversão a Gays e Aversão a Lésbicas, que transmitem preconceito e aversão. De facto, os itens que compõem este fator são relativos a crenças que desvalorizam comportamentos, afetos e pessoas LGBT, da mesma forma que avaliam de forma negativa a homossexualidade, considerando-a pecado, imoralidade ou patologia/perversão. Pela análise semântica destes itens, optámos por designar este fator como Heterossexismo Hostil.

O segundo fator (explicativo de 14.05% da variância) agrupa itens que refletem valores e atitudes positivas em relação a gays e lésbicas, valores pró-diversidade e reconhecimento da cidadania e direitos LGBT das sub-escalas originais Heterossexismo Tradicional, Julgamentos de Valor do Movimento Gay e Lésbico, Negação da Discriminação Contínua e Crenças Positivas. Também pela análise semântica dos itens, este fator foi designado como Encorajamento da Visibilidade.

O terceiro fator (explicativo de 8.46% da variância) agrupa os itens que traduzem crença e estereótipos positivos em relação a pessoas gays e lésbicas das sub-escalas iniciais Crenças Positivas, Aversão a Gays, Aversão a Lésbicas, Julgamentos de Valor do Movimento Gay e Lésbico e Resistência à Heteronormatividade, pelo que foi designado de Crenças Positivas.

O quarto fator (explicativo de 5.58% da variância) apenas engloba itens da sub-escala Resistência à Heteronormatividade, pelo que mantivemos a designação do fator.

O quinto fator (explicativo de 4.57% da variância) engloba itens da sub-escala Negação da Discriminação Contínua, pelo que também mantivemos a designação do fator.

As médias dos resultados nas diferentes dimensões foram as seguintes: para a dimensão heterossexismo hostil, média de 2.34 (DP = ,95); para a dimensão Encorajamento da Visibilidade, média de 3.76 (DP = ,84); para a dimensão Crenças Positivas, média de 2.57 (DP = ,85); para a dimensão Resistência à Heteronormatividade, média de 2.40 (DP = 1,01); para a dimensão negação da discriminação contínua, média de 2.69 (DP = ,95).



**Tabela 2:** Estrutura Fatorial do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009).

|   | Fatores |      |   |   |   |
|---|---------|------|---|---|---|
|   | 1       | 2    | 3 | 4 | 5 |
| 78. A homossexualidade masculina é uma perversão.   | ,801    |      |   |   |   |
| 61. A homossexualidade feminina põe em causa o resto da sociedade uma vez que quebra com a divisão natural entre os sexos.                                      | ,794    |      |   |   |   |
| 2. Os homens gay não são homens verdadeiros.  | ,792    |      |   |   |   |
| 60. A homossexualidade feminina é uma ameaça a várias das nossas instituições sociais   | ,757    |      |   |   |   |
| 18. Acho os homens homossexuais doentios.   | ,757    |      |   |   |   |
| 57. Tento evitar contacto com homens gay.   | ,743    |      |   |   |   |
| 76. Comportamentos homossexuais entre dois homens são algo que simplesmente está errado.  | ,742    |      |   |   |   |
| 12. Se um homem tem sentimentos homossexuais, deve fazer tudo para ultrapassá-los.  | ,736    |      |   |   |   |
| 42. As lésbicas não são mulheres verdadeiras.   | ,735    |      |   |   |   |
| 46. A ideia de casamento entre pessoas do mesmo sexo parece-me ridícula.  | ,727    |      |   |   |   |
| 3. A homossexualidade feminina é uma forma inferior de sexualidade.   | ,714    |      |   |   |   |
| 62. A homossexualidade feminina é um pecado.  | ,712    |      |   |   |   |
| 58. As lésbicas são doentias.   | ,703    |      |   |   |   |
| 23. Preferia que os homens gay agissem sempre de forma mais masculina.  | ,696    |      |   |   |   |
| 41. Os homens gays não conseguem ser masculinos.  | ,691    |      |   |   |   |
| 1. Acho as mulheres lésbicas nojentas.  | ,668    |      |   |   |   |
| 49. Preferia que as mulheres lésbicas fossem mais femininas.  | ,664    |      |   |   |   |
| 67. Tento evitar contacto com mulheres lésbicas.  | ,662    |      |   |   |   |
| 44. O crescente número de mulheres lésbicas é um indicador do declínio moral da nossa sociedade.  | ,662    |      |   |   |   |
| 43. Sinto-me desconfortável quando as lésbicas agem de forma masculina.   | ,638    |      |   |   |   |
| 15. As mulheres lésbicas não conseguem ser femininas.   | ,595    |      |   |   |   |
| 29. Não me sinto confortável quando os homens gay agem de forma feminina.   | ,553    |      |   |   |   |
| 39. A homossexualidade é um estilo de vida moralmente igual à heterossexualidade.   |         | ,531 |   |   |   |
| 6. Casais homossexuais devem poder adotar crianças da mesma forma que casais heterossexuais.  |         | ,454 |   |   |   |
| 10. É compreensível porque é que grupos a favor dos direitos de lésbicas e gays estão preocupados com a limitação social de oportunidades para gays e lésbicas. |         | ,736 |   |   |   |
| 35. As pessoas que assumem a sua homossexualidade devem ser admiradas pela sua coragem.   |         | ,736 |   |   |   |
| 19. As organizações que promovem os direitos dos homossexuais são necessárias.  |         | ,704 |   |   |   |
| 40. As conquistas que os movimentos pelos direitos civis que gays e lésbicas têm conseguido são admiráveis.   |         | ,701 |   |   |   |
| 8. Um programa escolar de educação sexual deveria referir-se a todas as   |         | ,686 |   |   |   |

|  |      |
|--|------|
| orientações sexuais  |      |
| 5. Muitas lésbicas e gays ainda perdem oportunidades de emprego e promoções devido à sua orientação sexual.                                  | ,663 |
| 24. Lésbicas e gays habitualmente perdem bons empregos em função da discriminação de que são alvo.   | ,631 |
| 45. As lésbicas e os gays ainda precisam lutar por direitos iguais.  | ,611 |
| 36. As leis que regulam o comportamento sexual privado e consentido entre duas lésbicas devem ser menos restritivas.                         | ,586 |
| 72. A homossexualidade masculina é apenas um estilo de vida diferente que não deve ser condenado.  | ,585 |
| 14. É importante para gays e lésbicas serem honestos para com os seus sentimentos e desejos.   | ,574 |
| 11. A condição dos gays e das lésbicas só pode melhorar quando começarem a ocupar posições importantes dentro do sistema na nossa sociedade. | ,556 |
| 73. Os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoraram de forma geral toda a sociedade.                        | ,543 |
| 69. É fácil compreender a revolta dos grupos gays e lésbicos no nosso país.  | ,533 |
| 47. Se duas pessoas realmente se amam não deve importar se são homem e mulher, dois homens ou duas mulheres.                                 | ,531 |
| 20. As lésbicas estiveram na linha da frente no que diz respeito à luta e reconhecimento de direitos iguais às mulheres.                     | ,526 |
| 26. Tal como noutras espécies, a homossexualidade masculina é uma expressão natural da sexualidade dos homens.                               | ,517 |
| 28. A sociedade chegou a um ponto em que pessoas gay e pessoas heterossexuais devem ter oportunidades iguais.                                | ,495 |
| 53. A sociedade melhora com a diversidade oferecida pelas pessoas gays e lésbicas.   | ,458 |
| 50. Por si só a homossexualidade não é um problema, o problema é o que a sociedade pode fazer dela.  | ,454 |
| 75. Vejo o movimento gay como algo positivo.   | ,434 |
| 4. Admiro a força das mulheres lésbicas.   | ,433 |
| 65. Se uma filha minha me dissesse que pensava poder ser lésbica, eu encorajava-a a explorar esse aspeto de si mesma.                        | ,433 |
| <hr/>  |      |
| 51. Ser gay pode fazer com que um homem seja mais empático.  | ,725 |
| 70. Homens gay são mais criativos que homens heterossexuais.   | ,718 |
| 66. As lésbicas têm muito a ensinar a outras mulheres sobre serem independentes.   | ,714 |
| 31. Homens heterossexuais têm coisas a aprender com homens gay no que diz respeito a moda.   | ,671 |
| 74. Acho que os homens gay são emocionalmente mais disponíveis que os homens heterossexuais.   | ,650 |
| 17. Os homens heterossexuais têm algo a aprender com homens gay sobre relações de amizade com mulheres.                                      | ,630 |

|  |              |              |             |             |             |
|--|--------------|--------------|-------------|-------------|-------------|
| 22. Ser lésbica pode tornar uma mulher mais autossuficiente.   |              |              |             |             | ,614        |
| 48. Gostaria de ter mais amigas lésbicas.  |              |              |             |             | ,553        |
| 32. Gostaria de ter mais amigos gay.   |              |              |             |             | ,514        |
| 77. Gays e lésbicas devem ser admirados por viverem as suas vidas em constante adversidade (social/política/cultural). |              |              |             |             | ,426        |
| 13. Sinto-me restringido/a pelo rótulo de género que me aplicam habitualmente.   |              |              |             |             | ,786        |
| 9. Sinto-me restringido/a pelo rótulo de orientação sexual que me aplicam habitualmente.                               |              |              |             |             | ,732        |
| 7. Sinto-me restringido/a pelas expectativas que as pessoas têm sobre mim em função do meu género.                     |              |              |             |             | ,697        |
| 37. Sinto-me limitado/a pelos comportamentos sexuais que os outros esperam de mim.                                     |              |              |             |             | ,548        |
| 56. Sinto-me restringido pelas normas e regras da sociedade.   |              |              |             |             | ,513        |
| 27. A maioria dos gays e lésbicas já não são discriminados/as.   |              |              |             |             | ,800        |
| 25. A discriminação face a gays e lésbicas já não é um problema em Portugal.   |              |              |             |             | ,732        |
| 55. De forma geral, as pessoas na nossa sociedade tratam gays e heterossexuais de forma igual.                         |              |              |             |             | ,656        |
| 33. É raro ver gays e lésbicas serem tratados/as de forma homofóbica na televisão.                                     |              |              |             |             | ,611        |
| <b>Valores Próprios</b>  | <b>13.79</b> | <b>9.27</b>  | <b>5.59</b> | <b>3.69</b> | <b>3.01</b> |
| <b>Percentagem de variância explicada</b>  | <b>20.90</b> | <b>14.05</b> | <b>8.46</b> | <b>5.59</b> | <b>4.57</b> |
| <b>Média</b>   | <b>2.34</b>  | <b>3.76</b>  | <b>2.57</b> | <b>2.40</b> | <b>2.69</b> |
| <b>Desvio-Padrão</b>   | <b>.95</b>   | <b>.84</b>   | <b>.85</b>  | <b>1.01</b> | <b>.95</b>  |
| <b>Valor Mínimo</b>  | <b>1.00</b>  | <b>1.00</b>  | <b>1.00</b> | <b>1.00</b> | <b>1.00</b> |
| <b>Valor Máximo</b>  | <b>5.55</b>  | <b>5.91</b>  | <b>5.00</b> | <b>5.50</b> | <b>6.00</b> |

### 3.1.2) Análise da Consistência Interna dos instrumentos utilizados

Apresentam-se na tabela 3 os resultados das análises de consistência interna (*Alpha de Cronbach*) para as diferentes dimensões dos questionários utilizados. Todos os fatores emergentes da análise fatorial do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) apresentam consistências internas muito elevadas. A sub-escala do Heterossexismo Moderno apresenta um Alpha relativamente mais baixo, mais ainda dentro dos valores aceitáveis.

**Tabela 3:** Valores mínimos e máximos, média, desvio-padrão e Alpha de Cronbach para as dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo e para a sub-escala do Heterossexismo Moderno.

| Dimensões                         | Alpha | Nº itens | Min  | Max  | M    |
|-----------------------------------|-------|----------|------|------|------|
| Heterossexismo Hostil             | .96   | 22       | 1.00 | 5.55 | 2.34 |
| Encorajamento da Visibilidade     | .94   | 25       | 1.00 | 5.91 | 3.76 |
| Crenças Positivas                 | .87   | 10       | 1.00 | 5.00 | 2.57 |
| Resistência à Heteronormatividade | .87   | 5        | 1.00 | 5.50 | 2.40 |
| Negação da discriminação contínua | .78   | 4        | 1.00 | 6.00 | 2.69 |
| Heterossexismo Moderno            | .73   | 7        | 1.14 | 5.71 | 3.48 |

### 3.2) Análise dos principais resultados obtidos

#### 3.2.1) Comparação de médias das dimensões em função do sexo dos/as participantes

De modo a testar as diferenças entre os sexos nos resultados obtidos nas diversas dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) e na sub-escala do Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012), utilizou-se o teste *t*-Student uma vez que este permite perceber se as médias de duas populações são ou não significativamente diferentes (Martins, 2011).

Através do teste de Levene foram verificados os pressupostos inerentes a este teste estatístico, tendo sido constatadas a normalidade das distribuições e a homogeneidade das variâncias.

Em relação às diferenças encontradas através do teste *t*-Student, podemos observar que existem diferenças estatisticamente significativas nas médias na dimensão heterossexismo hostil ( $t_{(195)} = 4.02$ ,  $p = .000$ ) sendo que os homens apresentam médias mais elevadas que as mulheres (respetivamente, 2.78 e 2.19).

Foram também encontradas diferenças significativas na dimensão Encorajamento da Visibilidade ( $t_{(195)} = 2.42$ ,  $p = .017$ ), em que as mulheres apresentam uma média mais elevada que os homens (respetivamente, 3.85 e 3.52).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos nas outras dimensões: Crenças Positivas ( $t_{(195)} = 1.43$ ,  $p = .155$ ); Resistência à Heteronormatividade ( $t_{(195)} = .65$ ,  $p = .514$ ); Negação da Discriminação Contínua ( $t_{(195)} = 1.72$ ,  $p = .087$ ).

Na tabela 4, podemos observar as médias obtidas em cada uma das dimensões tendo em conta o sexo dos/as participantes, bem como os resultados encontrados com o teste *t*-Student.

**Tabela 4:** Análise das diferenças nas dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009), tendo em conta o sexo.

| Dimensões                         | Sexo | N   | Média | DP   | <i>t</i> | <i>p</i> |
|-----------------------------------|------|-----|-------|------|----------|----------|
| Heterossexismo Hostil             | M    | 53  | 2.78  | .99  | 4.02     | .000     |
|                                   | F    | 144 | 2.19  | .87  |          |          |
| Encorajamento da Visibilidade     | M    | 53  | 3.52  | .90  | 2.42     | .017     |
|                                   | F    | 144 | 3.85  | .83  |          |          |
| Crenças Positivas                 | M    | 53  | 2.41  | .94  | 1.43     | .155     |
|                                   | F    | 144 | 2.61  | .83  |          |          |
| Resistência à Heteronormatividade | M    | 53  | 2.48  | 1.01 | .65      | .514     |
|                                   | F    | 144 | 2.37  | 1.03 |          |          |
| Negação da discriminação contínua | M    | 53  | 2.87  | 1.10 | 1.72     | .087     |
|                                   | F    | 144 | 2.61  | .90  |          |          |

Também relação à sub-escala do Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012), foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas médias em função do sexo ( $t_{(195)} = 4.21$ ,  $p = .000$ ), sendo que os homens apresentam uma média mais elevada do que as mulheres (3.98 e 3.33, respetivamente), tal como é possível constatar na tabela 5.

**Tabela 5:** Análise das diferenças das diferenças de médias da sub-escala do Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012), tendo em conta o sexo.

| Dimensão               | Sexo | N   | Média | DP  | <i>t</i> | <i>p</i> |
|------------------------|------|-----|-------|-----|----------|----------|
| Heterossexismo Moderno | M    | 53  | 3.98  | .94 | 4.21     | .000     |
|                        | F    | 144 | 3.33  | .94 |          |          |

### 3.2.2) Análise da comparação de médias de variáveis independentes – ANOVA *oneway*<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Por uma questão de curiosidade, e embora não constituíssem questões de investigação, testaram-se as diferenças de médias nas dimensões avaliadas em função do nível de ensino lecionado e dos grupos disciplinares dos/as participantes. Não foram encontradas quaisquer diferenças estatisticamente significativas.

### a) Em função da idade

Tal como podemos constatar na tabela 6, existem diferenças significativas nas médias dos/as participantes nas dimensões Crenças Positivas ( $F_{(203)} = 5.20$ ;  $p = .006$ ) e Resistência à Heteronormatividade ( $F_{(203)} = 3.39$ ;  $p = .036$ ). No que se refere às Crenças Positivas, são as pessoas com 46 ou mais anos que apresentam uma média mais elevada (2.81) e as pessoas até 39 anos apresentam a média mais baixa (2.40).

Em relação à Resistência à Heteronormatividade, são também as pessoas com mais de 46 anos que apresentam média mais elevada (2.63), e se distinguem dos restantes grupos etários (ambos com média de 2.26). O teste HSD de Tukey permitiu verificar que na dimensão Crenças Positivas, as pessoas com mais de 45 anos diferem significativamente das pessoas com idades até aos 39 anos ( $p = .011$ ) e das pessoas com idades compreendidas entre os 40 e os 45 anos ( $p = .034$ ). Este teste não permitiu discriminar entre que grupos etários se verificam diferenças na dimensão Resistência à Heteronormatividade.

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos etários nas restantes dimensões avaliadas por este questionário.

**Tabela 6:** Média e Desvio-Padrão das diferentes dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) em função da idade (ANOVA *oneway*)

| Dimensões                         | Idades | N  | Média | DP   | F    | p    |
|-----------------------------------|--------|----|-------|------|------|------|
| Heterossexismo Hostil             | ≤ 39   | 71 | 2.27  | .96  | .32  | .725 |
|                                   | 40-45  | 55 | 2.38  | .95  |      |      |
|                                   | ≥ 46   | 78 | 2.38  | .95  |      |      |
| Encorajamento da Visibilidade     | ≤ 39   | 71 | 3.73  | .91  | .15  | .857 |
|                                   | 40-45  | 55 | 3.75  | .84  |      |      |
|                                   | ≥ 46   | 78 | 3.81  | .79  |      |      |
| Crenças Positivas                 | ≤ 39   | 71 | 2.40  | .84  | 5.20 | .006 |
|                                   | 40-45  | 55 | 2.44  | .75  |      |      |
|                                   | ≥ 46   | 78 | 2.81  | .89  |      |      |
| Resistência à Heteronormatividade | ≤ 39   | 71 | 2.26  | 1.07 | 3.39 | .036 |
|                                   | 40-45  | 55 | 2.26  | .84  |      |      |
|                                   | ≥ 46   | 78 | 2.63  | 1.03 |      |      |
| Negação da discriminação contínua | ≤ 39   | 71 | 2.73  | .93  | 1.96 | .143 |
|                                   | 40-45  | 55 | 2.47  | .80  |      |      |
|                                   | ≥ 46   | 78 | 2.79  | 1.05 |      |      |

Relativamente à sub-escala do Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012), e tal como podemos constar na tabela 7, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em função da idade ( $F_{(203)} = 3.33$ ;  $p = .038$ ), sendo as

peças com idades compreendidas entre os 40 e os 45 anos as que apresentam média mais elevada (3.76) e as peças com idades até 39 anos as que apresentam a média mais baixa (3.34). O teste HSD de Tukey permitiu verificar que estes dois grupos diferem significativamente ( $p = .039$ ).

**Tabela 7:** Média e Desvio-Padrão da sub-escala Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012) em função da idade (ANOVA *oneway*)

| Dimensão               | Idades | N  | Média | DP   | F    | p    |
|------------------------|--------|----|-------|------|------|------|
| Heterossexismo Moderno | ≤ 39   | 71 | 3.34  | .98  | 3.33 | .038 |
|                        | 40-45  | 55 | 3.76  | 1.08 |      |      |
|                        | ≥ 46   | 78 | 3.42  | .86  |      |      |

#### **b) Em função do posicionamento político**

Tal como podemos constatar na tabela 8, existem diferenças significativas nas médias dos/as participantes nas dimensões Heterossexismo Hostil ( $F_{(175)} = 4.34$ ;  $p = .014$ ) e Encorajamento da Visibilidade ( $F_{(175)} = 4.62$ ;  $p = .011$ ). Relativamente ao Heterossexismo Hostil, são as peças com uma posição política/ideológica de Direita que apresentam uma média mais elevada (2.77) e as peças com uma posição política/ideológica de Esquerda as que apresentam a média mais baixa (2.09). Em relação ao Encorajamento da Visibilidade, são as peças de Direita que apresentam média mais baixa (3.32), e as peças de Esquerda as que apresentam média mais elevada (3.88).

O teste HSD de Tukey permitiu verificar que na dimensão Heterossexismo Hostil as peças de Esquerda diferem significativamente das peças de Direita ( $p = .011$ ). Na dimensão Encorajamento da Visibilidade, as peças de Direita diferem significativamente das peças de Centro ( $p = .012$ ) e de Esquerda ( $p = .018$ ).

Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas nas restantes dimensões avaliadas pelo questionário.

**Tabela 8:** Média e Desvio-Padrão das diferentes dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) em função da posição política/ideológica (ANOVA *oneway*)

| Dimensões                         | Posição Política/Ideológica | N   | Média | DP   | F    | p    |
|-----------------------------------|-----------------------------|-----|-------|------|------|------|
| Heterossexismo Hostil             | Esquerda                    | 46  | 2.09  | .90  | 4.34 | .014 |
|                                   | Centro                      | 105 | 2.38  | .93  |      |      |
|                                   | Direita                     | 25  | 2.77  | 1.09 |      |      |
| Encorajamento da Visibilidade     | Esquerda                    | 46  | 3.88  | 1.05 | 4.62 | .011 |
|                                   | Centro                      | 105 | 3.85  | .69  |      |      |
|                                   | Direita                     | 25  | 3.32  | .88  |      |      |
| Crenças Positivas                 | Esquerda                    | 46  | 2.47  | .95  | .54  | .583 |
|                                   | Centro                      | 105 | 2.63  | .87  |      |      |
|                                   | Direita                     | 25  | 2.53  | .86  |      |      |
| Resistência à Heteronormatividade | Esquerda                    | 46  | 2.22  | 1.03 | 1.65 | .196 |
|                                   | Centro                      | 105 | 2.54  | 1.04 |      |      |
|                                   | Direita                     | 25  | 2.38  | .96  |      |      |
| Negação da discriminação contínua | Esquerda                    | 46  | 2.59  | 1.01 | .23  | .799 |
|                                   | Centro                      | 105 | 2.68  | .96  |      |      |
|                                   | Direita                     | 25  | 2.74  | .86  |      |      |

Também em relação ao Heterossexismo Moderno, e tal como é possível analisar na tabela 9, existem diferenças estatisticamente significativas nas médias em função da orientação política/ideológica ( $F_{(175)} = 5.62$ ;  $p = .004$ ), sendo que as pessoas de Direita as que apresentam uma média mais elevada nesta dimensão (4.05) e as pessoas de Esquerda, as que apresentam uma média mais baixa (3.27). O teste HSD de Tukey permitiu verificar que as pessoas de Direita diferem significativamente das pessoas de Esquerda ( $p = .003$ ) e das pessoas de Centro ( $p = .017$ ).

**Tabela 9:** Média e Desvio-Padrão da sub-escala do Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012) em função da posição política/ideológica (ANOVA *oneway*)

| Dimensão               | Posição Política/Ideológica | N   | Média | DP   | F    | p    |
|------------------------|-----------------------------|-----|-------|------|------|------|
| Heterossexismo Moderno | Esquerda                    | 46  | 3.27  | 1.08 | 5.62 | .004 |
|                        | Centro                      | 105 | 3.46  | .91  |      |      |
|                        | Direita                     | 25  | 4.05  | .89  |      |      |

### c) Em função da religiosidade

Tal como podemos constatar na tabela 10, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os grupos em função da posição religiosa na



dimensão Heterossexismo Hostil ( $F_{(192)} = 4.55$ ;  $p = .012$ ), sendo as pessoas muito religiosas as que apresentam média mais elevada (2.67) e as pessoas pouco ou nada religiosas as que apresentam média mais baixa (2.08). O teste HSD de Tukey permitiu verificar que estes dois grupos diferem significativamente ( $p = .010$ ).

Não foram encontradas outras diferenças significativas em função da religiosidade dos/as participantes nas outras dimensões avaliadas pelo questionário.

**Tabela 10:** Média e Desvio-Padrão das diferentes dimensões do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo (Massey, 2009) em função da posição religiosa (ANOVA *oneway*)

| Dimensões                         | Posição Religiosa      | N   | Média | DP   | F    | p    |
|-----------------------------------|------------------------|-----|-------|------|------|------|
| Heterossexismo Hostil             | Pouco/nada religioso/a | 57  | 2.08  | .90  | 4.55 | .012 |
|                                   | Religioso/a            | 101 | 2.40  | .94  |      |      |
|                                   | Muito religioso/a      | 35  | 2.67  | .99  |      |      |
| Encorajamento da Visibilidade     | Pouco/nada religioso/a | 57  | 3.95  | .87  | 1.95 | .145 |
|                                   | Religioso/a            | 101 | 3.73  | .83  |      |      |
|                                   | Muito religioso/a      | 35  | 3.61  | .81  |      |      |
| Crenças Positivas                 | Pouco/nada religioso/a | 57  | 2.52  | .85  | .098 | .907 |
|                                   | Religioso/a            | 101 | 2.59  | .88  |      |      |
|                                   | Muito religioso/a      | 35  | 2.57  | .84  |      |      |
| Resistência à Heteronormatividade | Pouco/nada religioso/a | 57  | 2.46  | 1.00 | .37  | .688 |
|                                   | Religioso/a            | 101 | 2.34  | 1.00 |      |      |
|                                   | Muito religioso/a      | 35  | 2.48  | 1.12 |      |      |
| Negação da discriminação contínua | Pouco/nada religioso/a | 57  | 2.54  | .91  | 2.93 | .056 |
|                                   | Religioso/a            | 101 | 2.61  | .97  |      |      |
|                                   | Muito religioso/a      | 35  | 3.00  | .84  |      |      |

Foram também encontradas diferenças significativas entre os grupos na dimensão Heterossexismo Moderno ( $F_{(192)} = 5.71$ ;  $p = .004$ ), sendo as pessoas muito religiosas as que apresentam a média mais elevada (3.96) e as pessoas pouco ou nada religiosas as que apresentam média mais baixa (3.26). O teste HSD de Tukey permitiu

verificar que as pessoas muito religiosas diferem significativamente nesta dimensão das pessoas pouco ou nada religiosas ( $p = .003$ ) e das pessoas moderadamente religiosas ( $p = .041$ ).

**Tabela 11:** Média e Desvio-Padrão da sub-escala Heterossexismo Moderno (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012) em função da posição religiosa (ANOVA *oneway*)

| Dimensão               | Posição Religiosa      | N   | Média | DP   | F    | p    |
|------------------------|------------------------|-----|-------|------|------|------|
| Heterossexismo Moderno | Pouco/nada religioso/a | 57  | 3.26  | 1.06 | 5.71 | .004 |
|                        | Religioso/a            | 101 | 3.50  | .89  |      |      |
|                        | Muito religioso/a      | 35  | 3.96  | 1.01 |      |      |

### 3.2.3) Correlações de Pearson – Análise das relações entre as variáveis

Os resultados descritos na tabela 12 permitem analisar as correlações existentes entre as dimensões em estudo.

Verifica-se que o Heterossexismo Hostil se encontra significativamente correlacionado ( $p < 0.01$ ), de forma moderada negativa com o Encorajamento da Visibilidade ( $r = -.300$ ), de forma moderada positiva com a Resistência à Heteronormatividade ( $r = .415$ ) e com a Negação da Discriminação ( $r = .287$ ) e de forma acentuada com o Heterossexismo Moderno ( $r = .571$ ).

Assim é possível afirmar que quanto mais hostilidade e maior nível de desconforto pela existência de pessoas não heterossexuais, menor é a adesão a valores igualitários e pró-diversidade e menos se valoriza e reconhece a cidadania e direitos de e para pessoas LGBT.

Por outro lado, verifica-se uma associação entre uma maior consciência/desconforto associados a papéis de género rígidos e inflexíveis e uma maior adesão a crenças hostis relativamente a pessoas não heterossexuais.

Verifica-se também que quanto mais hostilidade é manifestada, menos consciência existe acerca da discriminação de que são vítimas pessoas LGBT, seja esta causa ou consequência da primeira.

Importa acrescentar que tal como verificado por Poeschl, Venâncio & Costa (2012), também neste estudo existe uma forte correlação entre os preconceitos explícitos e hostis e os preconceitos implícitos e subtis.

Relativamente à dimensão Encorajamento da Visibilidade, existem correlações significativas ( $p < 0.01$ ) de forma moderada positiva para a dimensão Crenças Positivas ( $r = .424$ ) e de forma moderada negativa para a dimensão Heterossexismo Moderno ( $r = -.369$ ). Verifica-se ainda uma correlação significativa ( $p < 0.05$ ) fraca para dimensão Resistência à Heteronormatividade ( $r = .148$ ).

Estes resultados sugerem que existe uma relação entre a adesão a estereótipos positivos relativamente a gays e lésbicas e os valores pró-diversidade, sendo que quanto maior a adesão a estereótipos, mais se manifestam valores pró-diversidade.

Por outro lado, verifica-se também que quanto maior é a consciência/desconforto relativamente a privilégios de género e a sistemas binários rígidos relativos ao sexo e ao género, maior é o apoio ao movimento e visibilidade de pessoas LGBT.

Verifica-se ainda que quanto mais se manifestam valores pró-diversidade, menos se adere a preconceitos subtis em relação a gays e a lésbicas.

Em relação à dimensão Crenças Positivas, verifica-se uma correlação significativa ( $p < 0.01$ ), forte para a dimensão Resistência à Heteronormatividade ( $r = .525$ ) e uma correlação significativa ( $p < 0.05$ ), fraca negativa para a dimensão Heterossexismo Moderno ( $r = -.148$ ). Assim, é possível afirmar que quanto maior a consciência do papel opressor de sistemas de género rígidos e binários, maior a adesão a estereótipos positivos relativamente a pessoas não heterossexuais. Por outro lado, os resultados sugerem que quanto maior a adesão a estereótipos positivos, menor é a adesão a preconceitos sexuais modernos.

Quanto à dimensão Resistência à Heteronormatividade, verifica-se uma correlação significativa ( $p < 0.05$ ), fraca para a dimensão Negação da Discriminação ( $r = .154$ ), sugerindo que uma maior consciência/desconforto associados a papéis e expectativas de género se encontra associada a um menor reconhecimento das adversidades que gays e lésbicas enfrentam numa sociedade heterossexista.

Relativamente à dimensão Negação da Discriminação, verifica-se a existência de uma correlação significativa ( $p < 0.05$ ), fraca para a dimensão Heterossexismo Moderno ( $r = .171$ ), sugerindo que quanto maior a adesão a preconceitos modernos em relação a gays e lésbicas, menor é a consciência da desigualdades entre pessoas heterossexuais e pessoas não heterossexuais.

**Tabela 12:** Correlações de Pearson (*r*) entre as dimensões em estudo.

|                                    | Heterossexismo<br>Hostil | Encorajamento<br>Visibilidade | Crenças<br>Positivas | Resistência<br>Heteronormatividade | Negação<br>discriminação | Heterossexismo<br>Moderno |
|------------------------------------|--------------------------|-------------------------------|----------------------|------------------------------------|--------------------------|---------------------------|
| Heterossexismo<br>Hostil           | –                        |                               |                      |                                    |                          |                           |
| Encorajamento<br>Visibilidade      | <b>-.300**</b>           | –                             |                      |                                    |                          |                           |
| Crenças Positivas                  | .131                     | <b>.424**</b>                 | –                    |                                    |                          |                           |
| Resistência<br>Heteronormatividade | <b>.415**</b>            | <b>.148*</b>                  | <b>.525**</b>        | –                                  |                          |                           |
| Negação<br>Discriminação           | <b>.287**</b>            | -.060                         | .115                 | <b>.154*</b>                       | –                        |                           |
| Heterossexismo<br>Moderno          | <b>.571**</b>            | <b>-.369**</b>                | <b>-.148*</b>        | .074                               | <b>.171*</b>             | –                         |

\*\* A correlação é significativa ao nível 0.01

\*A correlação é significativa ao nível 0.05

### 3.2.4) Regressão linear - Análise de Causalidade entre variáveis

Foram realizados 6 modelos de regressão linear, de modo a compreender as relações de causalidade das variáveis.

De modo a compreender se existem preditores significativos de Heterossexismo Hostil, foi proposto um modelo de regressão linear, que pretende compreender se alguma das dimensões sexo, idade, posição política e religiosidade se configuram como preditores significativos.

O segundo pretende verificar se o Encorajamento da Visibilidade pode ser previsto pelas variáveis independentes mencionadas acima (sexo, idade, posição política e religiosidade).

O terceiro modelo tem como variável dependente as Crenças Positivas, pretendendo compreender quais das variáveis independentes (sexo, idade, posição política e religiosidade) se configuram como preditoras.

No quarto modelo de regressão linear pretende-se compreender quais das variáveis dependentes se configuram como preditoras da Resistência à Heteronormatividade.

No quinto modelo, procuramos perceber o feito preditor de cada uma das variáveis dependentes em estudo relativamente à Negação da Discriminação.

No sexto modelo, analisamos a influência das variáveis dependentes como preditoras de Heterossexismo Moderno.

Os pressupostos da distribuição normal e da homoscedasticidade dos resíduos foram validados através da interpretação dos gráficos P-P e *Scatterplot* (disponíveis para consulta nos Anexos IV – IX), para todos os modelos. Estes demonstram que na análise da regressão linear múltipla não há tendência em termos de erro, pelo que se verifica a distribuição normal dos mesmos. O pressuposto da homoscedasticidade do erro foi validado, para todos os modelos, a partir da interpretação do gráfico *Scatterplot*. Verifica-se que existe homogeneidade de variância para todos os modelos.

### a) Modelo 1 – Variável dependente: Heterossexismo Hostil

**Tabela 13.** Resultados da análise de regressão linear: sexo, idade, posição política e religiosidade como preditores de Heterossexismo Hostil

| Variáveis predictoras | $\beta$ | $t$    | $p$  | VIF   | Tol  | KS   | $R^2$ | $R^2_{adj}$ | Durbin-Watson |
|-----------------------|---------|--------|------|-------|------|------|-------|-------------|---------------|
| Sexo                  | -.285   | -4.062 | .000 | 1.011 | .990 |      |       |             |               |
| Idade                 | .097    | 1.381  | .169 | 1.005 | .995 | .991 |       |             |               |
| Posição Política      | .119    | 1.580  | .116 | 1.154 | .866 | $p$  | .165  | .146        | 2.002         |
| Religiosidade         | .208    | 2.774  | .006 | 1.148 | .871 | .280 |       |             |               |

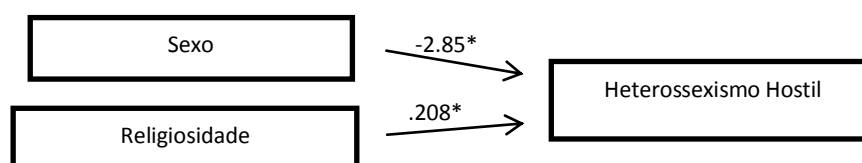
**Variável dependente: Heterossexismo Hostil**

Em relação ao pressuposto da independência, assume-se que não existe uma autocorrelação linear de primeira ordem nos dados ( $d = 2.002$ ). O resultado do teste Kolmogorov-Smirnov,  $Z_{k-s}(176) = .991$ ,  $p = .146 > 0,05$  permite assumir a existência de uma distribuição normal. Foram utilizados o valor de VIF e de *Tolerance* para diagnosticar a multicolinearidade das variáveis do modelo, sendo que todas se apresentam dentro dos valores esperados, como se pode verificar na tabela 13.

A regressão linear múltipla permitiu identificar as variáveis Sexo ( $\beta = -.285$ ;  $t(176) = -4.062$ ;  $p = .000$ ) e Religiosidade ( $\beta = .208$ ;  $t(176) = 2.774$ ;  $p = 0.006$ ) como preditores significativos de Heterossexismo Hostil (Figura 1).

Verificam-se valores de  $R^2_{adj} = .146$  e de  $R^2 = .165$ , o que significa que a regressão linear explica 16.5% da variância dos dados.

**Figura 1: Preditores de Heterossexismo Hostil**



$R^2 = .165$

\* Nível de significância  $p < 0.01$

## b) Modelo 2 – Variável dependente: Encorajamento da Visibilidade

**Tabela 14.** Resultados da análise de regressão linear: Sexo, idade, posição política e religiosidade como preditores do encorajamento da visibilidade

| Variáveis preditoras | $\beta$ | $t$    | $p$  | VIF   | Tol  | KS    | $R^2$ | $R^2_{adj}$ | Durbin-Watson |
|----------------------|---------|--------|------|-------|------|-------|-------|-------------|---------------|
| Sexo                 | .169    | 2.280  | .024 | 1.001 | .990 | 1.188 |       |             |               |
| Idade                | .066    | .896   | .371 | 1.005 | .995 |       | .072  | .051        | 1.960         |
| Posição Política     | -.127   | -1.610 | .109 | 1.154 | .866 | $p$   |       |             |               |
| Religiosidade        | -.106   | 1.348  | .179 | 1.148 | .871 | .119  |       |             |               |

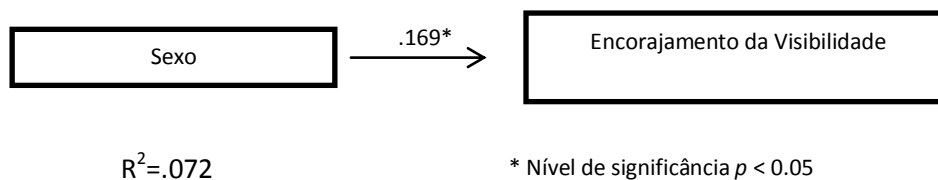
**Variável dependente: Encorajamento da Visibilidade**

Relativamente ao pressuposto da independência, assume-se que não existe uma autocorrelação linear de primeira ordem nos dados ( $d = 1.960$ ). O resultado do teste Kolmogorov-Smirnov,  $Z_{k-s} (176) = 1.188$ ,  $p = .119 > 0,05$  permite assumir a existência de uma distribuição normal. Foram utilizados o valor de VIF e de *Tolerance* para diagnosticar a multicolinearidade das variáveis do modelo, sendo que todas se apresentam dentro dos valores esperados, como se pode verificar na tabela 14.

A regressão linear múltipla permitiu identificar a variável Sexo ( $\beta = .169$ ;  $t (176) = 2.280$ ;  $p < 0.005$ ) como preditor significativo de Encorajamento da Visibilidade (Figura 2).

Verificam-se valores de  $R^2_{adj} = .051$  e de  $R^2 = .072$ , o que significa que a regressão linear explica 7% da variância dos dados.

**Figura 2: Preditores do Encorajamento da Visibilidade**



### c) Modelo 3 – Variável dependente: Crenças Positivas

**Tabela 15.** Resultados da análise de regressão linear: sexo, idade, posição política e religiosidade como preditores de Crenças Positivas

| Variáveis preditoras | $\beta$ | $t$   | $p$  | VIF   | Tol  | KS       | $R^2$ | $R^2_{adj}$ | Durbin-Watson |
|----------------------|---------|-------|------|-------|------|----------|-------|-------------|---------------|
| Sexo                 | .103    | 1.382 | .169 | 1.011 | .990 | .642     |       |             |               |
| Idade                | .197    | 2.644 | .009 | 1.005 | .995 |          | .053  | .030        | 2.003         |
| Posição Política     | .029    | .363  | .717 | 1.154 | .866 | <b>p</b> |       |             |               |
| Religiosidade        | .026    | .323  | .747 | 1.148 | .871 | .805     |       |             |               |

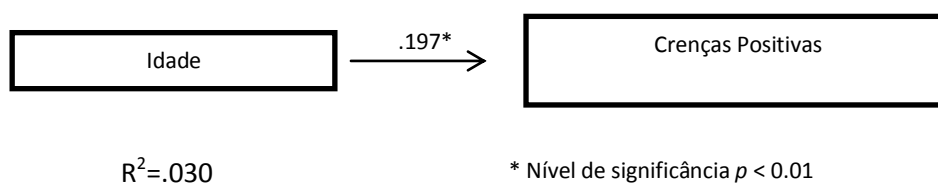
#### Variável dependente: Crenças Positivas

Em relação ao pressuposto da independência, assume-se que não existe uma autocorrelação linear de primeira ordem nos dados ( $d = 2.003$ ). O resultado do teste Kolmogorov-Smirnov,  $Z_{k-s}(176) = .642$ ,  $p = .805 > 0,05$  permite assumir a existência de uma distribuição normal. Foram utilizados o valor de VIF e de *Tolerance* para diagnosticar a multicolinearidade das variáveis do modelo, sendo que todas se apresentam dentro dos valores esperados, como se pode verificar na tabela 15.

A regressão linear múltipla permitiu identificar a variável Idade ( $\beta = .197$ ;  $t(176) = 2.644$ ;  $p = 0.009$ ) como preditor significativo de Crenças Positivas (Figura 3).

Verifica-se um valor  $R^2_{adj} = .053$  e um valor de  $R^2 = .030$ , o que significa que a regressão linear explica 3% da variância dos dados.

**Figura 3: Preditores de Crenças Positivas**



#### d) Modelo 4 – Variável dependente: Resistência à Heteronormatividade

**Tabela 16.** Resultados da análise de regressão linear: sexo, idade, posição política e religiosidade como preditores da resistência à heteronormatividade

| Variáveis preditoras | $\beta$ | $t$   | $p$  | VIF   | Tol  | KS       | $R^2$ | $R^2_{adj}$ | Durbin-Watson |
|----------------------|---------|-------|------|-------|------|----------|-------|-------------|---------------|
| Sexo                 | -.047   | -.625 | .533 | 1.011 | .990 | .994     |       |             |               |
| Idade                | .157    | 2.075 | .040 | 1.005 | .995 |          | .032  | .009        | 2.062         |
| Posição Política     | .064    | .793  | .429 | 1.154 | .866 | <b>p</b> |       |             |               |
| Religiosidade        | .006    | .077  | .939 | 1.148 | .871 | .276     |       |             |               |

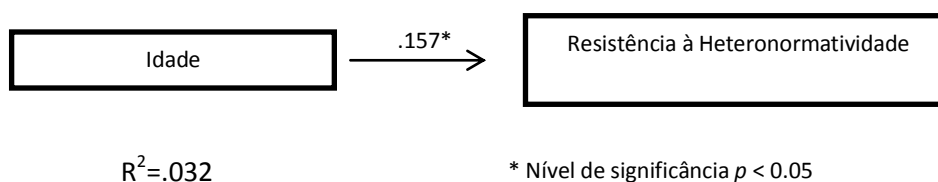
**Variável dependente: Resistência à Heteronormatividade**

Em relação ao pressuposto da independência, assume-se que não existe uma autocorrelação linear de primeira ordem nos dados ( $d = 2.062$ ). O resultado do teste Kolmogorov-Smirnov,  $Z_{k-s}(176) = .994$ ,  $p = .276 > 0,05$  permite assumir a existência de uma distribuição normal. Foram utilizados o valor de VIF e de *Tolerance* para diagnosticar a multicolinearidade das variáveis do modelo, sendo que todas se apresentam dentro dos valores esperados, como se pode verificar na tabela 16.

A regressão linear múltipla permitiu identificar a variável Idade ( $\beta = .157$ ;  $t(176) = 2.075$ ;  $p < 0.005$ ) como preditor significativo de Resistência à Heteronormatividade (Figura 4).

Verifica-se um valor  $R^2_{adj} = .009$  e um valor de  $R^2 = .032$ , o que significa que este modelo explica 3% da variância dos dados.

**Figura 4: Preditores de Heteronormatividade**





**e) Modelo 5 – Variável dependente: Negação da Discriminação**

**Tabela 17.** Resultados da análise de regressão linear: sexo, idade, posição política e religiosidade como preditores da negação da discriminação

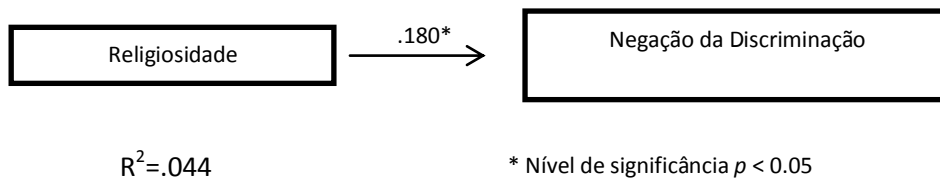
| Variáveis preditoras | $\beta$ | $t$    | $p$  | VIF   | Tol  | KS       | $R^2$ | $R^2_{adj}$ | Durbin-Watson |
|----------------------|---------|--------|------|-------|------|----------|-------|-------------|---------------|
| Sexo                 | -.125   | -1.668 | .097 | 1.011 | .990 | .907     |       |             |               |
| Idade                | .020    | .267   | .790 | 1.005 | .995 |          | .044  | .021        | 1.830         |
| Posição Política     | -.024   | -.295  | .768 | 1.154 | .866 | <b>p</b> |       |             |               |
| Religiosidade        | .180    | 2.243  | .026 | 1.148 | .871 | .383     |       |             |               |

**Variável dependente: Negação da Discriminação**

Em relação ao pressuposto da independência, assume-se que não existe uma autocorrelação linear de primeira ordem nos dados ( $d = 1.830$ ). O resultado do teste Kolmogorov-Smirnov,  $Z_{k-s}(176) = .907$ ,  $p = .383 > 0,05$  permite assumir a existência de uma distribuição normal. Foram utilizados o valor de VIF e de *Tolerance* para diagnosticar a multicolinearidade das variáveis do modelo, sendo que todas se apresentam dentro dos valores esperados, como se pode verificar na tabela 17.

A regressão linear múltipla permitiu identificar a variável Religiosidade ( $\beta = .180$ ;  $t(176) = 2.243$ ;  $p < .005$ ) como preditor significativo de Negação da Discriminação (Figura 5). Verifica-se um valor  $R^2_{adj} = .021$  e um valor de  $R^2 = .044$ , o que significa que a regressão linear explica 4% da variância dos dados.

**Figura 5: Preditores de Negação de Discriminação**



**f) Modelo 6 – Variável dependente: Heterossexismo Moderno**

**Tabela 18.** Resultados da análise de regressão linear: sexo, idade, posição política e religiosidade como preditores de Heterossexismo Moderno

| Variáveis preditoras | $\beta$ | $t$    | $p$  | VIF   | Tol  | KS       | $R^2$ | $R^2_{adj}$ | Durbin-Watson |
|----------------------|---------|--------|------|-------|------|----------|-------|-------------|---------------|
| Sexo                 | -.306   | -4.376 | .000 | 1.011 | .990 | 1.123    |       |             |               |
| Idade                | .063    | .910   | .364 | 1.005 | .995 |          | .174  | .155        | 1.828         |
| Posição Política     | .132    | 1.774  | .078 | 1.154 | .866 | <b>p</b> |       |             |               |
| Religiosidade        | .198    | 2.658  | .009 | 1.148 | .871 | .161     |       |             |               |

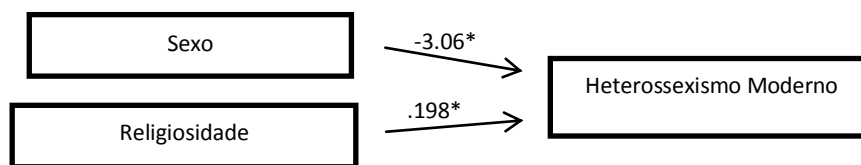
**Variável dependente: Heterossexismo Moderno**

Relativamente ao pressuposto da independência, assume-se que não existe uma autocorrelação linear de primeira ordem nos dados ( $d = 1.828$ ). O resultado do teste Kolmogorov-Smirnov,  $Z_{k-s}(176) = 1.123$ ,  $p = .161 > 0,05$  permite assumir a existência de uma distribuição normal. Foram utilizados o valor de VIF e de *Tolerance* para diagnosticar a multicolinearidade das variáveis do modelo, sendo que todas se apresentam dentro dos valores esperados, como se pode verificar na tabela 18.

A regressão linear múltipla permitiu identificar as variáveis Sexo ( $\beta = -.306$ ;  $t(176) = -4.376$ ;  $p = .000$ ) e Religiosidade ( $\beta = .198$ ;  $t(176) = 2.658$ ;  $p = 0.009$ ) como preditores significativos de Heterossexismo Moderno (Figura 6).

Verificam-se valores de  $R^2_{adj} = .155$  e de  $R^2 = .174$ , o que significa que a regressão linear explica 17% da variância dos dados.

**Figura 6: Preditores de Heterossexismo Moderno**



$R^2 = .174$

\* Nível de significância  $p < 0.01$

## Discussão global de resultados

Esta discussão pressupõe uma síntese global dos resultados apresentados anteriormente.

A análise psicométrica dos instrumentos permitiu aferir e confirmar a sua qualidade para medir as dimensões pretendidas. Assim, os instrumentos mostraram medir as dimensões a que se propõem de forma fiável e válida, permitindo conclusões válidas sobre os resultados obtidos através da análise dos mesmos.

Por outro lado, a análise de correlação das dimensões avaliadas neste estudo revela que existem correlações estatisticamente significativas entre as mesmas.

Tal como na versão original (Massey, 2009) e na adaptação portuguesa (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010), neste estudo salientou-se a multidimensionalidade do preconceito sexual, embora de forma mais matizada. À semelhança de outros estudos (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012; Sue, 2010), os/as participantes revelam níveis mais elevados de preconceitos subtis, em relação a gays e lésbicas do que preconceitos explícitos e hostis, verificando-se o pressuposto subjacente aos instrumentos utilizados (McCormack, 2012), não se excluindo no entanto, os efeitos que a desejabilidade social possa ter exercido sobre as respostas dos/as participantes (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010).

Assim, a expressão de preconceitos dos/as participantes encontra-se relacionada sobretudo com a oposição a mudanças políticas e sociais que desafiam princípios heterossexistas, e que têm como objetivo a promoção da igualdade no acesso a direitos e instituições independentemente da orientação sexual.

No entanto, existe uma relação estatisticamente muito significativa entre os preconceitos explícitos e os preconceitos implícitos dos/as participantes, sendo que o Heterossexismo Hostil é transversal a grupos etários e a posicionamentos políticos. Embora a manifestação de preconceito seja menos óbvia por ser sancionada não só pela consciência individual mas também por valores sociopolíticos e por uma moral coletiva, a mesma continua ancorada em crenças hostis, na desvalorização e/ou patologização de pessoas não heterossexuais e no desrespeito pela diversidade sexual e pelos direitos destas mesmas pessoas, ou seja, apesar das retóricas, práticas e discursos se terem vindo a tornar ambíguos, as posições discriminatórias mantêm-se (Walls, 2008).

Assim, os/as participantes revelam baixas atitudes de suporte, apoio e encorajamento à visibilidade e participação social ativa de pessoas gays e lésbicas. Quando são manifestadas atitudes pró-diversidade, as mesmas encontram-se associadas à adesão a estereótipos positivos, ou seja, a crenças relacionadas com características positivas que são consequência natural de ser gay ou lésbica.

Embora na revisão da literatura, tenha sido discutido o papel dos estereótipos na formação e manutenção de preconceitos (Davies, 2003; Herek, 2009; Perrin, 2002), neste estudo, a análise de correlação sugere que a adoção de estereótipos positivos encontra-se relacionada com a diminuição do desconforto associado à performatividade de identidades gays e lésbicas e à extensão de direitos independentemente da orientação sexual (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012).

Do mesmo modo, os/as participantes, independentemente do sexo, grupo etário e posicionamentos políticos e religiosos, revelam pouca consciência/perceção dos preconceitos, da discriminação e da limitação social de oportunidades a que estão sujeitas pessoas não heterossexuais, bem como pouco reconhecimento pelo facto destes/as vivenciarem de forma, mais ou menos, constante situações e contextos de adversidade heterossexista, não reconhecendo as suas reivindicações igualitárias. O não reconhecimento do tratamento desigual que é atribuído a gays e lésbicas encontra-se associado ao desconforto provocado pela expressão e visibilidade de gays e lésbicas e à adesão a crenças não igualitárias relativamente à extensão de direitos a pessoas LGBT.

De forma geral, os/as participantes revelam crenças tradicionais, binárias e heteronormativas acerca dos constructos sexo e género e respetivos papéis associados, e agem como grupo hegemónico ao não revelarem consciência nem preocupação acerca dos privilégios atribuídos a pessoas heterossexuais numa sociedade heterossexista (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010).

Por outro lado e quando manifestada, a consciência/desconforto com o carácter opressor e delimitador dos papéis e normas de género não se traduz na adoção de valores pró-diversidade. Verifica-se uma relação entre esta consciência e o apoio, ainda que frágil, à visibilidade e ao exercício efetivo de cidadania e de direitos plenos por parte de pessoas não heterossexuais, possivelmente, pela adoção de crenças estereotípicas positivas em relação a estas, pois estas parecem estar associadas à adesão a valores pró-diversidade.

No entanto, a análise de correlação indica que consciência dos privilégios de género não parece promover o reconhecimento das adversidades que pessoas gays e lésbicas enfrentam pelo facto de estarem enquadradas num contexto hegemónico e heterossexista. Ainda neste sentido, esta mesma consciência não impede os/as participantes de avaliar pessoas não heterossexuais enquanto pecadores/as, pervertidos/as ou imorais e de considerar que a homossexualidade é um desvio à norma heterossexual.

Os resultados encontrados neste estudo sugerem que não parece haver consciência de que os preconceitos sexuais resultem também de estereótipos, binarismo, normas e expectativas rígidas e limitadoras de género. Assim, e embora possa ser manifestada

consciência relativamente ao impacto do género, não se manifesta empatia para com gays e lésbicas, que por desafiarem convenções de género e lidarem com o impacto deste questionamento, enfrentam adversidades, discriminação, abusos e violência.

Os/as participantes deste estudo revelam assim pouca reflexão e questionamento do preconceito sexual.

Atendendo às especificidades da amostra deste estudo, composta maioritariamente por mulheres heterossexuais, seria de esperar que fossem mais contestados os privilégios de género sexistas hegemónicos que colocam as mulheres em posição de subordinação perante os homens. No entanto, quando esta consciência se manifesta, ou seja, quando são questionados os papéis e expectativas de género e/ou há desconforto associados à rigidez dos mesmos, não há questionamento da heterossexualidade enquanto norma, ou seja, os/as participantes assumem a sua posição de grupo hegemónico e dominante.

Analisando a influência de algumas variáveis na expressão de preconceitos em relação a lésbicas e gays, verifica-se que o sexo dos/as participantes é um preditor de Heterossexismo Hostil e de Heterossexismo Moderno. Neste estudo, foram identificadas diferenças significativas entre os sexos na expressão de preconceitos, sendo que os homens apresentam atitudes mais aversivas em relação a pessoas não heterossexuais e encorajam menos a sua visibilidade, o que corrobora os resultados de outras investigações que indicam que as mulheres são mais tolerantes em relação à homossexualidade do que os homens (Gato, Fontaine & Carneiro, 2012; Lipkin, 2004; Mason, 2002).

Da mesma forma, os homens também manifestam uma maior oposição à visibilidade e performatividade de pessoas não heterossexuais e à extensão igualitária de direitos. O sexo constitui assim um bom preditor quer de Heterossexismo Hostil, quer de Heterossexismo Moderno, o que se relaciona com a construção social de género, pois tal como já referido neste trabalho, o preconceito sexual faz parte da construção da masculinidade, mas não da feminilidade (Clarkson, 2006; Moita, 2001; Pinilla, 2012; Wilkinson, 2004a).

Neste estudo, a idade revelou ser um bom preditor de Crenças Positivas e de Resistência à Heteronormatividade. Existem também diferenças significativas entre grupos etários na expressão de preconceitos, sendo que as pessoas mais velhas (mais de 45 anos) aderem mais a visões estereotípicas positivas relativamente a gays e lésbicas e revelam uma maior consciência/desconforto pelo carácter normativo e opressor dos papéis de género. Por outro lado, são pessoas com idades compreendidas entre os 40 e os 45 anos que revelam uma maior adesão a crenças implícitas relativamente à limitação da visibilidade de gays e lésbicas, tal como encontrado noutras investigações (Davies, 2003).

Em relação ao posicionamento político dos/as participantes, embora esta variável não tenha assumido capacidade preditora relativamente às dimensões avaliadas neste estudo, o que nos indica que as mesmas são transversais a posições ou identidades políticas, o posicionamento político afeta a expressão de preconceitos em relação a pessoas não heterossexuais (Wilkinson, 2004b).

Assim, as pessoas com ideologias políticas de Direita apresentaram mais avaliações explícitas negativas de pessoas não heterossexuais, considerando a homossexualidade uma patologia/perversão e/ou imoralidade e também maior oposição à expressão de gays e lésbicas e a mudanças políticas e sociais igualitárias com objetivos relacionados com a diminuição da discriminação.

São também as pessoas com identidade política de Direita que menos apoiam a visibilidade e os movimentos sociais e de reivindicação de pessoas não heterossexuais, o que muitas vezes se encontra na própria agenda política de partidos com estes posicionamentos. Neste sentido, posicionamentos políticos à esquerda parecem traduzir-se em menos manifestações quer de Heterossexismo Hostil, quer de Heterossexismo Moderno.

Na análise da influência da religiosidade dos/as participantes, percebemos que esta variável é preditora de Heterossexismo Hostil e de Heterossexismo Moderno e também de Negação da Discriminação. Assim, são as pessoas mais religiosas que mais expressam preconceitos hostis, caracterizados pela desvalorização de pessoas, comportamentos e afetos gays e lésbicos e por caracterizarem a homossexualidade enquanto pecado, patologia ou perversão. São também as pessoas mais religiosas as que mais revelam preconceitos subtis, ou seja, as que mais se opõem à visibilidade de pessoas não heterossexuais e à extensão de direitos, independentemente, da orientação sexual. É de salientar que muitas crenças hostis se encontram ancoradas na própria moral e ética judaico-cristã e nas normas e teologias sociais do Cristianismo (Murray, 2000; Ritter & Terndrup, 2002).

## Conclusões Gerais

O século XX foi marcado por quatro grandes temas relativos à homossexualidade, a perseguição e contínua supressão da homossexualidade; patologização das homossexualidades; movimento LGBT para proteger os direitos humanos e estatuto legal da homossexualidade e das relações homossexuais (Ahmad & Bhugra, 2010).

A luta e afirmação dos movimentos LGBT trouxe visibilidade a estas pessoas e permitiu-lhes expressarem suas identidades (McCormack, 2012), que são no entanto condicionadas por preconceitos e discriminação, que alguns estudos mostram que para a população em geral são mais aceitáveis em relação a gays e lésbicas do que dirigidos a outros grupos (Whitley & Kite, 2010).

As identidades sexuais são claramente constructos sociais, com uma contextualização cultural, social, política e histórica (Ritter & Terndrup, 2002), pois as sociedades tendem a regular, limitar e estruturar as sexualidades e os comportamentos sexuais, de modo que, as identidades sexuais são também resultado de normas, valores e constrangimentos sociais. As identidades sexuais são construídas pelas experiências românticas e/ou sexuais com parceiros/as, mas também pelas atitudes, crenças e expectativas acerca da sexualidade por parte da família e dos pares (Graber & Archibald, 2001).

O processo de construção de identidades sexuais faz-se pela conjugação de características essenciais do *self* e de constructos sociais e é muitas vezes um processo que decorre ao longo de todo o ciclo de vida (Ritter & Terndrup, 2002), sobretudo quando falamos de pessoas LGBT que desenvolvem a suas identidades em contextos marcados pelo heterossexismo (Graber & Arhibald, 2001; Ritter & Terndrup, 2002).

Assim e apesar do caminho percorrido, lidar com uma identidade que ainda é estigmatizada pela sociedade continua a ser uma tarefa essencial da maioria das pessoas LGBT (Ryan, 2001). Por isso, é absolutamente fundamental considerar o enquadramento heterossexista no qual estas pessoas se desenvolveram, bem como as especificidades inerentes a esta população e dos seus processos de construção de identidades (Ritter & Terndrup, 2002). O heterossexismo afeta as pessoas LGBT e a construção social das suas identidades, pois quase todas se confrontaram ou confrontam com preconceitos e discriminação (Herek, Chopp & Strohl, 2006; Marinucci, 2010; Russell & Bohan, 1999; Schneider, 2001; Sue, 2010).

Formas explícitas de preconceito e discriminação de pessoas LGBT podem ser visíveis na legislação, violência física e assédio verbal e não verbal, discursos de ódio, disseminação de estereótipos, impossibilidade de acesso a oportunidades sociais. No entanto, as manifestações explícitas de preconceito em relação a pessoas LGBT parecem ser apenas uma pequena parte do problema. O heterossexismo subtil é relativamente invisível, mas afeta consideravelmente o bem-estar, a autoestima e as

condições de vida de pessoas LGBT. As experiências quotidianas de agressão “subtil” poderão ter mais impacto do que formas mais tradicionais e explícitas de preconceito (Sue, 2010).

Embora já haja alguma investigação sobre manifestações contemporâneas de preconceito relativamente a pessoas LGBT, muitos estudos indicam a dificuldade em definir e aceder à discriminação que ocorre através de enviesamentos implícitos, pois são difíceis de identificar, quantificar e retificar pois são subtis e nebulosos. A natureza invisível destas manifestações contemporâneas de preconceito impede os opressores de tomar consciência da sua cumplicidade no estabelecimento e manutenção de dilemas psicológicos para as minorias e o seu papel nas disparidades a nível do emprego, educação e cuidados de saúde (Sue, 2010).

Neste sentido, e à semelhança daquilo que está descrito na literatura, os/as participantes deste estudo revelaram mais preconceitos subtis, o que os leva a opor-se à extensão igualitária de valores e ao desconforto associado à expressão de pessoas não heterossexuais. Embora estas posições sejam menos hostis e menos aversivas que posturas tradicionais que desvalorizam a homossexualidade e que a encaram como desvio, ambas se concretizam em atitudes discriminatórias. Uma vez que tal como já discutido, a ausência de negatividade explícita não implica a manifestação de atitudes pró-diversidade e de encorajamento da visibilidade de lésbicas e gays, os/as professores podem não hostilizar diretamente pessoas LGBT, mas assumir posições que limitem a sua expressão e participação ativa.

O não reconhecimento do tratamento desigual e da limitação social de oportunidades a que estão sujeitos/as gays e lésbicas por parte dos/as participantes, bem como o desconhecimento que manifestam acerca do impacto dos preconceitos sobre estas pessoas e sobre a sua cidadania ativa, facilitam igualmente a assunção de posturas discriminatórias.

Por outro lado, o enquadramento heterossexista das sociedades ocidentais facilitou a exposição de heterossexuais e de não heterossexuais a enviesamentos relativamente à diversidade sexual (Sue, 2010) que contribuem para a formação e manutenção de preconceitos, nomeadamente, a disseminação de estereótipos. Embora neste estudo, os estereótipos positivos estejam associados ao encorajamento da visibilidade de gays e lésbicas, a adoção de crenças estereotípicas positivas deturpa a visão sobre pessoas LGBT.

Neste sentido, salientou-se também neste estudo que mesmo pessoas muito escolarizadas e diferenciadas revelam adesão a mitos relativamente à homossexualidade, nomeadamente a associação entre homossexualidade e patologia, pois estas são ideias que se encontram enraizadas histórica, social e culturalmente e que



os/as mesmos/as por pertencerem a um grupo hegemónico heterossexual não questionam.

Da mesma forma, as crenças, normas e expectativas de género construídas sob a hegemonia masculina encontram-se ancoradas na organização social das sociedades ocidentais contemporâneas, e continuam a constituir guias de ações, comportamentos, afetos e sexualidades com impactos muito significativos sobre muitas pessoas. No entanto os/as participantes deste estudo não parecem ter consciência do papel opressor do género e da sua relação com a exclusão social de gays e lésbicas.

Assim, e de acordo com os resultados deste estudo e de acordo com a literatura (Morrow, 2006), os/as professores/as parecem estar pouco preparados/as para lidar com as especificidades das populações LGBT. A Escola manifesta dificuldades em abordar temáticas LGBT, pelo medo de encorajar a homossexualidade através da difusão de imagens e ideias positivas acerca da mesma. A necessidade de promover imagens positivas de pessoas e comportamentos LGBT está relacionada com a necessidade de reassegurar jovens LGBT acerca da legitimidade e naturalidades dos seus afetos e comportamentos, bem como a transmitir-lhes uma noção de identidade e história LGBT (Davies, 2003).

A falta de preparação de professores/as contribui para que alguns/algumas jovens LGBT vejam o seu percurso escolar e social marcado pela estigmatização, pelo preconceito, pelo isolamento e pela discriminação (Elze, 2006). Desta forma, é urgente preparar professores/as para a educação de jovens acerca das diversidades e pluralidades sexuais de forma a diminuir a homofobia, os heterossexismo, os estereótipos e os pensamentos bipolarizados em torno da heterossexualidade e da homossexualidade, permitindo que os jovens desenvolvam consciência acerca das minorias e das dificuldades e desafios que enfrentam no enquadramento e inserção numa determinada sociedade maioritária (Davies, 2003).

### **Limitações do estudo**

A apreciação dos resultados deste estudo deve ser feita tendo em conta as limitações do mesmo, sendo que uma das principais se relaciona com a amostra que não é representativa da realidade do país. Assim para que os resultados pudessem ser mais significativos, a amostra deveria ser mais alargada e mais distribuída por professores/as de escolas de vários pontos geográficos do país, uma vez que existem especificidades quer associadas à urbanidade/ruralidade dos contextos quer associadas a assimetrias regionais (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010).

Existem também limitações da amostra relacionada com a representatividade das variáveis sociodemográficas estudadas, nomeadamente o sexo dos/as participantes, pois

esta é composta maioritariamente por mulheres. Por outro lado, a amostra não é representativa relativamente a posições políticas (participantes com posicionamento político maioritariamente de tendência central) e religiosas (maioria dos/as participantes com posições moderadamente religiosas).

Há ainda que considerar que as omissões de resposta relativamente a algumas variáveis<sup>3</sup> sociodemográficas alvo de análise e estudo neste trabalho inviabilizaram também uma análise mais minuciosa dos resultados.

Há ainda a salientar que não foram consideradas variáveis que estudos anteriores mostram estar fortemente correlacionadas com a expressão de preconceitos, nomeadamente, o contacto dos/as participantes com pessoas não heterossexuais (Costa, Pereira, Oliveira & Nogueira, 2010), que estudos futuros deveriam analisar.

### **Perspetivas futuras/Implicações para a Intervenção**

Tal como refere Gabriela Moita (Moita, 2006), para a promoção de uma sociedade mais justa, é fundamental denunciar e desconstruir linhas de pensamento teórico que perpetuam o modelo de exclusão, sendo importante identificar os preconceitos em todos os quadrantes do tecido social, nomeadamente professores/as responsáveis pela educação de crianças e jovens em fase crucial de desenvolvimento de identidades, ideias e valores, mas também de preconceitos.

É necessário investigar mais sobre a forma como o preconceito se manifesta em contextos sociais, pois a expressão do preconceito difere em função das motivações pessoais para responder de forma não preconceituosa. Neste sentido, e uma vez que as pessoas podem manifestar ou inibir preconceitos em função das suas atitudes, crenças, valores pessoais ou por tendências sociais igualitárias (Poeschl, Venâncio & Costa, 2012), seria muito pertinente continuar a investigar acerca das variáveis moderadoras da expressão de preconceito.

Tendo em conta, os constrangimentos da utilização de escalas para medir o preconceito identificados pelas perspetivas construcionistas sociais (Bohan & Russel, 1999), estudos futuros deverão mais do que documentar atitudes e comportamentos, explorar o modo como as pessoas manifestam o preconceito, ou seja, como é produzido e reproduzido o preconceito nos discursos e nas interações sociais e através de artefactos culturais, identificando assim formas mais subtis de preconceito (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010). Por outro lado, e relativamente a implicações para a intervenção, de modo a alcançar mudanças sociais positivas é também necessário investigar acerca da intervenção no preconceito, ou seja, na modificação de crenças, atitudes e comportamentos

---

<sup>3</sup> Verificámos que uma das variáveis mais omitidas foi o sexo dos participantes. Esta omissão pode estar relacionada com o receio de ser identificado/a na escola onde se leciona (embora o questionário fosse entregue em envelope).

discriminatórios (Clarke, Ellis, Peel & Riggs, 2010) que não sendo necessariamente explícitos, hostis e intencionais, impõem a invisibilidade como condição para a aceitação social de gays e lésbicas e afetam significativamente o seu bem-estar, a sua autoestima e as suas condições de vida (Herek, 2007).

Este estudo sugere que é urgente preparar professores/as para a educação de jovens acerca das diversidades sexuais de forma a diminuir o preconceito, os estereótipos e os pensamentos bipolarizados em torno da heterossexualidade e da homossexualidade, permitindo que os jovens desenvolvam consciência acerca das minorias e das dificuldades e desafios que enfrentam no enquadramento e inserção numa determinada sociedade maioritária (Davies, 2003).

Na preparação e formação de professores/as, e tendo em conta os resultados alcançados neste estudo, é necessário refletir e denunciar os efeitos e consequências do heterossexismo, numa sociedade (supostamente) igualitária.

Uma vez que persistem preconceitos ancorados em crenças que associam a homossexualidade quer a patologias quer a perversões, e que as mesmas se encontram enraizadas na cultura portuguesa, parece ser necessário continuar a trabalhar ao nível da desmistificação. Da mesma forma, e embora as crenças estereotípicas positivas pareçam estar associadas a valores pró-diversidade, a literatura e a investigação mostram que os estereótipos se encontram associados à manutenção de preconceito, sendo então necessário desconstruí-los.

A formação de professores deve também contemplar a reflexão sobre papéis, normas e expectativas de género e hegemonia masculina, permitindo uma maior consciencialização relativamente à relação existente entre binarismos de género e preconceitos relativamente a pessoas que não revelam conformismo face aos mesmos. Estas ações parecem ser importantes sobretudo para homens, para que através da reflexão acerca da construção social de género e das masculinidades possam ser questionados os princípios subjacentes à construção de identidades masculinas que facilitam que os homens apresentem mais preconceitos hostis e subtis relativamente à diversidade sexual.

## Referências Bibliográficas

- Aboud, F. (2005). The development of prejudice in childhood and adolescence. In J. Dovidio, P. Glick & L. Rudman (Eds). *On the nature of prejudice: Fifty years after Allport* (pp. 310-326). Malden: Blackwell Publishing.
- Ahmad, S. & Bhugra, D. (2010). Homophobia: An updated review of the literature. *Sexual and Relationship Therapy*, 25 (4), 447-455.
- Almeida, L. S. & Freire, T. (2003). *Metodologia de investigação em psicologia e educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Almeida, S. J. (2010). *Homossexuais no estado novo*. Porto: Sextante Editora.
- Amâncio, L. (2004). A(s) masculinidade(s) em que-estão. In L. Amâncio (Org). *Aprender a ser homem* (pp. 13-27). Lisboa: Livros Horizonte.
- António, R., Pinto, T., Pereira, C., Farcas, D. & Moleiro, C. (2012). *Bullying homofóbico no contexto escolar em Portugal*. *Psicologia*, 26 (1), 17-32.
- Bailey, J. M. (2003). *The man who would be queen: The science of gender-bending and transsexualism*. Washington: Joseph Henry Press.
- Bailey, J.M. (2009). What is sexual orientation and do women have one? In D. Hope (Eds). *Contemporary perspectives on lesbian, gay and bisexual identities* (pp. 43-64). New York: Springer.
- Bem, D. (2001). Exotic becomes erotic: Integrating biological and experiential antecedents of sexual orientation. In A. Augelli & C. Patterson (Eds). *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: psychological perspectives* (pp. 52-70). New York: Oxford University Press.
- Bernstein, M. & Reimann, R (2001). *Queer families, queer politics: Challenging culture and the state*. New York: Columbia University Press.
- Bohan, J. & Russel, G. (1999). Implications for psychological research and theory building. In J. Russel & G. Bohan (Eds). *Conversations about psychology and sexual orientation* (pp. 85-105). New York: New York University Press.
- Brochu, P., Gawronsky, B. & Esses, V. (2008). Cognitive consistency and the relation between implicit and explicit prejudice: Reconceptualizing old-fashioned, modern and aversive prejudice. In M. Morrison & T. Morrison (Eds). *The psychology of modern prejudice* (pp. 27-50). New York: Nova Science Publishers, Inc.
- Calhoun, C. (2000). *Feminism, the family, and the politics of the closet: Lesbian and gay displacement*. New York: Oxford University Press.
- Carneiro, N. (2009). *Homossexualidades: Uma psicologia entre ser, pertencer e participar*. Porto: Livpsic.

- Cass, V. (1990). The implications of the homosexual identity formation for the Kinsey model and scale of sexual preference. In D. McWhierter, S. Sanders & J. Reinsch (Eds). *Homosexuality/heterosexuality: Concepts of sexual orientation* (pp. 23-49). Oxford: Oxford University Press.
- Choma, B. & Hodson, G. (2008). And so the pendulum swings: A framework for conceptualizing the causes of prejudice. In M. Morrison & T. Morrison (Eds). *The psychology of modern prejudice* (pp. 1-26). New York: Nova Science Publishers, Inc.
- Chonody, J., Rutledge, S. & Siebert, D. (2009). College students' attitudes toward gays and lesbians. *Journal of Social Work Education*, 45 (3), 499-512.
- Clarke, E., Ellis, S., Peel, E. & Riggs, D. (2010). *Lesbian, gay, bisexual, trans and queer psychology: An introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Clarkson, J. (2006). "Everyday Joe" versus "pissy, bitchy, queens": Gay masculinity on straightacting.com. *The Journal of Men's Studies*, 14 (2), 191-207.
- Cohler, B. & Hammack, P. (2009). Lives, times and narrative engagement: Multiplicity and meaning in sexual lives. In P. Hammack & B. Cohler (Eds). *The story of sexual identity: Narrative perspectives on the gay and lesbian life course* (pp. 453-465). Oxford: Oxford University Press.
- Coleman, E. (1989). Gay, lesbian, and bisexual adolescents: A critical challenge to counselors. *Journal Of Counseling & Development*, 68 (1), 36.
- Coleman, E. (1990). Toward a syntethic understanding of sexual orientation. In D. McWhierter, S. Sanders & J. Reinsch (Eds). *Homosexuality/heterosexuality: Concepts of sexual orientation* (pp. 50-72). Oxford: Oxford University Press.
- Costa, C., Pereira, M., Oliveira, J. & Nogueira, C. (2010). Imagens sociais das pessoas LGBT. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 93-148). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Cullen, C. & Barnes-Holmes, D. (2008). Implicit pride and prejudice: A heterosexual phenomenon? In M. Morrison & T. Morrison (Eds). *The psychology of modern prejudice* (pp. 195-224). New York: Nova Science Publishers, Inc.
- Davies, D. (2003). Working with people coming out. In C. Neal & D. Davies (Eds). *Pink therapy: A guide for counselors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients* (pp. 66-88). Maidenhead: Open University Press.
- Degges-White, S., Rice, B. & Myers, J. (2000). Revisiting the Cass theory of sexual identity formation: a study of lesbian development. *Journal of Mental Health Counseling*, 22(4), 318.

- Dovidio, J., Glick, P. & Rudman, L. (2005). Reflecting on the nature of prejudice: Fifty years after Allport. In J. Dovidio, P. Glick & L. Rudman (Eds). *On the nature of prejudice: Fifty years after Allport* (pp. 1-16). Malden: Blackwell Publishing.
- Eagly, A. & Diekmann, A. (2005). What is the problem? Prejudice as an attitude in context. In J. Dovidio, P. Glick & L. Rudman (Eds). *On the nature of prejudice: Fifty years after Allport* (pp. 19-35). Malden: Blackwell Publishing.
- Edlund, J. & Heider, J. (2008). *The relationship between modern and implicit prejudice*. In M. Morrison & T. Morrison (Eds). *The psychology of modern prejudice* (pp. 77-92). New York: Nova Science Publishers, Inc.
- Eliason, M. & Schope, R. (2007). Shifting sands or solid foundation? Lesbian, gay, bisexual and transgender identity formation. In I. Meyer & M. Northridge (Eds). *The health of sexual minorities: Public health perspectives on lesbian, gay, bisexual and transgender populations* (pp. 3-26). New York: Springer.
- Elze, D. (2006). Oppression, prejudice and discrimination. In D. Morrow & L. Messinger (Eds). *Sexual orientation & gender expression in social work practice: Working with gay, lesbian, bisexual and transgender people* (pp. 43-80). New York: Columbia University Press.
- Fish, J. (2006). *Heterosexism in health and social care*. New York: Palgrave Macmillan.
- Fishbein, H. (2002). *Peer prejudice and discrimination: The origins of prejudice*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Fisher, B. & Akman, J. (2002). Normal development in sexual minority youth. In B. Jones & M. Hill (Eds). *Mental health issues in lesbian, gay, bisexual and transgender communities* (pp. 102-135). Washington: American Psychiatric Publishing.
- Garber, L. (2001). *Identity poetics: Race, class and the lesbian-feminist roots of queer theory*. New York: Columbia University Press.
- Gato, J., Fontaine, A. M. & Carneiro, N. S. (2012). Escala multidimensional de atitudes face a lésbicas e a gays: construção e validação preliminar. *Paidéia*. 22: 11-20.
- Graber, J. & Archibald, A. (2001). Psychosocial change at puberty and beyond: Understanding adolescent sexuality and sexual orientation. In A. Augelli & C. Patterson (Eds). *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: Psychological perspectives* (pp. 3-26). New York: Oxford University Press.
- Haldeman, D. (1999). The best of both worlds: Essentialism, social constructionism and clinical practice. In J. Russel & G. Bohan (Eds). *Conversations about psychology and sexual orientation* (pp. 57-70). New York: New York University Press.
- Hargaden, H. & Llewellyn, S. (2003). Lesbian and gay parenting issues. In C. Neal & D. Davies (Eds). *Pink therapy: A guide for counselors and therapists working with*

- lesbian, gay and bisexual clients* (pp. 116-130). Maidenhead: Open University Press.
- Herek, G. (2007). Confronting sexual stigma and prejudice: Theory and practice. *Journal of Social Issues*, 63 (4), 905-925.
- Herek, G. (2009). Sexual stigma and sexual prejudice in the United States: A conceptual framework. In D. Hope (Eds). *Contemporary perspectives on lesbian, gay and bisexual identities* (pp. 65-112). New York: Springer.
- Herek, G., Chopp, R. & Strohl, D. (2006). Sexual stigma: Putting sexual minority health issues in context. In I. Meyer & M. Northridge (Eds). *The health of sexual minorities: Public health perspectives on lesbian, gay, bisexual and transgender populations* (pp. 171-208). New York: Springer.
- Hershberger, S. (2001). Biological factors in the development of sexual orientation. In A. Augelli & C. Patterson (Eds). *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: Psychological perspectives* (pp. 27-51). New York: Oxford University Press.
- Higgins, D. (2007). Sexual equity is more than avoiding homophobia. *Sexual and Relationship Therapy*, 22 (2), 283-286.
- Howson, R. (2006). *Challenging hegemonic masculinities*. London: Routledge.
- IMNA (2011). *The health of lesbian, gay, bisexual and transgender people: Building a foundation for better understanding*. Washington: The National Academies Press.
- Isay, R. (1990). Psychoanalytic theory and therapy of gay men. In D. McWhirter, S. Sanders & J. Reinish (Eds). *Homosexuality/heterosexuality: Concepts of sexual orientation* (pp. 55-74). Oxford: Oxford University Press.
- Isay, R. (1998). *Tornar-se gay: O caminho da autoaceitação*. São Paulo: Summus.
- Jackson, S. (2006). Heterosexuality, sexuality and gender: Re-thinking the intersections. In D. Richardson, J. McLaughlin & M. Casey (Eds). Houndmills: Palgrave MacMillan.
- Jenkins, W. (2010). Can anyone tell me why I'm gay? What research suggests regarding the origins of sexual orientation. *North American Journal of Psychology*, 12 (2), 279-296.
- Jones, B. & Hill, M. (2002). *Mental health issues in lesbian, gay, bisexual and transgender communities*. Washington: American Psychiatric Publishing.
- Judd, M. & Park, B. (2005). Group differences and Stereotype Accuracy. In J. Dovidio, P. Glick & L. Rudman (Eds). *On the nature of prejudice: Fifty years after Allport* (pp. 123-138). Malden: Blackwell Publishing.

- Klein, F. (1999). Psychology of sexual orientation. In J. Russel & G. Bohan (Eds). *Conversations about psychology and sexual orientation* (pp.129-138). New York: New York University Press.
- Kulkarni, C. (2002). *Lesbian & lesbianisms: A post-jungian perspective*. London: Routledge.
- LeVay, S. (2010). *Gay, straight and the reason why: The science of sexual orientation*. Oxford: Oxford University Press.
- Lipkin, A. (2004). *Beyond diversity day: A q&a on gay and lesbian issues in schools*. Lanham: Rowan & Littlefield Publishers, INC.
- Major, B. & Vick, B. (2005). The psychological impact of prejudice. In J. Dovidio, P. Glick & L. Rudman (Eds). *On the nature of prejudice: Fifty years after Allport* (pp. 139-154). Malden: Blackwell Publishing.
- Marcus, E. (2005). *Is it a choice? Answers to the most frequently asked questions about gay and lesbian people*. San Francisco: Harper-Collins.
- Marinucci, M. (2010). *Feminism is queer: The intimate connection between queer and feminist theory*. London: Zed Books.
- Maroco, J. (2010). *Análise estatística – Com a utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Maroco, J. (2011). *Análise estatística com o SPSS statistics*. Pero Pinheiro: Report Number.
- Marques, A. (2004). Os trabalhos da masculinidade. In L. Amâncio (Org). *Aprender a ser homem* (pp. 29-50). Lisboa: Livros Horizonte.
- Marques, J. & Paéz, D. (2006). Processos cognitivos e estereótipos sociais. In J. Vala & M. Monteiro (Org). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Martins, C. (2011). *Manual de análise de dados quantitativos com recurso ao IBM® SPSS®: Saber decidir, fazer, interpretar e redigir*. Braga: Psiquilibrios.
- Mason, G. (2002). *The spectacle of violence: Homophobia, gender and knowledge*. London: Routledge.
- Massey, S. (2009). Polymorphous prejudice: Liberating the measurement of heterosexual's attitudes toward lesbians and gay men. *Journal of Homosexuality*, 56, 147-172.
- McCormack, M. (2012). *The declining significance of homophobia: How teenage boys are redefining masculinity and heterosexuality*. Oxford: Oxford University Press.
- McGhee, D. (2001). *Homosexuality, law and resistance*. London: Routledge.



- Melo, M. (2000). *Quid petis? Um estudo sobre o processo de doutoramento*. Tese de doutoramento não publicada. Universidade de Évora.
- Messinger, L. (2006). A historical perspective. In D. Morrow & L. Messinger (Eds.). *Sexual orientation & gender expression in social work practice: Working with gay, lesbian, bisexual and transgender people* (pp. 18-42). New York: Columbia University Press.
- Meyer, E. (2010). *Gender and sexual diversity in schools*. New York: Springer.
- Meyer, I. (2006). Prejudice and discrimination as social stressors. In I. Meyer & M. Northridge (Eds.). *The health of sexual minorities: Public health perspectives on lesbian, gay, bisexual and transgender populations* (pp. 242-267). New York: Springer.
- Moita, G. (2001). *Discursos sobre a homossexualidade no contexto clínico: A homossexualidade de dois lados do espelho*. Tese de Doutoramento não publicada. Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar. Universidade do Porto.
- Moita, G. (2006). A patologização da diversidade sexual: A homofobia no discurso dos clínicos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 76, 53-72.
- Morrow, D. (2006). Sexual orientation and gender identity expression. In D. Morrow & L. Messinger (Eds.). *Sexual orientation & gender expression in social work practice: Working with gay, lesbian, bisexual and transgender people* (pp. 3-17). New York: Columbia University Press.
- Murray, S. (2000). *Homosexualities*. Chicago: The Chicago University Press.
- Myers, J. (2003). *The a to z of the lesbian liberation movement: Still the rage*. Plymouth: The Scarecrow Press.
- Neal, C. & Davies, D. (2003). *Pink Therapy: a guide for counselors and therapists working with lesbian, gay and bisexual clients*. Maidenhead: Open University Press.
- Ojeda, A. (2004). *Homosexuality*. San Diego: Greenhaven Press.
- Oliveira, J. (2010). Orientação sexual e identidade de género na psicologia: Notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 19-44). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Oliveira, J. & Amâncio, L. (2002). Liberdades condicionais: O conceito de papel de género revisitado. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 40, 45-61.
- Oliveira, J. & Nogueira, C. (2010). Desafiar o futuro. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 267-276). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

- Oliveira, J., Pereira, M., Costa, C. & Nogueira, C. (2010). Pessoas LGBT – Identidades e discriminação. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 149-210). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Perrin, E. (2002). *Sexual orientation in child and adolescent health care*. New York: Kluwer Academic Publishers.
- Pinilla, D. (2012). *Masculinidades: un acercamiento a los grupos de hombres por la igualdad en el estado español*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade de Saragoça.
- Poeschl, G., Venâncio, J. & Costa, D. (2012). Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito homossexual: O ponto de vista das pessoas homossexuais. *Psicologia*, 26 (1), 33-53.
- Poteat, P. & Mereish, E. (2012). Ideology, prejudice, and attitudes toward sexual minority, social policies and organizations. *Political Psychology*, 33 (2), 211-225.
- REA (2012). Observatório de educação LGBT: Relatório sobre homofobia e transfobia. <https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-observatorio-educacao-2012.pdf> Acedido a: 20 de Outubro de 2013.
- Ritter, K. & Terndrup, A. (2002). *Handbook of affirmative psychotherapy with lesbians and gay men*. New York: The Guilford Press.
- Rivers, I. (2000). Long-term consequences of bullying. In C. Neal & D. Davies (Eds). *Issues in therapy with lesbian, gay, bisexual and transgender clients* (pp. 146-159). Buckingham: Open University Press.
- Rivers, I. & D'Augelli, A. (2001). The victimization of lesbian, gay and bisexual youths. In A. D'Augelli & C. Patterson (Eds). *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: Psychological perspectives* (pp. 199-223). New York: Oxford University Press.
- Russel, J. & Bohan, G. (1999). Implications for clinical work. In J. Russel & G. Bohan (Eds). *Conversations about psychology and sexual orientation* (pp. 31-56). New York: New York University Press.
- Ryan, C. (2001). Counseling lesbian, gay and bisexual youths. In A. D'Augelli & C. Patterson (Eds). *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: Psychological perspectives* (pp. 224-250). New York: Oxford University Press.
- Rotheram-Borus, M. & Langabeer, K. (2001). Developmental trajectories of gay, lesbian and bisexual youths. In A. D'Augelli & C. Patterson (Eds). *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: Psychological perspectives* (pp. 97-108). New York: Oxford University Press.

- Russel, G. & Bohan, J. (1999). Implications for public policy. In J. Bohan & G. Russell (Eds). *Conversations about psychology and sexual orientation* (pp. 139-164). New York: New York University Press.
- Santos, H. (2004). Sexo para o que der e vier: Masculinidade e comportamentos preventivos face à SIDA. In L. Amâncio (Org). *Aprender a ser homem* (pp. 91-120). Lisboa: Livros Horizonte.
- Savin-Williams, R. (2009). How many gays are there? It depends. In D. Hope (Eds). *Contemporary perspectives on lesbian, gay and bisexual identities* (pp. 5-42). New York: Springer.
- Schneider, M. (2001). Toward a reconceptualization of the coming-out process for adolescent females. In A. D'Augelli & C. Patterson (Eds). *Lesbian, gay and bisexual identities and youth: Psychological perspectives* (pp.71-96). New York: Oxford University Press.
- Sell, R. (2006). Defining and measuring sexual orientation for research. In I. Meyer & M. Northridge (Eds). *The health of sexual minorities: Public health perspectives on lesbian, gay, bisexual and transgender populations* (pp. 355-374). New York: Springer.
- Smith, S. (2004). Sexually underrepresented youth: Understanding gay, lesbian, bisexual, transgendered, and questioning youth. In J. Chin (Eds). *The psychology of prejudice and discrimination* (pp. 68-84). Westport: Praeger Publishers.
- Sue, D. (2010). *Microaggressions in everyday life: Race, gender and sexual orientation*. New Jersey: Wiley.
- Tabachnik, B. & Fidell, L. (2007). *Using multivariate statistics*. Boston: Pearson Education, Inc.
- Takács, J. (2006). *Social exclusion of young lesbian, gay, bisexual and transgender (LGBT) people in Europe*. Amsterdam: ILGA – Europe.
- Tharinger, D. (2008). Maintaining the hegemonic masculinity through selective attachment, homophobia, and gay-baiting in schools: Challenges to intervention. *School Psychology Review*, 37 (2), 221-227.
- Tiefer, L. (1999). Don't look for perfects: A commentary on clinical work and social constructionism. In J. Russel & G. Bohan (Eds). *Conversations about psychology and sexual orientation* (pp. 77-84). New York: New York University Press.
- Tully, C. (2000). *Lesbians and gays & the empowerment perspective*. New York: Columbia University Press.
- Vale de Almeida, M. (2010). O contexto LGBT em Portugal. In C. Nogueira & J. Oliveira (Org). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da*

*identidade de género* (pp.45-92). Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.

Walker, L. (2001). *Looking like you are: Sexual style, race and lesbian identity*. New York: The New York University Press.

Walls, E. (2008). Modern heterosexism and social dominance orientation: Do subdomains of heterosexism function as hierarchy-enhancing legitimizing myths? In M. Morrison & T. Morrison (Eds). *The psychology of modern prejudice* (pp. 225-260). New York: Nova Science Publishers, Inc.

Weill, C. (2009). *Nature's choice: What science reveals about the biological origins of sexual orientation*. New York: Routledge.

Whitley, B. & Kite, M. (2010). *The psychology of prejudice and discrimination*. Belmont: Wadsworth.

Wilkinson, W. (2004a). Authoritarian hegemony, dimensions of masculinity, and male antigay attitudes. *Psychology of Men and Masculinity*, 5 (2), 121-131.

Wilkinson, W. (2004b). Religiosity, authoritarianism, and homophobia: A multidimensional approach. *The International Journal for the Psychology of Religion*, 14 (1), 55-67.

Wilton, T. (2004). *Sexual (dis)orientation: Gender, sex, desire and self-fashioning*. New York: Palgrave MacMillan.

Zack, J. (2010). "I didn't know what to say..." Four archetypal responses to homophobic rhetoric in the classroom. *High School Journal*, 93 (3), 98-110.

## Anexos

### Anexo I – Protocolo de Questionários



### OPINIÕES SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL

1. Este estudo insere-se numa investigação no âmbito do Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde, da Universidade de Évora.
2. Estes dois questionários têm como objetivo recolher opiniões de Professores/as sobre aspetos relacionados com a Orientação Sexual.
3. As perguntas destes questionários estão construídas para que apenas tenha que assinalar uma cruz para responder.
4. Não existem respostas certas ou erradas, o que se pretende é simplesmente obter a sua opinião pessoal. Procure responder a todas as questões utilizando uma caneta ou marcador azul ou preto.
5. **Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos**, exclusivamente utilizados para análise estatística, no contexto do objeto de estudo.
6. **Por favor, preencha a ficha de caracterização pessoal no verso desta página.**

OBRIGADO PELA SUA PARTICIPAÇÃO!

## Caracterização Pessoal

1) Idade: \_\_\_\_\_

2) Sexo:

Masculino  Feminino  Outro

3) Orientação Sexual:

Heterossexual  Bissexual  Gay/Lésbica  Outro

4) Nível de Ensino lecionado:

2º Ciclo  3º Ciclo  Secundário  Universitário  Outro

5) Habilitações Literárias:

Licenciatura  Mestrado  Doutoramento  Outro

6) Área Científica/Grupo disciplinar que leciona: \_\_\_\_\_

7) Numa escala de 1 a 10, assinale a sua:

|                      | Nada Religioso/a |   |   |   |   | Muito Religioso/a |   |   |   |    |
|----------------------|------------------|---|---|---|---|-------------------|---|---|---|----|
|                      | 1                | 2 | 3 | 4 | 5 | 6                 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| a) Posição Religiosa |                  |   |   |   |   |                   |   |   |   |    |

|                                | Extrema esquerda |   |   |   |   | Extrema direita |   |   |   |    |
|--------------------------------|------------------|---|---|---|---|-----------------|---|---|---|----|
|                                | 1                | 2 | 3 | 4 | 5 | 6               | 7 | 8 | 9 | 10 |
| b) Posição política/ideológica |                  |   |   |   |   |                 |   |   |   |    |

## QUESTIONÁRIO DE OPINIÕES SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL (Massey, 2009; Gato, Fontaine & Carneiro, 2012)

As frases seguintes descrevem algumas opiniões relativamente à orientação sexual. Pedimos que para cada uma delas assinale, com a maior sinceridade, o seu grau de discordância/concordância utilizando a seguinte escala:

- 1 = Totalmente em desacordo
- 2 = Muito em desacordo
- 3 = Parcialmente em desacordo
- 4 = Parcialmente de acordo
- 5 = Muito de acordo
- 6 = Totalmente de acordo

|  | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        | 6                        |
|--|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
| 1 Acho as mulheres lésbicas nojentas.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 2 Os homens gay não são homens verdadeiros.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 3 A homossexualidade feminina é uma forma inferior de sexualidade.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 4 Admiro a força das mulheres lésbicas.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 5 Muitas lésbicas e gays ainda perdem oportunidades de emprego e promoções devido à sua orientação sexual.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 6 Casais homossexuais masculinos devem poder adotar crianças da mesma forma que os casais heterossexuais.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 7 Sinto-me restringido/a pelas expetativas que as pessoas têm sobre mim em função do meu género.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 8 Um programa escolar de educação sexual deveria referir-se a todas as orientações sexuais.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 9 Sinto-me restringido/a pelo rótulo de orientação sexual que me aplicam habitualmente.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 10 É compreensível porque é que grupos a favor dos direitos de lésbicas e gays ainda estão preocupados com a limitação social de oportunidades para gays e lésbicas. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 11 A condição dos gays e das lésbicas só pode melhorar quando começarem a ocupar posições importantes dentro do sistema na nossa sociedade.                          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 12 Se um homem tem sentimentos homossexuais deverá fazer de tudo para os ultrapassar.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 13 Sinto-me restringido/a pelo rótulo de género que me aplicam habitualmente.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 14 É importante para gays e lésbicas serem honestos para com os seus sentimentos e desejos.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 15 As mulheres lésbicas não conseguem ser femininas.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 16 Acho que as lésbicas são emocionalmente mais disponíveis que outras mulheres.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 17 Os homens heterossexuais têm algo a aprender com homens gay sobre relações de amizade com mulheres.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 18 Acho os homens homossexuais doentios.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 19 As organizações que promovem os direitos dos homossexuais são necessárias.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 20 As lésbicas estiveram na linha da frente no que diz respeito à luta e reconhecimento de direitos iguais às mulheres.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 21 Penso que os rótulos “homem” e “mulher” não são formas muito úteis de descrever diferenças entre as pessoas.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 22 Ser lésbica pode tornar uma mulher mais auto-suficiente.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 23 Preferia que os homens gay agissem sempre de forma mais masculina.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

|    | Totalmente em desacordo  |   |   | Totalmente de acordo |   |   |
|----|--|---|---|----------------------|---|---|
|    | 1  | 2 | 3 | 4                    | 5 | 6 |
| 24 | Lésbicas e gays habitualmente perdem bons empregos em função da discriminação que são alvo.                      |   |   |                      |   |   |
| 25 | A discriminação face a gays e lésbicas já não é um problema em Portugal.   |   |   |                      |   |   |
| 26 | Tal como noutras espécies, a homossexualidade masculina é uma expressão natural da sexualidade nos homens.       |   |   |                      |   |   |
| 27 | A maioria dos gays e lésbicas já não são discriminados/as.   |   |   |                      |   |   |
| 28 | A sociedade chegou a um ponto em que pessoas gay e pessoas heterossexuais devem ter iguais oportunidades.        |   |   |                      |   |   |
| 29 | Não me sinto confortável quando os homens gay agem de forma feminina.  |   |   |                      |   |   |
| 30 | Tal como os casais heterossexuais, os casais do mesmo sexo deviam poder adotar crianças.                         |   |   |                      |   |   |
| 31 | Homens heterossexuais têm coisas a aprender com homens gay no que diz respeito a moda.                           |   |   |                      |   |   |
| 32 | Gostaria de ter mais amigos gays.  |   |   |                      |   |   |
| 33 | É raro ver gays e lésbicas serem tratados de forma homofóbica na televisão.                                      |   |   |                      |   |   |
| 34 | Preocupo-me sobre os privilégios que a sociedade me dá / nega em função da minha orientação sexual.              |   |   |                      |   |   |
| 35 | As pessoas que assumem a sua homossexualidade devem ser admiradas pela sua coragem.                              |   |   |                      |   |   |
| 36 | As leis que regulam o comportamento sexual privado e consentido entre duas lésbicas devem ser menos restritivas. |   |   |                      |   |   |
| 37 | Sinto-me limitado/a pelos comportamentos sexuais que os outros esperam de mim.                                   |   |   |                      |   |   |
| 38 | Se um filho meu me dissesse que pensava poder ser gay eu encorajava-o a explorar esse aspeto de si mesmo.        |   |   |                      |   |   |
| 39 | A homossexualidade é um estilo de vida moralmente igual à heterossexualidade.                                    |   |   |                      |   |   |
| 40 | As conquistas que os movimentos pelos direitos civis que gays e lésbicas têm conseguido são admiráveis.          |   |   |                      |   |   |
| 41 | Os homens gay não conseguem ser masculinos.  |   |   |                      |   |   |
| 42 | As lésbicas não são mulheres verdadeiras.  |   |   |                      |   |   |
| 43 | Sinto-me desconfortável quando as lésbicas agem de forma masculina.  |   |   |                      |   |   |
| 44 | O crescente número de mulheres lésbicas é um indicador do declínio da moral na nossa sociedade.                  |   |   |                      |   |   |
| 45 | As lésbicas e os gays ainda precisam lutar por direitos iguais.  |   |   |                      |   |   |
| 46 | A ideia de casamento entre pessoas do mesmo sexo parece-me ridícula.   |   |   |                      |   |   |
| 47 | Se duas pessoas realmente se amam não deve importar se são homem e mulher, dois homens ou duas mulheres.         |   |   |                      |   |   |
| 48 | Gostaria de ter mais amigas lésbicas.  |   |   |                      |   |   |
| 49 | Preferia que as mulheres lésbicas fossem mais femininas.   |   |   |                      |   |   |
| 50 | Por si só a homossexualidade feminina não é um problema, o problema é o que a sociedade pode fazer dela.         |   |   |                      |   |   |
| 51 | Ser gay pode fazer com que um homem seja mais empático.  |   |   |                      |   |   |
| 52 | Ser criado num lar homossexual é muito diferente de ser criado num lar heterossexual.                            |   |   |                      |   |   |
| 53 | A sociedade melhora com a diversidade oferecida pelas pessoas gays e lésbicas.                                   |   |   |                      |   |   |



54 Celebrações como o “dia do orgulho gay” são ridículas porque assumem que a orientação sexual deve constituir um motivo de orgulho.

|   | Totalmente em desacordo  |                          |                          |                          | Totalmente de acordo     |                          |
|---|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|--------------------------|
|   | 1                        | 2                        | 3                        | 4                        | 5                        | 6                        |
| 55 De forma geral, as pessoas na nossa sociedade tratam gays e heterossexuais de forma igual.                             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 56 Sinto-me restringido pelas normas e regras da sociedade.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 57 Tento evitar contacto com homens gay.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 58 As lésbicas são doentias.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 59 Quando ouço falar numa relação amorosa, parto do princípio que são duas pessoas do sexo oposto.                        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 60 A homossexualidade feminina é uma ameaça a várias das nossas instituições sociais básicas.                             | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 61 A homossexualidade feminina põe em causa o resto da sociedade uma vez que quebra com a divisão natural entre os sexos. | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 62 A homossexualidade feminina é um pecado.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 63 A legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo abalou os princípios fundamentais da sociedade.                 | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 64 Acredito que a maioria das pessoas é na sua essência bissexual.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 65 Se uma filha minha me dissesse que pensava poder ser lésbica eu encorajava-a a explorar esse aspecto de si mesma.      | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 66 As lésbicas têm muito a ensinar a outras mulheres sobre serem independentes.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 67 Tento evitar contacto com mulheres lésbicas.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 68 Gays e lésbicas deviam parar de impingir o seu estilo de vida aos outros.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 69 É fácil compreender a revolta dos grupos gays e lésbicos no nosso país.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 70 Homens gay são mais criativos que homens heterossexuais.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 71 Acredito que os pais e mães homossexuais são tão competentes como os pais heterossexuais.                              | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 72 A homossexualidade masculina é apenas um estilo de vida diferente que não deve ser condenado.                          | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 73 Os avanços conseguidos em relação a direitos civis de gays e lésbicas melhoram de forma geral toda a sociedade.        | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 74 Acho que os homens gay são emocionalmente mais disponíveis que homens heterossexuais.                                  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 75 Vejo o movimento gay como algo positivo.   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 76 Comportamentos homossexuais entre dois homens são algo que simplesmente está errado.                                   | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 77 Gays e lésbicas devem ser admirados por viverem as suas vidas em constante adversidade (social/política/cultural).     | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |
| 78 A homossexualidade masculina é uma perversão.  | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> | <input type="checkbox"/> |

OBRIGADO PELA SUA COLABORAÇÃO!

## Anexo II – Pedido de Autorização às Escolas



Exmo./a. Sr./a.  
Diretor/a do  
Agrupamento \_\_\_\_\_  
Dr./a \_\_\_\_\_

No âmbito da dissertação do Mestrado em Psicologia da Universidade de Évora, área de Especialização em Psicologia Clínica e da Saúde, o mestrando Pulo Pelixo, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Madalena Melo, está a desenvolver uma investigação acerca das perspetivas de professores/as sobre orientação sexual.

Esta investigação pretende contribuir para uma escola mais inclusiva, onde o respeito e a aceitação das diferenças individuais e da diversidade sexual sejam premissas fundamentais.

A concretização desta investigação implica que uma amostra professores do 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> ciclos do Ensino Básico e do Ensino Secundário responda a um questionário, expressando a sua opinião relativamente a um conjunto de afirmações.

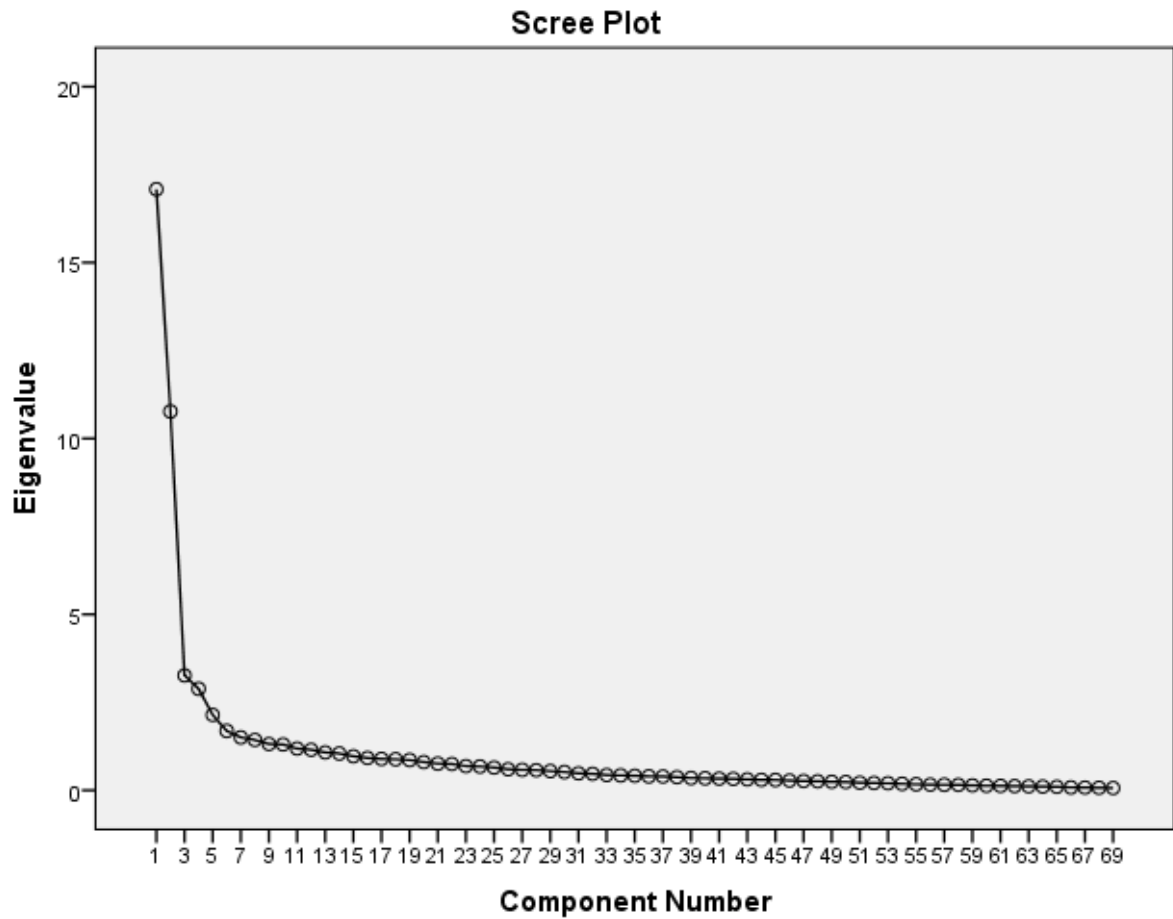
Para a realização desta investigação, torna-se imprescindível a colaboração da Escola que V. Ex.<sup>a</sup> dirige, pelo que se solicita autorização para que os questionários possam ser passados aos professores dessa escola. Salvaguarda-se que a investigação em causa não representa nenhum tipo de encargo financeiro para a instituição e que serão assegurados todos os procedimentos éticos na condução do estudo, nomeadamente o consentimento informado de todos os participantes. Importa salientar que a finalidade desta investigação é unicamente académica, e que será salvaguardada a confidencialidade dos dados recolhidos.

Esperando uma resposta positiva à autorização solicitada, agradecemos desde já a atenção dispensada e apresentamos os melhores cumprimentos

Évora, \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
**Mestrando:** Paulo Pelixo  
**Orientadora:** Madalena Melo

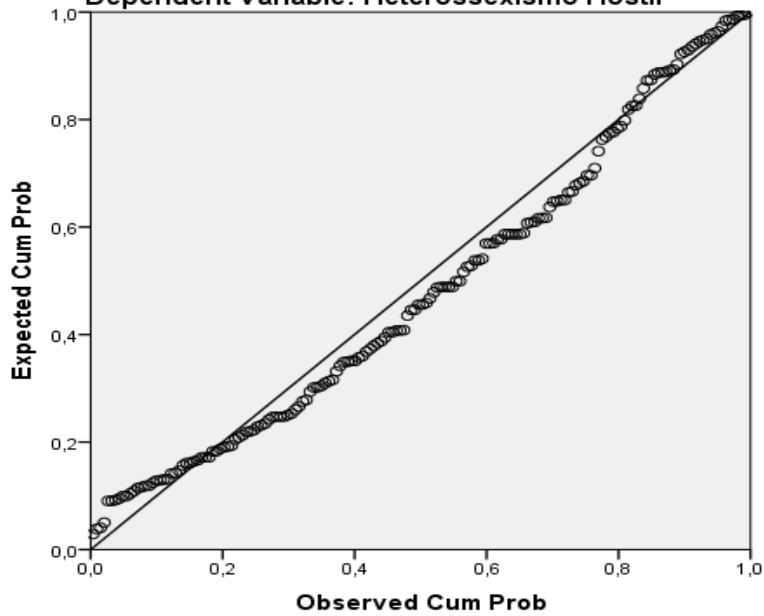
**Anexo III – Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória do Questionário de Discriminação Preconceito Polimorfo face a Lésbicas e a Gays**



## Anexo IV – Gráficos P-P e Scatterplot (Modelo 1)

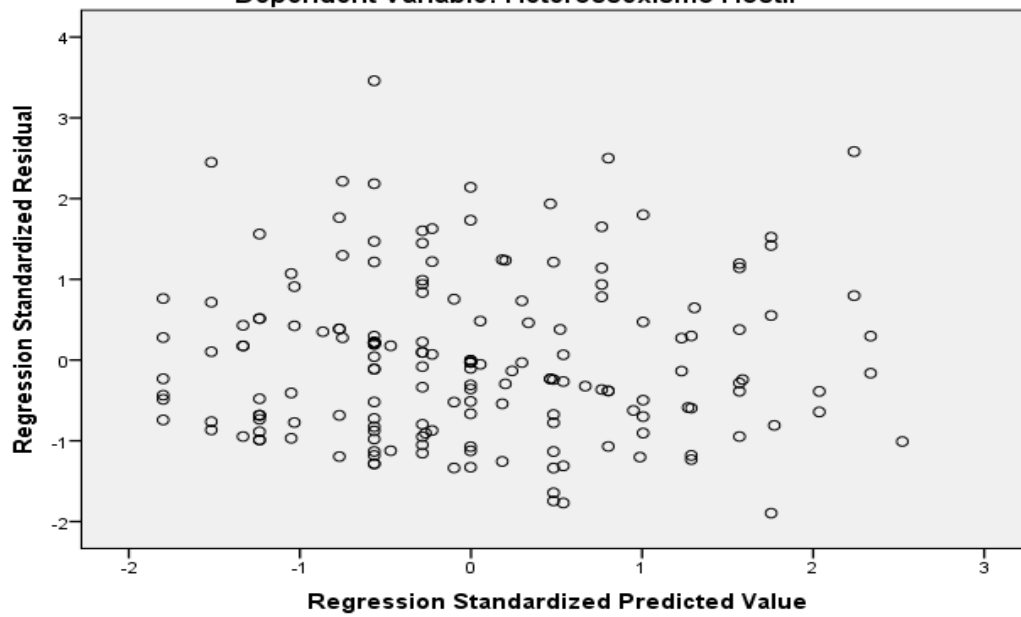
Normal P-P Plot of Regression Standardized Residual

Dependent Variable: Heterossexismo Hostil



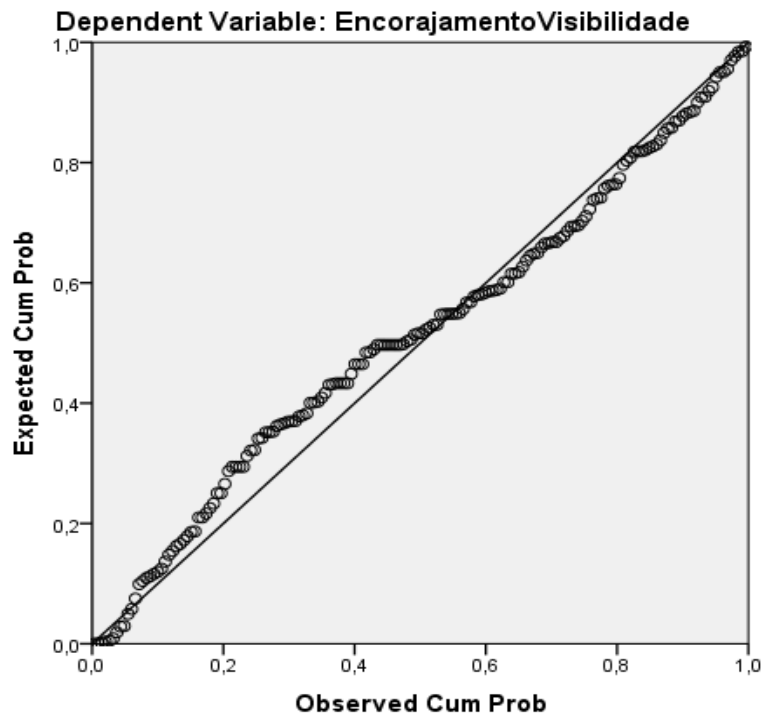
Scatterplot

Dependent Variable: Heterossexismo Hostil

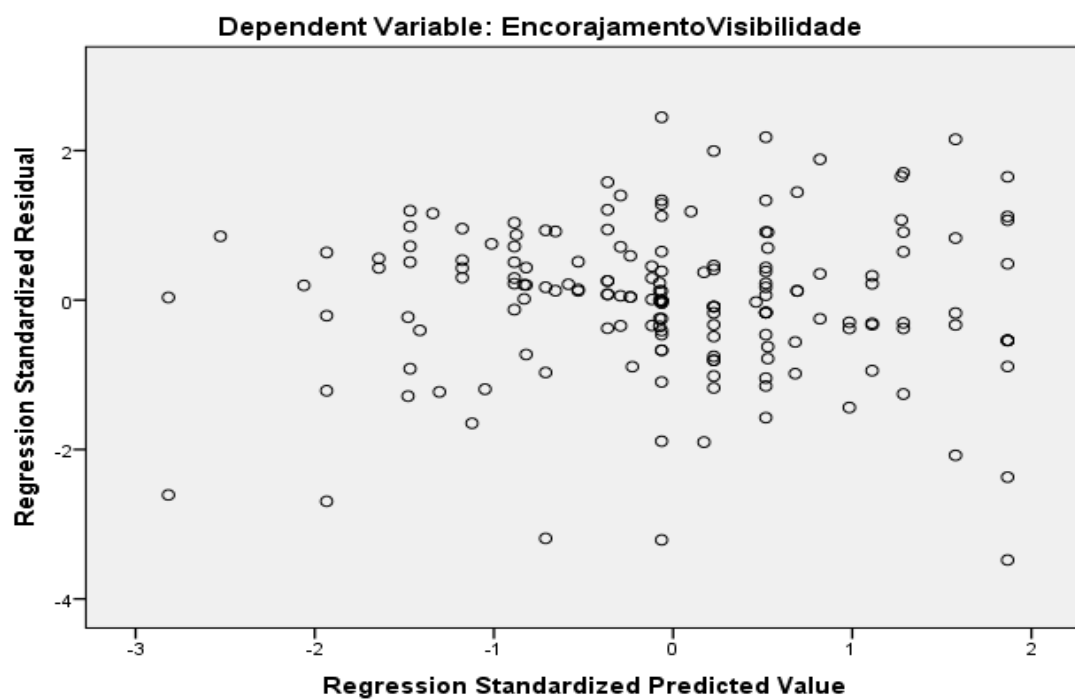


## Anexo V – Gráficos P-P e *Scatterplot* (Modelo 2)

Normal P-P Plot of Regression Standardized Residual

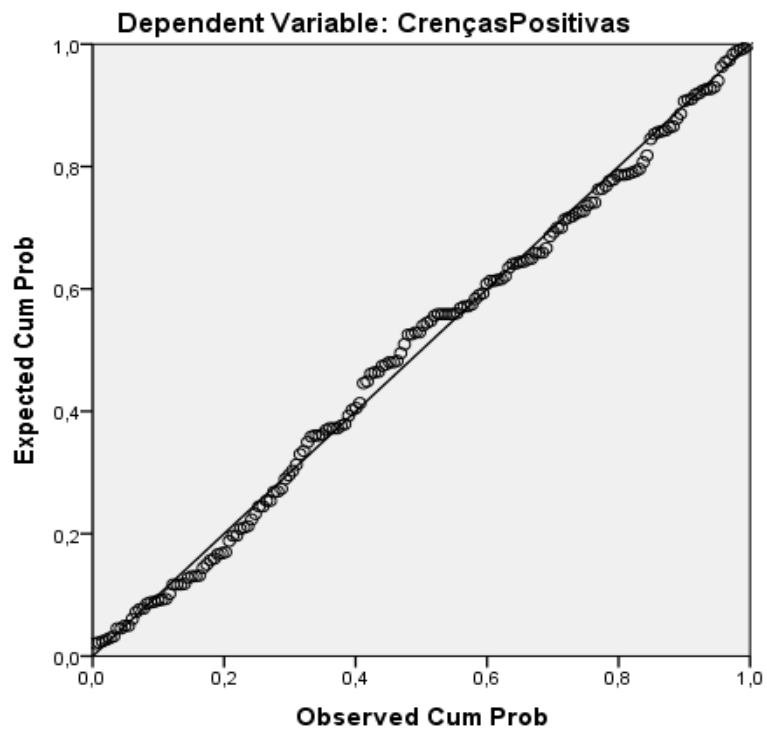


Scatterplot



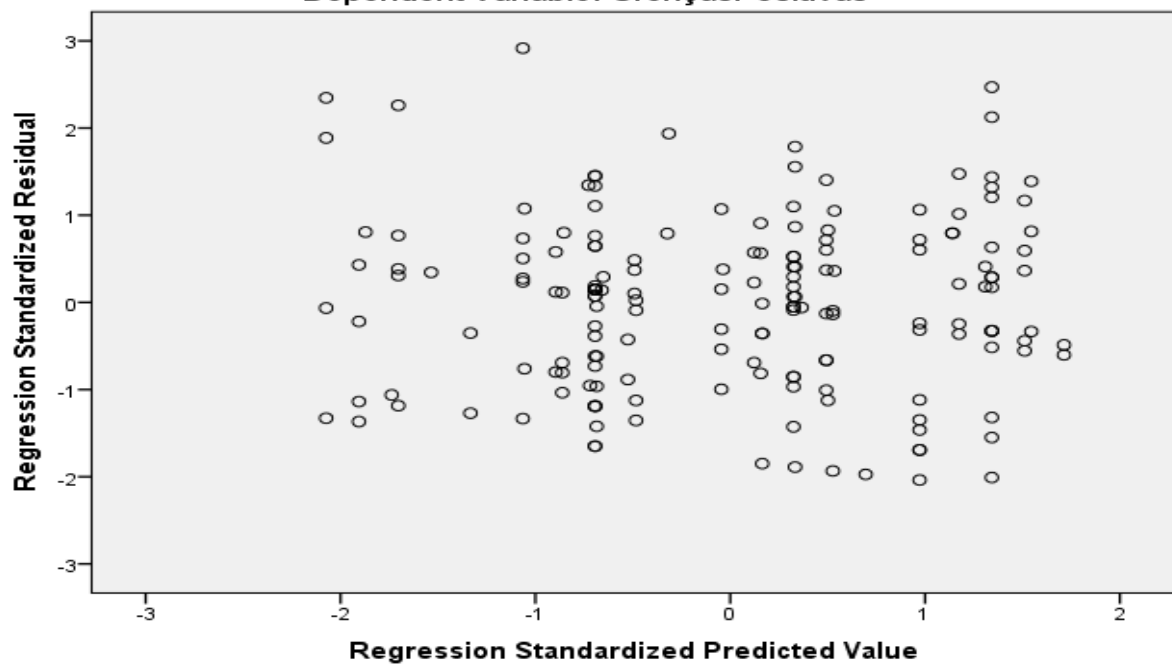
Anexo VI – Gráficos P-P e *Scatterplot* (Modelo 3)

Normal P-P Plot of Regression Standardized Residual



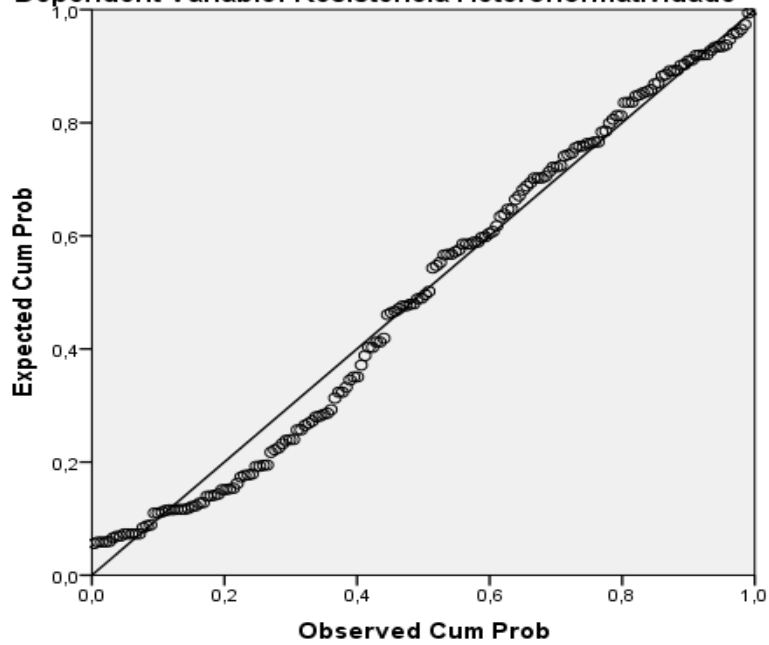
Scatterplot

Dependent Variable: CrençasPositivas



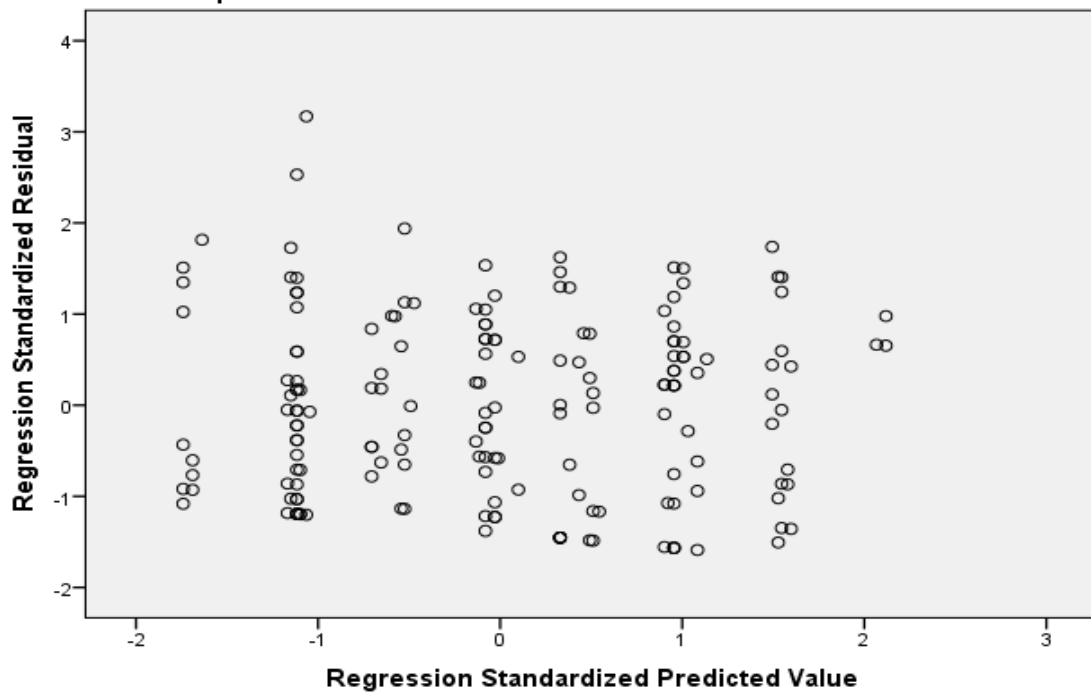
Anexo VII – Gráficos P-P e Scatterplot (Modelo 4)

Normal P-P Plot of Regression Standardized Residual  
Dependent Variable: Resistência Heteronormatividade

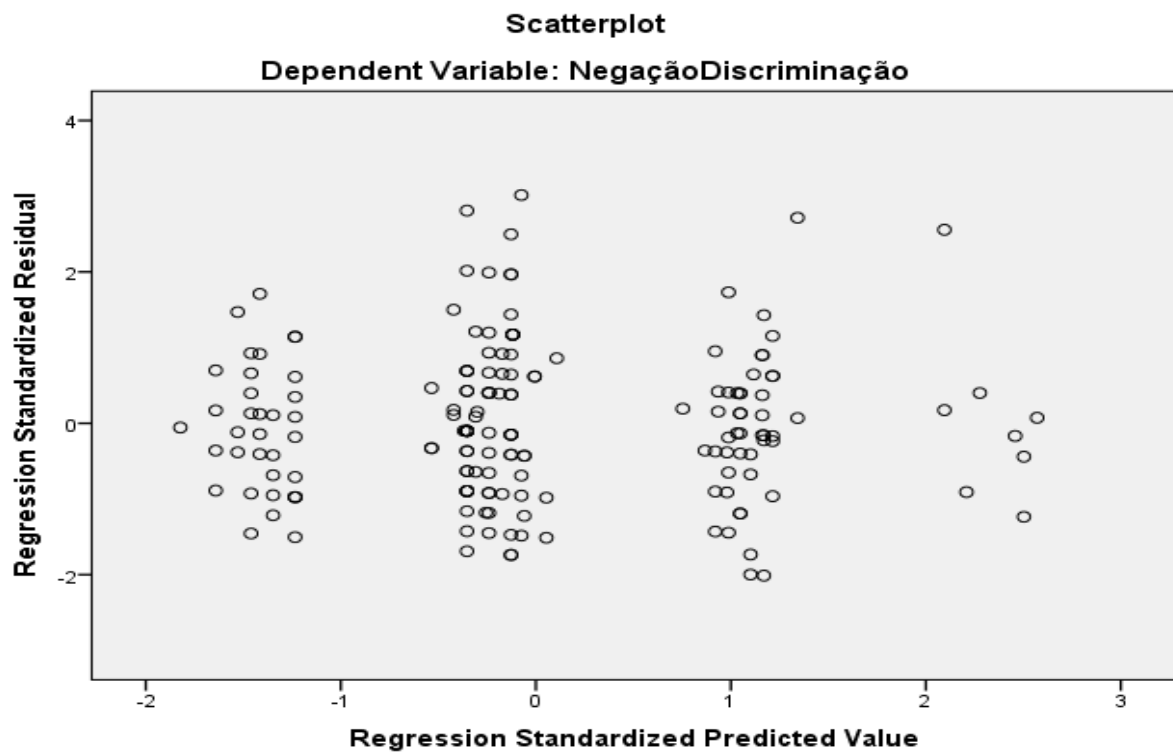
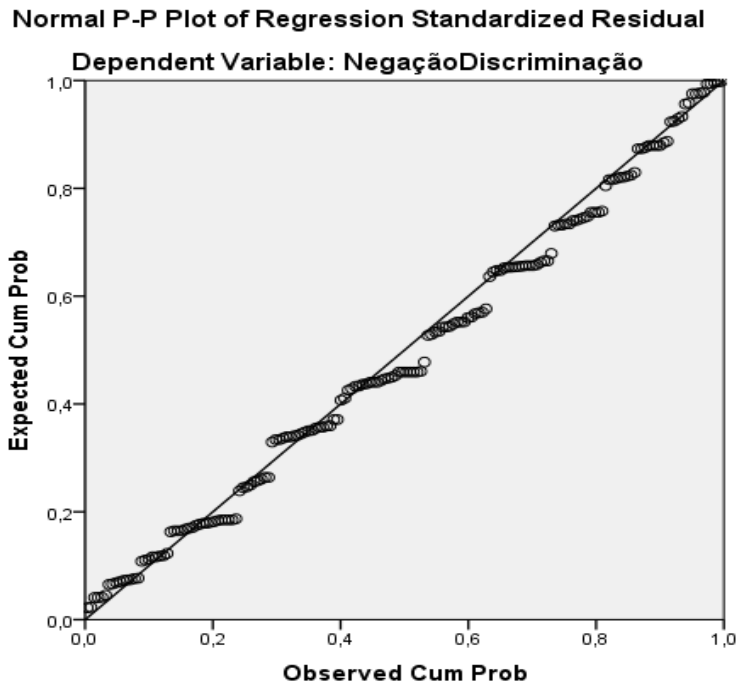


Scatterplot

Dependent Variable: ResistênciaHeteronormatividade



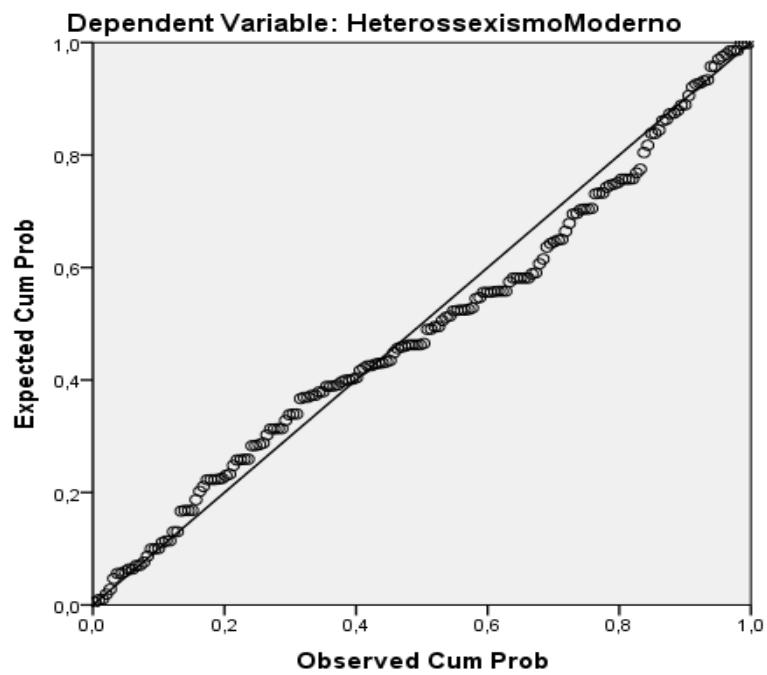
## Anexo VIII – Gráficos P-P e Scatterplot (Modelo 5)





## Anexo IX – Gráficos P-P e *Scatterplot* (Modelo 6)

Normal P-P Plot of Regression Standardized Residual



Scatterplot

